

# DIÁLOGOS SILENCIOSOS

Flávio Romero Guimarães





## Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



## Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

### Conselho Editorial

Luciano do Nascimento Silva (UEPB)

Antônio Roberto Faustino (UEPB)

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

### Conselho Científico

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Miliello (UNIPA / IT)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)



Editora filiada a ABEU

## EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

FLÁVIO ROMERO GUIMARÃES

# DIÁLOGOS SILENCIOSOS



Campina Grande - PB

2019

Copyright © EDUEPB

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

## **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

### **Diretor**

Luciano do Nascimento Silva

### **Design Gráfico e Editoração**

Erick Ferreira Cabral  
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes  
Leonardo Ramos Araujo

### **Revisão Linguística**

Elizete Amaral de Medeiros  
Antonio de Brito Freire

### **Divulgação**

Danielle Correia Gomes

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

---

G963d      Guimarães, Flávio Romero.  
              Diálogos silenciosos [Livro eletrônico]. / Flávio Romero Guimarães. –  
              Campina Grande: LATUS, 2019.  
              1300 Kb. - 334 p.

**ISBN - 978-85-63984-65-4 (E-book)**

**ISBN - 978-85-63984-64-7 (Impresso)**

1. Cônica Brasileira. 2. Discurso Silencioso. 3. Polissemia Poética. 4. Interatividade Verbal. 5. Crônica – Gênero textual. I. Título.

21. ed. CDD B869.94

---

Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15º368

## **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bodocongó - Bairro Universitário  
Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br>  
e-mail: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

Nada neste mundo faz sentido  
se não tocarmos  
o coração das pessoas.  
Se a gente cresce com  
os golpes duros da vida,  
também podemos crescer  
com os toques suaves da alma.

**Cora Coralina**



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| PREFÁCIO,  | 13 |
| À GUISA DE PARATEXTO:<br>PUXANDO OS FIOS DO TECIDO..., | 17 |
| À BEIRA-MAR,   | 29 |
| A DOR DA MORTE,  | 32 |
| A FELICIDADE POSSÍVEL,                                 | 35 |
| A VIDA É UM PIÃO,                                      | 38 |
| AMOR IDIOTA,   | 40 |
| AMORES ETERNOS?,                                       | 42 |
| ANDALUZIA, SIN PACO!,                                  | 44 |
| APENAS UM SOPRO,                                       | 45 |
| ÁRVORES,   | 47 |
| AULAS DE SOLIDÃO,                                      | 49 |
| BAQUE VIRADO,  | 53 |
| BECO SEM SAÍDA,  | 57 |
| BECOS DA VIDA,   | 58 |
| CAIXA DE PANDORA,                                      | 61 |
| CANSEI,  | 65 |
| CASTELOS DE AREIA,                                     | 66 |
| CATARSE,   | 67 |
| CENTELHA DE DEUS,                                      | 69 |
| CHEGOU,  | 70 |
| CHORAR,  | 71 |

CONFISSÃO, 74  
CRIAÇÃO DE DEUS, 77  
CULPA, ONDE?, 80  
DAMA DA NOITE, 82  
DE TODOS OS NOMES, 84  
DECISÕES, 86  
DIREITA GOLPISTA, 89  
DIVINA COMÉDIA HUMANA, 90  
DOIS CAMINHOS, 92  
EM UMA LÁGRIMA, 94  
ENSINAR: PARA QUE?, 95  
ENTARDECER, 98  
ENVELHECENDO, SEM PARQUE!, 99  
EPITÁFIO, 102  
ESPELHOS, 103  
ESQUINA, 106  
ESSÊNCIA DO NATAL, 108  
ESTRANHA LOUCURA, 110  
EU, PERDIDO NO TEMPO, 111  
FECHAR A GESTALT, 112  
FERIDAS, 115  
FESTA NO CÉU, 116  
FEZ-SE LUZ!, 121  
FILHAS DO BOTOX, 123  
FINAL DE AMOR À VIDA?, 126  
FINITUDE DO AMOR, 129  
FORTALEZAS APARENTES, 130  
FRACASSO, 133  
FRÁGIL E FORTE, 134  
GRANDIOSIDADE, 136

HÁ CURA?, 138  
HIPOCRISIA NATALINA, 140  
HOJE À NOITE, 141  
HOMEM OU O POLÍTICO?, 142  
HOVE UM NOVO TEMPO!, 145  
IMERGIR, 148  
JANELA, 149  
JURAS DE AMOR, 151  
LÁGRIMAS, 152  
LAR DE MARIA, 153  
LIBERDADE, 155  
LINHAS PONTILHADAS, 156  
LUCIÉRNAGAS, 159  
LUGAR ÚNICO, 161  
MACHO OU HOMEM?, 163  
MAPEAMENTO DA ALMA, 166  
MÁSCARAS, 169  
MEDO, 172  
MEMÓRIAS, 175  
METAMORFOSE, 177  
MEU UMBU-CAJAZEIRA, 178  
MINHA GESTALT, 181  
MINHA UTOPIA, 184  
MONOSSÍLABOS, 185  
MULETAS OU ASAS?, 187  
MUNDO DOS DESCARTÁVEIS, 191  
NÃO ACREDITO EM ACASO, 195  
O APITO DO TREM, 197  
O GATO E O RATO, 199  
O TEMPO PRESENTE, 201

PAI, AFASTA DE MIM ESTE QUALIS!, 203  
PAIXÃO ERRADA?, 208  
PAIXÃO, 211  
PALAVRA, 213  
PARAR O TEMPO!, 215  
PASSOU, 216  
PAZ NO SILÊNCIO, 217  
PEDRAS NO CAMINHO, 219  
PERFECCIONISMO HUMANO, 224  
POETIZAR A VIDA, 225  
PONTEIROS DO RELÓGIO DA VIDA, 227  
PONTES E SONHOS!, 229  
POR COMPAIXÃO E AMOR!, 231  
POR HORA!, 234  
PORTAS E MONSTROS, 236  
PREMONIÇÃO, 239  
PROJETO DE VIDA, 241  
PRONOMES OBLÍQUOS, 243  
QUESTÃO DE ESCOLHA, 246  
REENCONTRO, 251  
RELAÇÕES DESNATURADAS, 254  
RELIGIOSOS?, 256  
RESGATE, 258  
RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA, 260  
RETICÊNCIAS, 263  
ROUBARAM, 266  
SAUDADE, 268  
E TU FORES FLOR, 270  
SE UM DIA, 271  
SEM NUNCA TER SIDO, 272

SEMENTES, 275  
SEMPRE ROSAS, 279  
SOLIDÃO?, 281  
SOLITÁRIO, 283  
SONHOS, 284  
SUSPIRO SEGUINTE, 286  
SUTIL INSTINTO, 288  
TEATRO, 289  
TECENDO LAÇOS, 291  
TEMPO, VIDA E MOVIMENTO!, 293  
TEOREMA DE PAIXÃO, 295  
TRILHAS DA VIDA, 296  
TRILHAS DESCONHECIDAS, 298  
UM DIA PARA SER FELIZ, 299  
UM DIA, UMA FERPA!, 302  
UM FILME, 306  
UM JOVEM: ESQUÁLIDO E PÁLIDO, 308  
UM NOVO OLHAR, 313  
UMA CASA, UMA SAUDADE,  
E TANTAS AMIZADES, 316  
VALE TUDO?, 318  
VENTO, 321  
VINHO E ÁGUA, 323  
VOAR?, 327  
VOLTAR AO PASSADO, 328  
ZÉ, FELIZ, DA ROÇA!, 330



## PREFÁCIO

Encontrei pela primeira vez o amigo Flávio Romero à sombra de uma frondosa mangueira, em tarde agradável de domingo. Essa oportunidade me foi dada pelo meu pai, João Amaral, que é amigo de longa data do poeta-filósofo-humanista-professor Flávio Romero.

Foi à sombra dessa mangueira, envolvida pelas brisas suaves da tarde domingueira que travamos nossas primeiras conversas.

Cheguei assim, timidamente, apresentada por meu pai a Flávio como a poetisa da família... Engraçado, foi identificação imediata, em pouco tempo, eu que não sou de muita fala diante de pessoas que não conheço bem, vi-me a conversar de forma desabrida e sem nenhum acanhamento.

E o encontro seguiu seu curso, conversas pelo *Facebook*, troca de ideias, de poemas, de conhecimentos, confidências... Tanta coisa em comum, encontramos!

Certo dia recebo surpresa um convite: “Quero que escrevas o prefácio do livro **“Diálogos Silenciosos”**”.

Convite aceito com satisfação e, devo confessar, um frio na barriga!

Por que eu?

Ora, Flávio é do meio acadêmico, conhece pessoas muito mais preparadas para tal feito!

Mas, convite aceito.

Com muita honra e emoção, debruço-me sobre os seus **“diálogos silenciosos”**...

Agora, após viajar pelas estradas, pelos becos, pelos escaninhos desses “diálogos”, compreendo a razão do convite. Era uma proposta de uma linda amizade.

Dizia o amigo Flávio: “conheça-me, por meio dos meus **Diálogos silenciosos**”.

E, agora, após agradável leitura de **“Diálogos Silenciosos”**, ousou dizer:

Conheço o Professor Flávio Romero, uma alma brilhante que caminha a se encantar com a vida, a se extasiar com o amor, a sonhar, como é natural em todo poeta, porém com toda consciência e coerência de um professor, de um cidadão politizado e atuante.

A imagem do nosso primeiro encontro, à sombra da mangueira, na agradável tarde de verão me volta à mente. Aquela frondosa mangueira simboliza a imagem de uma amizade fértil, suave e enriquecedora.

Suas raízes significam um encontro profundo de almas que comungam com muitos ideais comuns, o seu tronco mostra a solidez da amizade nascida pela admiração e confiança mútuas, os galhos múltiplos indicam que muito ainda há o que se desvendar em alma tão rica, as folhas verdes, amarelas, avermelhadas o colorido da riqueza de uma fértil amizade e que colhemos e apreciemos os doces frutos das belezas literárias que saberemos desfrutar.

**“Diálogos Silenciosos”**, obra de cunho intimista, de um escritor que não teme em desnudar a alma.

Vale ser lida, relida, meditada e, sobretudo, saboreada, devagar, como se sorvêssemos um vinho de safra muito especial.

Parabéns, amigo Flávio Romero Guimarães, pela excelência da obra! Obrigada pela oportunidade de uma leitura tão rica e gostosa!

**Vólia Loureiro,**

João Pessoa, 03 de dezembro de 2016.



## À GUIA DE PARATEXTO: PUXANDO OS FIOS DO TECIDO...

*MARIA DIVANIRA DE LIMA ARCOVERDE*  
(*Universidade Estadual da Paraíba*)

Uma obra literária pode ser considerada uma produção discursiva, histórica e cultural. É um entrelaçamento de vozes que dialogizam socialmente a linguagem, levando em conta a estreita ligação entre língua e sociedade. Essa perspectiva é a pedra angular do pensamento bakhtiniano, cujo conceito de linguagem é construído pelo fôlego filosófico e literário da língua, em ininterrupto e perpétuo *devenir*! Essa dialogicidade se apresenta, não como uma comunicação face a face ou como um diálogo numa narrativa, mas se instaura no tecido discursivo, no sentido amplo do termo, entendido como vasto espaço de lutas entre vozes sociais, como teoriza o pensador russo Bakhtin. Neste sentido, Flávio Romero constrói um tecido literário, a partir de formações dialógicas/ideológicas, (o signo é sempre ideológico), cuja tessitura é elaborada na teia social onde estão inseridos seus interlocutores.

Sendo assim, suas trocas enunciativas funcionam no discurso literário como um mostruário, num embate de cosmogonias dialogizadas, onde o princípio da interatividade verbal se

estabelece. Percebemos que o autor considera que **todo dizer** faz parte integrante da dinâmica de criação, que se realiza e se mostra de diferentes formas, inclusive, nos silêncios, que muitas vezes, falam mais do que calam. Daí intitular seu livro de **“Diálogos Silenciosos”**! Parece um paradoxo, poderiam dizer alguns. No entanto, no dizer de Eni Orlandi, o silêncio “é a fala de muitos gumes”. Em estudos sobre os silenciamentos, a autora nos convida a refletir sobre o tema, afirmando que o silêncio, tanto quanto a palavra, tem suas condições de produção. Ao silenciar sobre algo, o locutor prende o interlocutor no quadro discursivo permeado por esse silêncio, que pode estar contido nos implícitos! Quem já não ouviu dizer que para se fazer uma boa leitura é preciso ler as entrelinhas ou ler o que está por trás do texto? São esses “silêncios” que Flávio sugere em seus textos, ora em prosa, ora em versos, pois os gêneros podem hibridizar-se, cruzar-se, fazendo o texto assumir matizes no contexto discursivo, transformando-se em “imagens artísticas”. Quando em prosa, as crônicas nos surpreendem! Quando em poemas, as isotopias como propriedade discursiva desse gênero, resultado da linguagem figurada, nos fornece uma leitura pluralizante nas unidades de significação. Exige do leitor um olhar diferenciado e “atiça o desejo de ler os implícitos”, sob a ótica de Ghedin e Franco. Compete ao leitor buscar os sentidos, que não se esgotam em si mesmo, mas revestem-se da complexidade da realidade, ou seja, desdobram-se em outros sentidos, o que ocasiona, muitas vezes, um processo “hiperisotópico”, ou seja, uma polissemia poética.

O autor de **“Diálogos Silenciosos”** nos presenteia com uma temática plural em que podemos perceber a sua fluidez verbal, a sua proficiência de escritura e o seu discurso sempre dialógico, ideológico e reflexivo! É como se ele fizesse

um “mapeamento da alma”, nos convidando a refletir sobre a vida, o amor, a solidão, a felicidade, a finitude da existência, o homem, a natureza, a política, a catarse, a paixão, os sentimentos, a vida acadêmica, o tempo, os sonhos... Podemos perceber, então, que **“Diálogos Silenciosos”** é um “caldeirão heteroglóssico”, onde sob o curso de uma postura crítica, devemos assumir uma atitude hermenêutica que possa educar nosso olhar para mergulhar na profundidade do texto e buscar o discurso silencioso, isto é, o que não é aparente. Um olhar que queira ver o invisível, vislumbrando a possibilidade de descobrir aspectos relevantes sobre o objeto lido, observado, como nos orienta Ghedin e Franco. Para tanto, é preciso que nosso olhar volte-se para um complexo processo de leitura em que a percepção e interpretação componham múltiplas representações do mundo. O próprio autor nos incita a refletir sobre o olhar, mostrando no texto “Espelho”, que “os olhos funcionam como a expressão energética do corpo e da alma”. Na nossa percepção, olhar significa pensar, refletir, que é muito mais que olhar e aceitar passivamente as coisas. Olhar, neste sentido, exige mudança e atitude diante do mundo, que é exatamente o que Flávio expõe em seu texto “Espelho”!

Desta forma, a grande metáfora do diálogo se estabelece nesta criação literária, na composição textual do gênero crônica que “tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”. Como diz Wellington Pereira (2014), a crônica está presa à fluidez temporal e a cada organização social. Esse gênero textual enuncia os eventos sociais reconhecidos e determinados de acordo com a instituição do tempo. Flávio tem consciência disto, pois assevera sobre o tempo, na crônica *À Beira-Mar*: “O tempo exerce sobre a vida um poder incontrolável que subjuga os sonhos e as ilusões, desnudando a frágil condição humana”.

Diz, ainda, que “O presente é o único tempo em que podemos exercer a falsa ilusão de que dominamos um instante diminuto das nossas breves existências”. Desta forma, a crônica, à luz da implacável temporalidade, passa a ser elo de uma cadeia que dinamiza as relações entre os sujeitos interlocutores, porque mobiliza sentidos gerados no evento comunicativo. Esse gênero textual enfoca as relações fragmentadas do mundo moderno e o cronista procura entender a nova ordem de enunciação imposta pela sociedade. Surgem, assim, as metáforas espaço-temporais, em cujo “cronotopo”, termo cunhado por Bakhtin, se estabelece a reconstrução imagética da representação estética. O fluir ondulante do tempo transita na crônica, como se o plano real quisesse fundir-se no plano ficcional. Esse horizonte nos permitiu deduzir que o autor parece firmar um diálogo entre o ontem e o hoje, para que “A máquina do tempo ao estufar o peito do passado, tornasse o presente transitável para o futuro”, sob a ótica de Silviano Santiago. Com Barthes, poderíamos lembrar que a metáfora têxtil é redimensionada e o texto passa a ser visto, sobretudo, como ato humano, produção cultural fundada na linguagem. A crônica de Flávio Romero, com matizes literários, tem seu significado ampliado, e sob a força das implicações circunstanciais, decorrentes da experiência existencial, ele reconstrói, caleidoscopicamente, a realidade, fincado a tudo que diz respeito à condição humana.

Não é fácil, portanto, identificar nas inúmeras crônicas de Flávio, essa outra linguagem que se reveste de outro código e se constitui num sistema próprio. A construção de sentido no universo literário de **“Diálogos Silenciosos”** abrange um percurso gerativo de enunciação, como resultado de um fazer poético, fruto da subjetividade do autor, que nos impele a questionar como ele próprio indaga: “O que há para além daquela

janela?”, concebendo-se aqui, o termo “janela,” como uma metáfora desencadeante, que nos propicia o desfiar do novelo.

Nesta perspectiva, o cronicário de Flávio se apresenta numa hibridização temática, formando um emaranhado discursivo que se corporifica e dimensiona esses “diálogos silenciosos”! É forçoso, então, “ficar entorpecido pela embriaguês da leitura”, como sugere o autor. É preciso “insistir em dominar o cenário, contando com a ajuda dos fortes ventos, que sopram cada vez mais distante, os flocos branco-escurecidos de fofas nuvens. O tempo impõe novos desideratos existenciais”. Os temas se interceptam, como uma tessitura de redes discursivas, e o autor adentra em outra temática: a felicidade. Assevera que “A felicidade se expressa nestes instantes em que um pequeno detalhe ou os fatos aparentemente insignificantes da vida tocam a alma. Assim, não adianta esperar um pote de ouro onde nasce o arco-íris”. É preferível acreditar na assertiva de Gandhi: “Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho”. Conclui que “O futuro é incerto e imprevisível. Por que reservar ao amanhã a conquista de uma suposta felicidade plena, se Deus, na expressão de Sua Bondade infinita, já nos concede em abundância a felicidade possível nos diversos instantes vividos no cotidiano?”

Neste contexto, os fatos humanos, entre eles, os discursos, assumem sentidos fronteiriços. Poderíamos dizer que seria o que Bhabha denomina de “ponte” que acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens, para lá ou para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... Expandem-se as fronteiras para um discurso religioso! As marcas discursivas são visíveis! Intensificam-se os cruzamentos temáticos! São fios que se reconfiguram em teares coloridos em permanente ebulição. O autor afirma convicto que “O poder criativo do

Pai Celestial é sempre fecundo e insondavelmente dinâmico”. Caracteriza-se, então, o discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus, por meio de seus fiéis ou representantes. Na sua visão, “Para encantar a noite e despertar as inspirações dos poetas, o Pai salpicou o céu de incontáveis astros, concebendo o firmamento”. Vemos a explicitude de alguém que se coloca com Espírito de Fé, que podemos considerar como um dos parâmetros em que se constitui o escopo do discurso religioso. É preciso ter Fé! Como diz Estevão Fernandes, “Quem redescobre o caminho da Fé pega carona nas asas da esperança. Como águia, voa sobre os montes, sobrevoa todas as barreiras da vida. Passa a conhecer novas estradas, pavimentadas de luz e adornadas pelas cores da alegria, do louvor e da esperança. Anda segurando na mão de Deus e sabe que é um vencedor”. Flávio tem consciência disto e assegura isto em sua crônica “Decisões”: “Consegui juntar pedaços da minha alma, quando os contextos existenciais eram absolutamente fragilizados. Fui capaz de transformar as dores em canções e as tristezas em poesias”, na certeza de que “A criação de Deus é feita de inigualáveis sons, múltiplas cores e inimitáveis cheiros”. Consolida-se, então, a segurança de que em seu ecletismo, nessa tela dialógica há espaço para múltiplas pinturas de cores variadas como arco-íris multifacetados em gotas de luz! O poder da palavra no texto “Criação de Deus” mostra a evidência do mecanismo da performatividade, que está ligada intimamente a uma noção de linguagem como ação. Não como ação decorrente do falar, mas como ação organicamente inscrita no próprio ato do dizer. Flávio, em suas convicções, declara que “Muitas vezes, clamamos aos céus grandes intervenções em nosso favor. No entanto, olvidamos contribuir com a obra da criação, por meio da cota individual a serviço do amor ao próximo”.

O autor estabelece, em contínuo, o seu tear, tecendo fios da própria vida, abrigados nesse gênero que se instaura, que se interconecta em um contexto social, religioso, cultural e político, desenhando formas, metaforizando a linguagem e nos envolvendo em um jogo literário. Como atesta Rachel de Queiroz: “em arte a gente não quer astúcias intelectuais, mas vida pulsando, embora sem saber como pulsa e por que pulsa”.

Nesse contexto, ele escreve “Festa no Céu”, de forma criativa e matreira, fazendo uma alegoria sobre Ariano Suassuna chegando ao céu! Conta que “com a prudência peculiar dos seres privilegiados da Criação (será?), o Anjo coloca o olho, profundamente azul, por uma brecha aberta pelo tempo na enorme porta de mogno escuro” [...]. Narra os acontecimentos inusitados sobre essa chegada e conta que Suassuna “inventa de escrever um folhetim cultural no céu, e não se dando por satisfeito, ainda convence Deus a convocar dois assistentes para o novel trabalho literário”. E abrindo a porta do céu, abruptamente, anuncia:

“Entre logo, Hermano José, antes que a greve de fome espiritual de Adelma Irineu dure até à sua nova reencarnação”. Como vemos, Flávio brinca com as palavras para homenagear Suassuna, como emblema de nossa humanidade e cultura, pela sua representatividade no cenário cultural e insere, também no cenário, mais dois personagens, jornalistas queridos de Campina Grande, configurando esse cenário em mobilizações discursivas. É a hermenêutica do texto, evidenciando uma face das possíveis realidades. Nesse texto, acontece uma imersão discursiva acentuada pelo caráter lúdico, ressaltando as astúcias de Ariano Suassuna, gerando e privilegiando a cultura do riso. O autor procura embaralhar os fatos, de maneira bem humorada, como se embaralha as cartas no jogo e na vida. Tomando

o Céu como parâmetro de “Metáfora Espacial”, Flávio contribui para a composição do imaginário transcultural. Insere, ainda, uma “Metáfora Temporal”, no sentido de tempo terreno x tempo espiritual. Quebra o conceito de linearidade temporal da história universal pela ideia de simultaneidade.

Seu discurso como sujeito histórico não deixa passar nada. Em suas várias facetas, dribla a linguagem e imprime a costura do texto em prosa, com o texto em verso, mesclando nesse tecido um esquema recorrente. O autor situa-se, assim, em um “lugar aparentemente vazio”, cumprindo um ritual que instaura no campo literário um discurso que não é imaculadamente livre de envolvimento social. Em sua obra, temos dizeres já ditos em uma estratificação que representam o dizível, num hibridismo denso que envolve o humano e seu cenário de enunciação. Ele ocupa, então, um “entre-lugar” como sugere Silviano Santiago, subvertendo as antigas antinomias e hierarquias e assume uma posição que representa a literatura, como prática transcultural..

E nessa esteira enunciativa, Flávio insere a temática da política! Nesta temática, a terrível “Moça Caetana”, como chamava Ariano Suassuna, numa admirável alegoria da morte, a partir de um mito sertanejo, permeia seus enunciados, uma vez que reflete na crônica “O homem ou o político” sua perplexidade diante dos episódios da vida. Anunciava-se a morte de Eduardo Campos! Sua surpresa é exposta na crônica, por “não ouvir um só comentário que registrasse a dor ou o lamento pela perda, simplesmente, de um homem”. Para ele, “a essência do ato foi desvirtuada em favor de reflexões superficiais e imediatistas”. Vemos nestes enunciados de Flávio, o humanismo, em relação à amplitude do tema. A morte para ele passa a ter uma rede significações. Representa uma imagem que no plano concreto se reveste de teor misterioso, introduzindo o inexplicável.

Estabelece a importância ante a dialética da compreensão! Flávio ressalta que “aprendeu enxergar a morte com os olhos do respeito. O respeito concebido como um dos valores mais importantes do Ser humano e de fundamental importância na interação social”. Para ele, “a dor da morte iguala a todos. A dor da perda é a expressão mais verdadeira da penosa aniquilação do corpo físico”. De forma intertextual, cita Charles Chaplin: “A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”. Flávio “soma-se aos aplausos silenciosos daqueles que enxergam as cortinas se fecharem para o pai, o filho, o esposo, o irmão”, [...] o ser humano, enfim... Como atesta Bandeira em sua poética da morte “Tudo é milagre/ Tudo, menos a morte/ Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres”.

Percebemos no autor dessas crônicas que a marca autoral de **“Diálogos Silenciosos”** constitui um estatuto ficcional de práticas discursivas e de sua força inventiva, em relação entre o real e o artístico. É legítimo afirmar que todos nós fabricamos consciente ou inconscientemente pontos de partida que são tantas outras origens. Construimos “Pontes e Sonhos” nas “Trilhas da vida”. Para o cronista “Há homens que constroem pontes. Outros preferem optar por atalhos, sem enfrentar os obstáculos”. É preciso, ainda, decidir se queremos “ser ponte ou travessia”, como explora reflexivamente no texto “Cansei”. Como o autor mesmo diz “A vida é um turbilhão e os sentimentos que a permeiam nos faz verificar que “Com a dor, crescemos. Com as mágoas, crescemos. Com os prazeres, crescemos. Com os momentos felizes, crescemos”. De tudo, portanto, ficam “marcas registradas na pele intangível das nossas almas”.

Os temas continuam em “Linhas pontilhadas”! Relembrando o início de sua escolaridade, Flávio confessa que “não vale a pena tentar reescrever a história, por cima das linhas pontilhadas. Cada dia é uma nova página. Novas palavras para novos enredos”!

E nesses novos enredos, os diálogos continuam... Se continuássemos “puxando os fios do tecido”, cerziríamos um tecido maior, sobre os silêncios que o texto literário oportuniza. Temas existenciais como O Amor, a Solidão, Pedras no Caminho, Lágrimas, Paixão e outros, nos propiciariam “panos pras mangas” para novas costuras, para outros teares, para longa conversa... Todos esses temas exigiria uma leitura crítica mais profunda. Penetrar nos meandros temáticos citados daria oportunidade para percursos de sentido mais amplos desse universo discursivo. No entanto, “cautela e caldo e galinha não fazem mal a ninguém”, já didatiza o provérbio popular. Deixo aos demais leitores descobrirem novos sentidos, outras interpretações, outros pontos de vista e diferentes aspectos do processo de criação do autor. Em seu texto “Palavras” cita Victor Hugo: “as palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade”. As palavras em “**Diálogos Silenciosos**” trazem para nós, seus interlocutores, a leveza do vento, pois o imenso tecido desta obra apresenta fios que se reconfiguram em teares multifacetados, em permanente ebulição, e forma um mosaico dialógico que se configura, silenciosamente.

Asseguramos, seguindo a trilha de Mário Vargas Llosa, que “ainda me eletrizam a espinha e me provocam esse desassossego exaltado e esse pasmo feliz em que mergulham” a construção poética e o universo simbólico de Flávio Romero. Seja nas Crônicas ou nos Poemas!

Finalmente, comungamos com Bakhtin, na certeza de que muito há, ainda, a dizer, sobre **“Diálogos Silenciosos”!**

**“Ainda não aconteceu nada de conclusivo no mundo; a última palavra do mundo não foi dita; o mundo é aberto e sempre há de estar no futuro”.**

Campina Grande, 28 de novembro de 2016.



## À BEIRA-MAR

Certo dia, sentado à beira-mar, lia com indisfarçável prazer o romance: “Onde as paralelas se encontram” da poetiza campinense Vólia Loureiro.

Não era um dia daqueles em que a orla do Bessa se assemelha a uma espécie de formigueiro humano em que cada espaço é disputado freneticamente por cada um e por todos os banhistas.

Era uma segunda-feira de um tempo qualquer.

Nem lembro se além de mim, outra pessoa estava “plantada” na praia naquela manhã.

A trama romântica absorvia a minha atenção.

Estava positivamente entorpecido pela embriagante leitura.

Veza por outra, olhava o entorno do cenário que me acolhia naquela segunda-feira de um tempo qualquer.

O céu estava com um azulado intenso, como se os próprios deuses intensificassem a dispersão para provocar uma alta intensidade de luz, para além da média normalidade.

É certo que algumas nuvens, do tipo cúmulos-nimbos, próximas da superfície da Terra, com suas formas largas e fofas, de tonalidade escura, prenunciavam que poderia ocorrer uma breve tempestade, típicas do litoral do Nordeste.

Assim, o céu azulado e o sol intenso, insistiam em dominar o cenário, contando com a ajuda dos fortes ventos, que sopravam para cada vez mais distante, os flocos branco-escurecidos de fofas nuvens.

Eu olhava o movimento dessas nuvens.

Num segundo, a forma se assemelhava a traquino gnomo.

Ou a carrossel de um antigo parque de diversão.

No sopro de vento seguinte, os gnomos se dispersavam e o carrossel se desmontava, fazendo surgir espécies flutuantes de flocos globulares.

Ato contínuo, os flocos voltavam a se aglutinar, surgindo dromedários, serpentes, coelhos, aves e tantos outros representantes da fauna global.

Num segundo tão breve quanto curto, múltiplos cenários se descortinavam à luz da minha retina.

Noutros instantes, observava o movimento sincronizado das ondas do mar que pareciam dançar sob o encanto das mitológicas sereias, filhas do rio Achelous e da musa Terpsícore.

As ondas que perdiam a força à medida que banhavam os meus pés, apagavam as marcas pretéritas deixadas por mim na areia, formada por partículas diminutas de rochas degradadas, finamente divididas em grãos.

Assim como as nuvens se dispersavam e mudavam de forma no céu, as marcas na areia eram apagadas com a dispersão das débeis ondas que se faziam diminutas ao tocar os meus pés.

Num segundo tão breve quanto curto, as nuvens mudaram e as marcas sumiram.

Ao presenciar, embevecido, os dois cenários que se faziam constantemente novo à minha frente, não pude deixar de pensar no tempo.

O tempo que exerce sobre a vida um poder incontável que subjuga os sonhos e as ilusões, desnudando a frágil condição humana.

O tempo que põe à mostra a nossa insustentável pequenez e a nossa inquestionável finitude.

Não dominamos nem o passado e nem o futuro.

O presente é o único tempo em que podemos exercer a falsa ilusão de que dominamos um instante diminuto das nossas breves existências.

Quando pensamos que estamos dominando o presente, o tempo presente se torna passado e passamos a pensar no futuro, tempo imprevisível e sempre incerto.

Mais uma vez, passamos a depender do sopro do vento ou dos movimentos sincronizados das ondas do mar.

Como asseverou Albert Einstein: “A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente”.

Fecho o romance de Vólia Loureiro.

O tempo me impõe novos desideratos existenciais.

Fez-se meio-dia em minha vida.

Fui!

## A DOR DA MORTE

Por que sentimos uma pujante dor diante da morte?

É uma dor forte, filha do desengano.

A dor da morte iguala a todos.

Não faz nenhuma distinção.

É dor que entristece os pobres e os ricos.

Faz brotar as lágrimas em negros e em brancos.

Aperta o peito dos religiosos e dos ateus.

Em qualquer idioma.

Em qualquer época da história.

A dor da perda é a expressão mais verdadeira da penosa aniquilação do corpo físico.

Penso que a dor é o elemento que mais caracteriza a repulsa que temos à ideia da morte.

O ténue laço criado com frágil inconstância se desfaz.

Muitas vezes, com a ruptura deste laço, também morrem os sonhos e as ilusões.

Se a morte é a única certeza, por que sucumbimos na dor ante esta regra inexorável?

A morte é uma espécie de cobrador que vem ao encontro de cada um de nós para cobrar uma dívida impagável.

Infelizmente, é um cobrador que não concorda em negociar.

Aparece no momento que julga oportuno.

Não segue nenhuma regra racional de temporalidade.

Gaba-se de dominar a imprevisibilidade.

Ao cobrar a dívida, retirando o sopro da vitalidade, o cobrador leva com ele, muitas vezes, como uma espécie de juros, as doces esperanças e as chamas da fé dos que na Terra permanecem.

Ao fechar a porta, concluindo o seu desiderato, o cobrador frio deixa para trás uma dor que não some.

Uma dor que consome.

A dor pela ausência do ente querido faz surgir questionamentos acerca do sentido da vida.

Algumas vezes, a dor aumenta com resquícios de sentimento de culpa.

Cada um se culpa, por não ter feito muito mais pelo ser querido, que já não se encontra no plano físico.

Pensamos: “Eu poderia ter amado bem mais. Brigado bem menos. Compartilhado mais os múltiplos instantes da vida. Ter sido mais presente. Ter sido mais afetuoso”.

Diante da morte, tudo que pensamos em fazer no presente, faz parte do passado.

Infelizmente, a morte é um filme que não admite reprise.

Qual o lenitivo para esta dor?

Não tenho respostas.

Mas, se a morte é um filme sem reprises, a vida é a expressão mais sublime dos cenários nos quais gravamos novas películas.

A vida continua célere e desafiadora para os que continuam na Terra.

É preciso envidar todos os esforços emocionais para que a vida não se torne monocromática.

É preciso salpicar de tonalidades multicoloridas os cenários daqueles que ficaram.

Felizmente, a dor é superada na medida do possível e aos poucos, inclusive pelo fortalecimento dos laços de amor e de solidariedade entre os que ficaram.

Fica, portanto, uma última reflexão:

Faça sempre pelo próximo o máximo que puder, inclusive por meio de gestos de carinho, de afeto e de bondade.

Desta forma, quando o cobrador bater à porta, o devedor que se despede da vida antes de nós, levará na mala, o legado do bem e do bom que lhes proporcionamos, em tempo.

Confúcio, poeta e filósofo chinês, com uma sabedoria profunda, afirmou: “Para quê preocuparmo-nos com a morte? A vida tem tantos problemas que temos que resolver primeiro”.

Qual o primeiro problema que temos que resolver no instante presente?

Olhar para o ente querido que está ao nosso lado e reafirmar o amor que sentimos.

Afinal, pode ser a última oportunidade de fazê-lo.

Ou você pensa diferente?

## A FELICIDADE POSSÍVEL

O poeta e escritor português Fernando Pessoa, considerado um dos ícones da língua portuguesa e da literatura universal, ao falar sobre o valor da vida, assim se expressou: “às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido”.

Penso que a felicidade se expressa nestes instantes em que um pequeno detalhe ou os fatos aparentemente insignificantes da vida tocam à alma.

O ser humano vive numa busca incessante e frenética pela felicidade. Muitos a projetam nas grandes conquistas nos campos profissional, afetivo e social, por exemplo.

Ao colocar a felicidade plena como foco da trilha existencial, deixamos de perceber que a vida é marcada por momentos felizes, que uma vez vividos com a devida intensidade, representam a felicidade possível no instante presente.

Alguns vivem na ansiedade por conquistar a felicidade num tempo futuro, sem dar o devido valor aos instantes felizes que se multiplicam no tempo presente.

Neste sentido, é importante lembrar a frase de Gandhi, que diz: “Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho”.

Assim, não adianta esperar encontrar um pote de ouro onde nasce o arco-íris.

As moedas vão surgindo ao longo da caminhada formando, em seu conjunto, o tesouro que tanto almejamos.

Muitas vezes ouvimos a seguinte frase: “Estou sorrindo tanto hoje que, com certeza, vai acontecer alguma coisa ruim no amanhã”.

Ou, ainda: “Hoje estou tão bem que desconfio que algo ruim irá acontecer em minha vida”.

Na minha leitura, estas duas frases representam uma espécie de chantagem subjetiva inconsciente.

Explico:

De alguma forma, o nosso inconsciente, talvez alicerçado num instinto de defesa, nos cobra uma atitude de alerta constante, em face dos momentos felizes vividos e das supostas relações destes com as tribulações futuras da vida.

A chantagem é exatamente esta, ou seja, a cobrança inconsciente de uma atitude preventiva quanto aos momentos de tristeza, de aflição, de dor e de perdas, entre outros.

Assim, parece que o nosso inconsciente sempre deseja nos deixar numa situação de alerta, como se ao homem não fosse dado o direito de, por meio de suas atitudes e de seus comportamentos, saber retirar, inclusive destes momentos de tribulações, saldos positivos que contribuam para o seu amadurecimento e o seu crescimento individual.

É por conta desta espécie de chantagem subjetiva e inconsciente que desconfiamos dos momentos felizes da nossa vida, inclusive achando que eles prenunciam instantes de tristeza, de descontentamento ou de dor, no tempo futuro.

Neste sentido, penso que cada instante de felicidade vivido representa um fragmento insubstituível da felicidade plena que almejamos. Ou melhor, talvez este fragmento seja a felicidade plena que o momento existencial nos proporciona e que deve ser intensamente vivido.

Com base neste pensamento, creio que a felicidade plena que esperamos conquistar numa vida inteira, pode ser vivida nos momentos especiais que a caminhada existencial proporciona.

Nesta perspectiva, concordo com a assertiva já citada de Mahatma Gandhi de que felicidade plena não está no fim da caminhada e sim no próprio caminhar.

Finalmente, recorro a uma frase do escritor e dramaturgo alemão Johann Goethe que corrobora com a presente reflexão: “Na plenitude da felicidade, cada dia é uma vida inteira”.

Assim, se a plenitude da felicidade transforma cada dia vivido numa vida inteira, que cada um possa viver com intensidade os instantes felizes que a existência nos proporciona, sem nenhum temor de que eles sejam prenúncios de tribulações futuras.

Se, portanto, o futuro é incerto e imprevisível, por que reservar ao amanhã a conquista de uma suposta felicidade plena, se Deus, na expressão de Sua Bondade infinita, já nos concede em abundância a felicidade possível nos diversos instantes vividos no cotidiano?

## A VIDA É UM PIÃO

Mexe com a cabeça e o coração,  
Feito o giro de um pião,  
No momento em que é jogado.  
Cria no seu eixo um compasso,  
Perde a força,  
Passo a passo,  
Marcando trilhas pelo chão.

Prende o olhar e a atenção,  
Rodopiando ao som de uma canção,  
Que não se escuta, mas existe.  
Ao tombar sem movimento,  
Deixa um recado,  
Para quem tem o olhar centrado,  
Não apenas no momento.

A vida é igual a um pião,  
A gente gira pelo chão,  
Fazendo ciclos,  
Escrevendo a história.

Mas há também as seguidas paradas,  
Que pautam a caminhada,  
Ao encontro do nosso Eu.

Parar não é uma finalização,  
Os ciclos seguem pelo chão,  
Com os novos giros do pião.

A mão que orienta a nossa trilha,  
Recomeça sempre o jogo da vida,  
Amarrando o brinquedo no cordão,  
E lançando outra vez no chão.  
A vida é um pião.  
Rodopiando pelo chão.

## AMOR IDIOTA

Já ouvi tantas expressões sobre o amor: poéticas, apaixonadas, vibrantes, e exultantes.

Amarguradas, sofridas e inquietantes.

“Amor: 4 Letras, 2 Vogais, 2 Consoantes e 2 Idiotas” (Bob Marley).

Ouso discordar do cantor, guitarrista e compositor jamaicano e maior responsável pela popularização do *reggae*. Em muitos casos de amor, não existem dois idiotas. Somente existe um idiota.

Tati Barnardi, falando da idiotice do amor, assevera: “O amor deixa a gente tão idiota, que caímos antes das fichas”.

O mais comum, no entanto, é nos darmos conta que fomos idiotas, quando as fichas caem.

Nestes casos, o que antes era amor, sofre uma brutal, indomável e inexplicável metamorfose.

Na lacuna deixada, surge a mágoa, a decepção, a raiva, o ódio, o desprezo, a indiferença etc.

Nenhum destes sentimentos negativos vale a pena alimentar.

Na verdade, devemos fazer do terreno das nossas almas, um espaço sempre fertilizado para que o amor germine e crie profundas raízes.

Quando você pensa que um amor acabou, começa a enxergar no terreno na alma, o surgimento de uma nova planta, cuja espécie você desconhecia, dava muito pouco valor, mas que estava bem próxima de você, esperando apenas ser cultivada.

Quando fertilizamos o nosso terreno emocional, múltiplas oportunidades de amor surgem.

Como dizia William Shakespeare: “Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém... Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim... E ter paciência para que a vida faça o resto...”.

Já fui um idiota no amor.

E você?

## AMORES ETERNOS?

Sempre escuto os casais apaixonados falarem: “este é meu amor verdadeiro”. Ou, por meio de outras palavras: “esta é a pessoa da minha vida”. Ou, finalmente: “encontrei a minha alma gêmea, minha outra banda da laranja, a pessoa que me completa”.

Que me perdoem quem pensa desta forma.

Mas, sinceramente, não acredito que o amor seja algo que a gente vai substituindo, a cada fracasso. Que seja um produto banal que se descarta em algum momento indesejado. Que seja um “objeto” que se coloca, estrategicamente, num depósito, bem distante dos nossos olhos, quando já não há interesse. Que seja uma espécie de “lixo” emocional que se joga para debaixo do tapete.

Certamente, existem pessoas que vivem toda uma “eternidade” com outra, por meio de relações indissolúveis. Algumas pessoas vivem uma história de verdadeiro amor e de afetiva cumplicidade. Outras pessoas vivem uma história de aparências. Fazem das múltiplas conveniências, a aliança mais forte, inquebrantável e indissolúvel. Mas, esta é outra história. É outro texto. Outro contexto.

O que quero dizer é que cada pessoa que passa por nossa vida e com as quais nos relacionamos, foi importante e única, num dado contexto existencial. Ao fazer parte do nosso universo

afetivo, a outra pessoa já foi especial, de *per se*. Não creio que seja prudente estabelecer comparações. Não há um amor maior ou um amor menor. Não há importância maior ou menor.

Todas as pessoas com as quais nos relacionamos, indistintamente, tiveram a sua importância na construção dos nossos alicerces existenciais, pelo bem que proporcionaram e até pelo mal que causaram. Até quando nos machucaram ou nos feriram, deixaram lições apreendidas e marcas inapagáveis.

Alguém é capaz de afirmar que teve um relacionamento com alguém que não foi especial no contexto vivido? Se usar de franqueza e de verdade, haverá de concordar: os momentos vividos fazem das pessoas sempre especiais, pelo menos em determinados instantes lembrados. Se cada um parar para pensar, vai admitir que de cada amor vivido, ficaram dividendos existenciais.

Da dor, crescemos. Das mágoas, crescemos. Dos prazeres, crescemos. Dos momentos felizes, crescemos. De tudo, portanto, ficam marcas registradas na pele intangível das nossas almas.

Portanto, se deixam marcas, as marcas não são substituídas. Novas marcas vão surgindo, no ciclo constante das ressignificações das emoções e dos sentimentos.

Finalmente, que os amores sejam eternos, prazerosos e infinitos.

Enquanto durem, como bem disse Vinícius de Moraes.

## ANDALUZIA, SIN PACO!

Silencia tu guitarra para siempre.

No hay sonido y ni un solo acorde.

Llora el campo en Andalucía.

Flores sin colores y sol sin brillo.

Senderos estrechos en Algeciras.

Luna oscura sin poetas.

Muere Paco de Lucía.

Símbolo más expresivo de la renovación y la difusión mundial del flamenco.

No ha muerto de una manera común.

Cayó en la playa, jugando con sus hijos.

Había nacido para llenar nuestros corazones de gozo y alegría.

Él murió, dejando un legado que nunca será olvidado.

## APENAS UM SOPRO

Apenas um sopro apaga a luz de uma vela.

Um belo castelo de areia é destruído por uma única onda do mar. Uma grande árvore frondosa é derrubada por um vento passageiro. O fogo mais sutil transforma em cinzas a lenha mais densa.

A luz da vela assemelha-se ao brilho de nosso templo interior.

O castelo de areia representa os nossos sonhos e ilusões.

A árvore frondosa é comparada às nossas vidas, cujas raízes estão fincadas no terreno das emoções.

A lenha densa é associada à concretude do nosso temperamento.

A luz do nosso templo interior muitas vezes é apagada por um sopro de maldade e de inveja.

Nossos sonhos e ilusões são, muitas vezes, destruídos por uma onda de discórdia e de maledicência.

A sustentação das raízes no terreno das nossas emoções, muitas vezes, é abalada pela falta de tolerância e de compreensão.

Muitas vezes, a temperança e a serenidade que devem prevalecer nos desdobramentos atitudinais do nosso temperamento,

são desequilibrados pela força vigorosa de palavras indutoras do mal.

Por estas razões, é importante ficar em constante alerta.

Apenas um sopro apaga a luz de uma vela.

## ÁRVORES

Creio que a existência do ser humano pode ser comparada com a de uma árvore.

Quando brota de uma frágil semente, o pequeno broto carece de cuidados extremos e especiais.

À medida que o tempo vai passando, a diminuta árvore ainda precisa ser zelada pelos jardineiros.

No entanto, até a quantidade de água é paulatinamente reduzida.

Com o passar dos anos, a árvore adquire plena vitalidade.

Torna-se pujante.

Os galhos conquistam os céus na medida em que as raízes se tornam mais profundas.

Assim como uma árvore frondosa, apesar das profundas raízes e dos vigorosos galhos, ventos fortes podem derrubá-la.

Portanto, a maturidade do ser humano deve ser regada com a serenidade e a temperança.

Muitas vezes, a poda também é necessária para que os grandes galhos não invadam os terrenos alheios.

A prudência e a paciência são requisitos essenciais nesta poda.

Desde o brotar da semente até a firme fixação no solo na condição de árvore frondosa, a vitalidade depende da luminosidade solar.

O ser humano, também carece de luz para manter acesa a chama do seu templo interior.

Portanto, sejamos semelhantes às árvores frondosas que se projetam ao infinito, alimentadas pela luz, sem perder a necessária fixação no solo da realidade existencial.

## AULAS DE SOLIDÃO

Caminhando sozinho pelas ruas estreitas de Salamanca (Espanha) na tarde de ontem (26 de abril de 2014), na medida em que olhava com encantamento os monumentos, as praças, as Igrejas e os múltiplos detalhes de uma cidade com tanta história que se assemelha a um museu a céu aberto, repentinamente me veio à mente a reflexão sobre a solidão.

À noite, chegando ao hotel, escrevi uma poesia em que tentei matizar o meu sentimento em relação à solidão por mim vivida, naquele contexto de caminhar sozinho pelas ruas estreitas da monumental cidade da comunidade autônoma de *Castilla y León*.

Comumente, se afirma que a solidão é um sentimento no qual a pessoa vive uma profunda sensação de vazio e de isolamento.

Penso que a solidão é mais do que a expressão da ausência da companhia de uma ou de mais pessoas.

Não associo a solidão exclusivamente à sensação de profunda dor, de pujante tristeza ou de dilacerante isolamento.

Certamente, existem contextos que nos levam ao isolamento, caracterizado pelo sentimento de solidão, com traços marcantes de dor na alma.

No entanto, também acredito que há uma espécie de solidão associada à catarse.

Segundo o filósofo grego Aristóteles, a catarse refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama.

Na minha concepção, também existe a catarse que provoca as mudanças atitudinais, nascida de uma descarga emocional provocada pela solidão reflexiva.

A escritora e jornalista ucraniana, naturalizada brasileira, Clarice Lispector, ao falar da solidão, assim se expressou: “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

Certamente, a inesquecível escritora de origem judia, não falava de um sentimento mórbido e dilacerante, ao afirmar que a sua força emanava da solidão.

Talvez a escritora falasse da solidão dos monges.

Da solidão dos eremitas.

Da solidão dos românticos.

Da solidão dos poetas.

Da solidão dos artistas.

A solidão que cria pontes intangíveis com a dimensão espiritual da vida.

Pontes que nos conduzem à presença de Deus, de uma forma mais intensa, mais viva e racionalmente inexplicável.

A solidão que conduz à introspecção, essencial à compreensão da dimensão social do ser humano mas, também, à compreensão de que o caminho à felicidade é muitas vezes trilhado no pessoal isolamento.

O jornalista gaúcho Mauro Santayama afirmou: “Educação para a vida deveria incluir aulas de solidão”.

Concordo plenamente com o ilustre jornalista.

Há tantos conteúdos imprestáveis aprisionados nas “grades curriculares”.

Tantas coisas que são supostamente “ensinadas” e que não aporta nenhuma contribuição efetiva às nossas vidas.

Gostaria de ministrar aulas de solidão.

No programa da “disciplina”, incluiria um tópico intitulado: solidão e incompletude da alma.

Nesta aula, refletiria com os alunos sobre a questão de que as pessoas sempre estão à procura de outra que a complete ou que a faça feliz.

Busca-se a alma gêmea.

A metade da laranja.

Ou a cara metade.

A tampa da panela.

Ou até o sapato velho.

Da minha solidão nasceu a compreensão de que não quero ser alguém pela metade que careça de outra pessoa, igualmente pela metade, para me completar.

Não aceito laranja pela metade.

Nem tampa que abafe o conteúdo da minha panela existencial.

Quanto ao sapato?

Nada de sapatos velhos que apresentam o couro amassado, a cor alterada ou possíveis buracos no solado.

Quero sapatos novos que tornem mais bonitos o conjunto do meu vestuário, além de tornarem a minha caminhada mais confortável.

Da minha solidão nasceu a compreensão de que ninguém me completa.

Da minha solidão nasceu a certeza de que a minha felicidade não depende de outra pessoa, essencialmente.

Se não posso ser alguém por completo, também não quero ser em outra vida, um ser pela metade.

Com o tempo, a solidão configurou-se como um instrumento subjetivo de minha liberdade.

Na solidão penso.

Na solidão reflito.

Na solidão cresço.

Na solidão me liberto.

Como disse Fernando Pessoa: “A liberdade é a possibilidade do isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo”.

Portanto, caminhar solitariamente pelas ruas estreitas de Salamanca, também é uma expressão da liberdade de quem vive só.

Finalmente, cito para reflexão uma frase de Johan August Strindberg, dramaturgo, romancista, ensaísta e contista sueco que afirmou: “No fundo, é isso, a solidão: envolvermo-nos no casulo da nossa alma, fazermo-nos crisálida e aguardarmos a metamorfose, porque ela acaba sempre por chegar”.

Gostaria de ministrar aulas de solidão?

## BAQUE VIRADO

No intervalo do almoço, tive a oportunidade de ouvir um programa radiofônico, líder de audiência no horário.

O tema em pauta era, segundo os apresentadores, a “esculhambação” da política da Paraíba nas Eleições.

Para ilustrar o tema, os apresentadores citavam as “composições” entre os candidatos, alicerçadas, apenas, em interesses pontuais, imediatistas e inconfessáveis.

De fato, basta um breve passeio em qualquer um dos duzentos e vinte e três municípios do Estado, para identificar as composições esdrúxulas entre candidatos – vale tudo.

Se num passado recente havia uma dicotomia entre dois grupos políticos, pelo menos havia um mínimo de coerência, marcada, sobretudo, pela opção entre duas cores, por exemplo.

Ao pensar naquele tempo, faço uma analogia com o pastoreio, expressão folclórica, típica das festas natalinas do Nordeste.

No pastoreio, o grupo de pastoras faz as suas louvações na noite de Natal, cantarolando e dançando diante do presépio, dividido em dois cordões – o azul e o encarnado.

Na política da Paraíba, as pastoras e os pastores faziam louvações diante dos seus candidatos, ungidos à condição de redentores do sofrido povo paraibano - quase santos - cantarolando os “hinos” cuidadosamente elaborados pelos “compositores”

de plantão, com o objetivo claro de contribuir para o êxtase coletivo.

Os dois cordões nem sempre eram o azul e o encarnado.

Às vezes, o azul era substituído por um verde pálido ou por uma cor amarela desbotada, aparentando o novo.

E o encarnado?

Sempre persistiu, tentando passar a ideia fixa de sangue novo que pulsa, vibrantemente, nos corações paraibanos.

Tanto em um quanto em outro caso, nem o verde concretizou as melhores esperanças do povo e nem o encarnado significou o pulsar de novas práticas.

Seguimos, inexoravelmente, assumindo papéis de pastoras, cantarolando, periodicamente, para os santos ungidos da vez, no trágico presépio do cotidiano.

Na atualidade, as pastoras e pastores se transmudaram.

Tantas cores misturadas, que o cenário, analogicamente, parece uma celebração folclórica do Maracatu originado em Pernambuco.

Com todo respeito às nossas melhores raízes e ao valor deste ritmo musical de matriz afro-brasileira, a analogia é utilizada nesta reflexão apenas como uma ilustração argumentativa.

No cenário da atualidade, a forte percussão, em ritmo frenético, marca o compasso do Maracatu político que se reflete na diversidade e na mistura das “cores”, associadas às “frenéticas” danças dos candidatos, que mudam de alegoria numa velocidade tão grande, que deixam os eleitores estupefatos.

Repentinamente, na congada política da Paraíba, quem estava com um ganzá num dia, passa a um gonguê, no dia seguinte, buscando coroar o rei, escolhido no momento.

Não é de se espantar que, no momento seguinte, o mesmo candidato que marcou um ganzá ou um gonguê, passe a fazer a percussão num grande tambor, coroando outro rei.

Ou coroando uma rainha, também nascida nas terras que sepultaram as esperanças de um povo, no Estado de Pernambuco?

É mais do que pertinente lembrar que o Maracatu Nação também é conhecido como Baque virado.

Você não concorda que vivemos na política da Paraíba um baque, mais do que virado?

Coerência virou interesse.

Ideologia virou interesse.

Fidelidade partidária virou interesse.

Tudo virou interesse: pontual, imediatista e mesquinho.

É, para o povo da Paraíba, um baque mais do que virado.

E o eleitor?

De acordo com a fala de alguns “políticos” ouvidos pelos jornalistas do programa radiofônico líder de audiência do horário, “é o responsável por tudo que está acontecendo [...] existem maus políticos, porque existem maus eleitores”.

Ou seja, no final, fomos responsáveis no passado pelo Pastoril mais do que profano da Velha República e somos responsáveis, na atualidade, pelo Maracatu ou Baque virado na política da Paraíba, encravada na jovem democracia.

De minha parte, observo atônito a mercantilização da política – a dança frenética das cores movidas por expressões reais.

O candidato vale quanto pesa?

Se a resposta é afirmativa, talvez se encontre a justificativa à dança no Maracatu político dos gordos que tocam grandes tambores num dia, ou gonguê ou banzá no outro dia.

Ou mudam no mesmo dia?

Ou mudam no mesmo expediente?

Tudo depende dos atrativos reais.

Finalmente, pode até existir uma parcela de eleitores que entra na dança e no ritmo deste Maracatu político.

No entanto, ainda sou um idealista – ou um romântico?

Sonho com uma reforma política no Brasil que acabe com essa “esculhambação”.

Alimento a utopia de que o mercantilismo da política, alicerçado no financiamento privado (declarado e não-declarado), possa ser substituído pelo rígido financiamento público que garanta um processo eleitoral sério, transparente e verdadeiramente democrático.

Até que o sonho e a utopia se efetivem no cotidiano político do meu país e, notadamente, da minha amada Paraíba, observo o Maracatu passar, sem me deixar fascinar pela policromia que turba a mente e enche de desesperança o coração.

Neste folclórico cenário, fecho os olhos, reflito e decido, na esperança de que o futuro não venha a coroar o rei ou a rainha do Baque virado, a fim de que a Paraíba e o Brasil avancem e não se tornem a terra arrasada pela dança frenética e alucinante dos dançarinos que representam as velhas práticas, ontologicamente não superadas.

Acorda, Paraíba

## BECO SEM SAÍDA

O beco tem vida.  
Mesmo estreito e sem saída,  
Oculta lembranças,  
Ou às memórias dá guarida.

Disfarça alegrias e tristezas,  
É cúmplice de proibidos amores.  
Beco estreito e sem saída,  
É lugar secreto de aventuras perdidas.

Nele a solidão aflora,  
E a saudade caminha sempre esquecida.  
Mesmo estreito e sem saída,  
O beco tem vida.

## BECOS DA VIDA

O poeta e crítico literário Manuel Bandeira é a expressão mais significativa da literatura moderna nas terras de Pernambuco.

Entre seus belos poemas, Bandeira escreveu a “Última Canção do Beco”:

Beco que cantei num dístico  
Cheio de elipses mentais,  
Beco das minhas tristezas,  
Das minhas perplexidades  
(Mas também dos meus amores,  
Dos meus beijos, dos meus sonhos),  
Adeus para nunca mais!  
[...].

Hoje, amanheci o dia conversando pelo *Facebook* com João Amaral.

Não conversava com João Amaral o notável médico ginecologista e obstetra,

Mas, sim, com o amigo João – poeta e humanista.

Entre frases digitadas, nasciam reflexões que estavam impregnadas na alma.

Num certo instante, daqueles que ocorre num tempo ainda mais incerto e mais impreciso que o comum, João fez referência ao Beco do Cardim que o levava na infância à casa do seu avô, depois de transitar pela estrada das Ubáias, em Casa Forte (Recife). Neste mesmo instante, brota em mim a sutil e fecundante inspiração.

O que são os becos em nossas vidas?

O que escrever após o mote joanino?

Resta pouco, inclusive para rabiscar nas memórias.

No entanto, não devo desapontar a inspiração – companheira dos dias desditosos e venturados da minha vida.

A banda brasileira formada em Santos no ano de 1992, chamada de Charlie Brown Jr. (ou simplesmente CBJR), tinha como vocalista o Chorão, recentemente falecido.

Uma das canções que mais me toca da CBJR é “Beco sem Saída”, que diz:

As circunstâncias se tornaram um beco sem saída,

[...]

Viver, viver e ser livre

Saber dar valor para as coisas mais simples

Só o amor constrói pontes indestrutíveis.

A arte maior é o jeito de cada um

Vivo pra ser feliz. Não vivo prá ser comum.

Quantas vezes a vida nos empurra a um beco sem saída?

Becos estreitos ou mais largos.

Becos sombrios ou bem iluminados.

Becos livres ou com muitos obstáculos.

Becos comuns às nossas almas.

Não vejo os becos como finais de trilhas.

Nem como caminhos que levam apenas ao desconhecido.

Não penso em becos apenas como sendas sem luz,

Nem como espaços que sufocam ou aprisionam.

Creio que existem becos que libertam.

Becos que se transmudam em pontes.

Concordo com Leila Pinheiro que afirmou nos seus becos  
feito canção:

“Cantar,

Amalgamar emoções,

Dispersas nos becos do coração”.

Quantas emoções estão dispersas nos becos estreitos do  
coração?

Quantas emoções sem amálgamas.

Sentimentos sem ligas,

Pensamentos sem fusão.

Assim como existem lacunas da alma,

Também existem os becos do coração,

Creio em becos como pontes,

Para as lacunas do coração.

## CAIXA DE PANDORA

A mitologia grega conta que Epíteu ao casar com Pandora, ganhou de presente dos deuses uma caixa que continha todos os males do mundo.

Pandora, inadvertidamente, abriu a caixa e todos os males escaparam.

As eleições se assemelham a uma caixa de Pandora.

Não sou nenhum analista político e, nem tão pouco, conheço os labirintos ou bastidores da política paraibana, a ponto de falar com maior fundamentação dos cenários que caracterizam as Eleições.

No entanto, como mero observador, determinados fatos têm me chamado especial atenção. Por um lado, a inconsistência nas composições entre os candidatos, sem nenhuma coerência ideológica ou fidelidade partidária e, por outro, a indiferença popular ao processo eleitoral.

O primeiro fato já foi objeto de uma breve reflexão que publiquei no *Facebook*.

A mistura de cores se assemelha a um Maracatu multicolorido e diversificado.

Toda composição entre candidatos vale a pena quando a vontade de conquistar votos não é pequena.

Penso, inclusive, que parte da descrença dos eleitores em relação à política e aos políticos se deve a este fato – a incoerência é tão gritante que qualquer cidadão consegue deduzir que neste jogo, a regra básica é o interesse imediatista.

Diferentemente do que ocorreu num passado recente, quando nos diversos recantos deste país, o povo foi às ruas, em multidões indomáveis, para reivindicar melhores condições de vida e ações mais contundentes do Estado em relação às políticas públicas de Segurança, de Educação, de Saúde, entre outras, pelo que tenho observado nas ruas das diversas cidades da Paraíba, a multidão se recolheu aos seus lares, num silêncio inexplicável, talvez demonstrando de forma especialmente atípica, a mesma indignação e descrença para com a Política e os políticos.

Nas últimas duas décadas, tenho acompanhado de perto as campanhas eleitorais na Paraíba, especialmente em Campina Grande, minha cidade de nascimento.

Nunca observei um processo eleitoral tão atípico – predomina o silêncio e o desinteresse.

As grandes avenidas e as principais ruas das cidades paraibanas, notadamente da Capital e de Campina Grande, onde se via no passado uma competição democrática por espaços de divulgação dos candidatos, hoje se vê uma ausência quase que total de manifestações partidárias.

Onde no passado, as bandeiras disputavam espaços, na atualidade se veem esquinas vazias.

Os carros que se transmudavam para divulgar as cores e fotos sorridentes dos candidatos, hoje transitam, vagarosamente, sem nenhuma expressão explícita de opção de candidatura por parte dos seus proprietários.

Os conhecidos adesivos que adornavam os carros aos milhares, hoje são contados com facilidade e sem que seja possível determinar qual candidato que tem a hegemonia neste tipo de divulgação.

As numerosas residências adornadas com bandeiras ou faixas dos candidatos, hoje mantêm a mesma discricção dos seus moradores silentes.

As mobilizações políticas de massa estão, cada vez mais, atraindo menos expectadores e militantes.

Nas redes sociais a mensagem que predomina é a da indecisão, da descrença e da indiferença.

Poucos ousam declarar seus votos ou defender suas opções partidárias.

Silenciar é uma forma de guardar um grito ainda contido?

Da caixa de Pandora surgiram possíveis males, a exemplo da indecisão, da descrença e da indiferença?

Ou esta caixa de Pandora é diferente da original e a indecisão, a descrença e a indiferença são bens à política, nascidas da mudança atitudinal do cidadão paraibano?

Há, neste cenário e na minha leitura, um aspecto extremamente positivo: não se observa mais um clima de quase guerra entre os diversos partidários.

Não há mais um clima de tamanho acirramento em que o respeito e a tolerância eram relegados a um plano secundário.

No passado, era comum que as divergências fossem potencializadas, pondo em risco até as velhas amizades. Era uma espécie de guerra, onde cada um defendia seu candidato até às últimas consequências.

O que mudou?

Penso que o comportamento do povo mudou na direta relação com a descrença e desesperança deste mesmo povo com a política e com os políticos.

Não sei o que irá sair desta silenciosa caixa de Pandora, além da indecisão, da descrença e da indiferença.

De minha parte, espero que saia da silenciosa caixa de Pandora a esperança para reavivar os nossos sonhos e realimentar as nossas utopias, em favor do que seja melhor para o povo paraibano.

## CANSEI

Ser ponte, passagem ou travessia?  
Por vezes, é tanta renúncia que asfixia.  
Cansei.

Ser muleta, bengala ou andador?  
Por vezes, é tanta exploração que causa dor.  
Esgotei.

Ser régua, compasso ou escada.  
Por vezes, é tanta hipocrisia que enfada.  
Desisti.

Quero ser balão, asa-delta ou até “biruta”,  
Para gozar a plena liberdade, sem disputa.  
Decidi.

## CASTELOS DE AREIA

Algumas pessoas, por precaução, constroem o seu castelo de planos, projetos, sonhos e ilusões bem distante da área onde as ondas quebram na praia.

No entanto, esquecem que o material que serviu de argamassa para a construção do castelo ou o terreno sobre o qual foi edificado, continua sendo suficientemente arenoso e frágil.

Repentinamente, com um pequeno sopro de vento, o castelo começa a ruir, se despedaçando, a partir de rachaduras que se multiplicam em dezenas.

Ou, ainda, em face da porosidade, o terreno vai cedendo e o castelo vai ruindo.

Assim também são os planos, projetos, sonhos e ilusões que construímos na vida afetiva.

Ou usamos uma forte argamassa composta por compreensão, afeto, cumplicidade, renúncia e confiança ou o castelo entra em ruínas, sendo tragado pelo terreno instável das emoções fragilizadas.

## CATARSE

Na minha vida, escrever tem sido uma espécie de depuração interior.

Por meio das palavras me revisito, cotidianamente.

É uma forma de ressignificar a minha alma.

De percorrer os labirintos aparentemente insondáveis do meu ser para encontrar os significados e os significantes da própria existência.

Nos corredores destes labirintos, por vezes me encontro.

Outras vezes, me perco em mim mesmo.

Na palavra escrita encontro o revitalizante sentido da minha trajetória humana.

Por vezes, as palavras se traduzem em frases que falam de mim.

Outras vezes, é no outro que encontro a argamassa que une as pedras angulares do que escrevo.

No entanto, é sempre no múltiplo e desafiador cenário da vida que crio e recrio rabiscos que vão tomando forma nas páginas dos livros intangíveis ou materializados que marcam a minha passagem pelo mundo.

De certa forma, na palavra eternizo a minha finitude.

Inexoravelmente, num futuro incerto e imprevisível, as palavras que escrevo no presente serão memórias passadas.

A minha ausência será apenas marcada pelas palavras que em diversos momentos deixaram à mostra a minha essência.

Aliás, uma essência sempre buscada e nunca encontrada.

Talvez seja este o grande mistério da vida.

Onde está a minha essência?

Por não saber a resposta, sigo escrevendo palavras, na minha insustentável catarse.

## CENTELHA DE DEUS

Há no coração uma chama,  
Intensa, forte e permanente,  
Sutil fagulha de luz,  
Centelha nascida de Deus,  
Em nós, sempre presente.

A chama na nossa alma,  
Mantida pela fé e pelo amor,  
É força essencial na caminhada,  
Que alimenta de esperança a vida,  
É presença intangível do Criador.

Mesmo sendo uma chama perene,  
Mantê-la acesa é tarefa de cada um,  
O seu combustível é o bom sentimento.  
Agindo na seara do bem, da paz e do amor,  
Esta fagulha nos une ao Cristo Consolador.

## CHEGOU

Chegou,  
Silenciosa e sorrateiramente,  
Invadiu todos os espaços,  
Profundamente vazios,  
Da alma atormentada.

Chegou,  
Não pediu sequer licença,  
Dominou cada recanto,  
Subjugou a razão,  
Aprisionou os sentimentos.

Chegou,  
Turvou a mente,  
Acelerou o coração,  
Fez tremer cada músculo do corpo,  
Surrupiou os horizontes da visão.

Chegou,  
Derrubou...  
E ficou.

## CHORAR

Na véspera de um Dia dos Pais, ministrei aula pela manhã e à tarde no Mestrado em Meio Ambiente e Qualidade de Vida da FURNE.

Depois de quase oito horas de aula, com um intervalo apenas para o almoço, cheguei em casa e liguei o televisor.

Na rede Globo estava o Caldeirão.

De pronto, pensei em mudar de canal.

No entanto, ato contínuo, fui atraído pela história de Alana, residente em Sobral (CE) e do pai Nicos, residente em Milão (Itália).

Apesar dos seus vinte anos, somente em abril daquele ano, Alana conheceu o pai, por meio de um contato pelo *Facebook*.

Hulk, o apresentador, nem precisou ficar verde e mudar de forma, a exemplo do seu homônimo, herói da minha meninice, para me prender à telinha da TV Globo.

Deitado na minha rede sincronizava os balanços com os olhares emocionados, por conta do encontro de Alana e Nicos nos jardins da Indústria Grendene, localizada em Sobral.

Não posso omitir um detalhe: acompanhei toda a reportagem chorando.

Na verdade, aos cinquenta e um anos, tenho me tornado um ser ávido de emoções e cada vez mais vulnerável às lágrimas.

Por isso, escrevo para sua reflexão:

Choro com tudo.

Novelas me fazem chorar.

Canções me fazem chorar.

Filmes me fazem chorar.

Tragédias me fazem chorar.

Derrotas me fazem chorar.

Vitórias me fazem chorar.

Tristezas me fazem chorar.

Alegrias me fazem chorar.

Tudo me faz chorar.

Não tenho nenhuma cerimônia e nenhuma amarra para chorar.

Se as lacunas da minha alma se enchem de emoção,

Transbordo pelos olhos, sem dificuldade e sem inibição.

Choro nas multidões, assim como choro na solidão.

Pouco importa se choro sozinho ou outros me acompanham no choro.

O fundamental para mim é chorar.

Portanto, peço a Deus que nunca permita que eu perca os motivos para chorar.

Peço ao Pai Celestial que os choros, motivados por tribulações, aflições, tristezas ou desesperanças, reguem o terreno das minhas emoções fazendo brotar as sementes da esperança.

Peço ao Pai Celestial que os choros motivados por alegrias, vitórias e superações, reguem o terreno das minhas emoções fazendo brotar as sementes da humildade.

Que Deus me conserve gente para sempre chorar.

Que Deus me conserve humano para sempre chorar.

Que Deus me conserve espelho de Sua imagem para sempre chorar.

## CONFISSÃO

“Ainda somos os mesmos?”

“Ainda vivemos como os nossos pais?”

Quando eu era garoto nunca amei os *Beatles* e nem tampouco os *Rolling Stones*.

É certo que havia uma tênue diferença de idade entre mim e ele.

Mesmo assim, nada justifica a razão de mesmo eu sendo mais jovem, sempre andar com os pés no chão, enquanto ele sempre estava no mundo da lua.

Ele era um cientista de um papo futurista?

Hoje acredito que ele era um romântico.

E, certamente, partiu tão rápido, porque os românticos são poucos, mas sempre são loucos e desvairados.

Mais de dez anos se passaram.

*Agora sinto o peso da minha cabeça.*

Sinto falta das palavras nunca ditas.

E agora?

“E agora, José?”

E agora, João?

E agora, Jonas?

E agora, Josias?

Não importa o nome.

É tarde: “o boêmio partiu para sempre”.

“[...] Por que razão não pode voltar?”

Pergunto-me a razão de eu ter sido sempre tão autônomo e independente.

Lembro-me de nunca ter expressado os meus sentimentos.

Sempre criei barreiras.

Nunca soube construir pontes.

Doí sentir que fiz com que o seu amor, aos poucos, fosse morrendo, motivado por minha indiferença.

“Confesso que chorei, confesso”!

“Chorei, não procurei esconder, todos viram”!

É duro perceber que “naquela mesa está faltando ele”.

Por que não falei tudo que sentia quando ele estava sentado à mesa?

Cresci, amadureci e venci.

E, daí?

Queria voltar ao passado e enxergar que tudo estava igual como era antes para que eu mudasse tudo, inclusive a minha forma de ser, para ter outro crescer ao seu lado.

Anos passados e presentes.

Tentei viver entre o sonho e o som.

Não consegui.

Larguei o som.

Fiz do sonho a dura realidade, por isso eu estou muito cansado.

“Pai afasta de mim este cálice”!

Queria tanto olhar nos seus olhos e sentir o seu prazer em me ver feliz.

Mas, tudo passa.

Tudo passará!

Como lamento não ter lhe dado o meu amor por um dia.

Hoje, a sua presença se materializa apenas por meio de uma velha foto desgastada ou coisa assim, colocada num recanto qualquer da sala.

Naquela foto de um passado que não volta mais, você olha para mim com um olhar compenetrado e em branco e preto, como se fosse possível desde a dimensão etérea, falar:

“Como é grande o meu amor por você”.

E eu, com os olhos rasos d’água, a lhe responder:

São tantas emoções que brotam do meu coração silente que a única frase jamais dita, agora é bendita:

“Meu querido, meu velho e meu amigo”!

Pena que você já não pode me ouvir.

Por isso, engulo o choro para puder lhe falar:

“Te amo e o tempo não varreu isso de mim”!

## CRIAÇÃO DE DEUS

A Criação de Deus é feita de inigualáveis sons, múltiplas cores e inimitáveis cheiros.

O poder criativo do Pai Celestial é sempre fecundo e insondavelmente dinâmico.

Nesta Criação tudo tem forma e nada é vazio, desde o princípio.

O verbo divino em ação fez surgir luz boa, separando-a das trevas.

Para encantar a noite e despertar as inspirações dos poetas, o Pai salpicou o céu de incontáveis astros, concebendo o firmamento.

Para separar a noite do dia, Deus criou dois luzeiros: o sol e a lua.

Neste firmamento, colocou em posição estratégica a lua, para embalar os sonhos dos românticos.

Deus criou os mares debaixo deste firmamento, povoando-o com espécies que vão de dimensões microscópicas até grandes representantes da fauna.

Seres vivos que rastejam e aves que voam nos céus.

Na porção seca da criação, fez surgir relva, ervas e árvores frutíferas.

Finalmente, Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança.

As belezas da Criação se renovam a cada dia.

Luz, cores, sons e cheiros próximos aos sentidos humanos, nos convidam, cotidianamente, a reconhecer a bondade e a grandeza do Pai.

Segundo Aristóteles, a “beleza é dom de Deus”.

Concordo, e toda esta beleza está posta diante dos sentidos humanos.

Infelizmente, a vida passa célere e muitos seguem a marcha inexorável do tempo sem enxergar as dádivas da Criação.

Vivemos numa busca frenética pela felicidade, quase sempre por meio de trilhas efêmeras e de realizações fugidias.

Há quanto tempo não paramos para sentir o cheiro de uma rosa ou para ouvir o cantar de um pássaro, fora da gaiola?

Há quanto tempo não reservamos um minuto de nossa breve existência para contemplarmos os cenários multicoloridos da natureza?

Certamente, apesar da grandiosidade da obra de Deus, a nossa vida seria plena de serenidade e de paz interior, se cada um decifrasse os códigos mais singelos da Criação.

Bob Marley, ao ser questionado sobre o caminho para encontrar a felicidade, assim se expressou: “Eu só quero viver em paz e usufruir do que Deus nos deixou no mundo, não preciso de riquezas materiais para ser feliz. Apenas quero sentir o que Deus nos fala em nossos ouvidos em um simples soprar do vento”.

Portanto, abra a porta do seu coração, a fim de ser intimamente invadido pelas dádivas da Criação.

Reavive a chama do seu templo interior, a fim de que a luz divina permaneça constantemente acesa, alimentando a sua fé e a sua esperança.

Muitas vezes, clamamos aos céus grandes intervenções em nosso favor. No entanto, olvidamos contribuir com a obra da Criação, por meio da cota individual a serviço do amor ao próximo.

A almejada felicidade não é uma conquista de fim de caminhada.

A felicidade é conquista de múltiplos momentos na trilha da vida.

Sentir a grandiosidade da obra do Pai Celestial é demonstração sublime de profunda humildade.

Também é demonstração de humildade, a edificação da vida valorizando as singelas expressões da Criação divina.

Precisamos de pouco do muito que Deus nos concede para sermos felizes.

Finalmente, deixo para reflexão a frase de William Shakespeare, ilustre dramaturgo e poeta inglês, que afirmou:

“Aquilo que pedimos aos céus, na maioria das vezes, se encontra em nossas mãos”.

E você, o que tem feito para valorizar as dádivas da Criação divina em sua vida?

## CULPA, ONDE?

Qual a razão para que em certas circunstâncias da vida, a exemplo dos conflitos existenciais, inclusive nos relacionamentos afetivos, algumas pessoas sempre buscam encontrar um culpado?

Penso que em certa medida, trabalhamos com a argamassa que constrói o nosso destino.

As nossas atitudes e os nossos comportamentos podem, indiscutivelmente, interferir na construção dos cenários que configuram o destino que se faz presente, muitas vezes, com traços marcantes de dor, de tristeza, de mágoa, de ressentimento e de frustração.

Enfim, de sentimentos que machucam a alma.

No entanto, nada é mais desumano do que alimentar no outro o sentimento de culpa.

Culpabilizar é uma atitude atroz de aprisionar a alma e ferir as tessituras mais profundas da emoção.

É uma forma, inclusive, de colocar uma lança intangível e dilacerante sobre a consciência do suposto culpado que, por vezes, foi movido por trilhas que não são referendadas pelos valores da moral e do bom costume, dominantes num determinado contexto social.

Apesar de acreditar que cada ser humano é copartícipe na construção do seu próprio destino, também sou forçado a

admitir que, ninguém domina as múltiplas variáveis intervenientes que transitam por entre os múltiplos espaços insondáveis da alma.

Portanto, não há culpa quando não dominamos todas as variáveis.

As múltiplas expressões das emoções humanas não podem ser enquadradas em referenciais supostamente inabaláveis, impostas pelo pensamento coletivo, alicerçado, quase sempre, em visões subjetivas e condicionadas às influências do que a sociedade impõe como arquétipo da moralidade.

É preciso compreender as idiosincrasias humanas.

É preciso um olhar mais sensível e solidário.

O homem é único em si mesmo, com suas fragilidades e suas forças.

Em certas ocasiões existenciais, o que menos carecemos é de nutrir a culpa.

Finalmente, invoco Willian Shakespeare para asseverar: “A minha consciência tem milhares de vozes. E cada voz traz-me milhares de histórias. E de cada história sou o vilão condenado”.

Portanto, se você é uma voz entre “milhares” que ocupa a posição de juiz implacável para condenar as atitudes e comportamentos alheios, inclusive induzindo sentimentos de culpa, é bom lembrar suas próprias histórias, algumas estrategicamente ocultadas na zona aparentemente confortável do inconfessável e, se for o caso, não as tendo no sentido que agora busco refletir que pense, exclusivamente, na imprevisibilidade da vida.

O amanhã, infelizmente, pode lhe reservar uma situação similar.

## DAMA DA NOITE

A lua que apareceu,  
No céu, tão linda,  
Me faz lembrar,  
Os olhos seus,  
Centelha na noite,  
Iluminava o corpo,  
O corpo meu,  
Se unia ao seu.

Dama da noite,  
No quarto entrava,  
A cama abraçava,  
E sutil deitava,  
Branco como no céu,  
Cheirando a cravo e mel,  
Meu gozo despertava,  
Saia, assim como entrava.

Era lua no céu,  
Corpo branco,  
Cravo e mel,  
Não era apenas minha,  
De todos: dama ou rainha?  
Assim como entrava,  
Meu corpo decifrava,  
Me abandonava,  
Da cama levantava,  
Sozinha.

## DE TODOS OS NOMES

Bom dia às Marias,  
às Joanas e às Carmitas.  
Bom dia às Margaridas,  
Às Lucécias e às Larissas.  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Bom dia às Anas,  
Às Priscilas e às Marianas.  
Bom dia às Deborath's,  
Às Arianas e às Amélias.  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Bom dia às Guias,  
Às Normas e as Vanilde's,  
Bom dia às Márcias,  
Às Scheillas e às Alanas,  
Bom dia às Alessandras,  
Às Berenices e às Elianas,  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Bom dia às Angelas,  
Às Janines e às Nícias.  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.

Bom dia às Fátimas,  
Às Cristinas e às Fernandas,  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Bom dia às mulheres,  
De todas as raças,  
De todas as cores,  
De todas as classes,  
De todas as profissões.  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Bom dia às mulheres,  
Guerreiras, fortes  
E altaneiras,  
Bom dia às mulheres,  
Que fazem de suas vidas,  
Um exemplo cotidiano,  
De superação e de luta.  
Bom dia às mulheres de todos os nomes.  
Felicidades, mulheres, no seu Dia!

## DECISÕES

As decisões da minha vida nunca foram fáceis.

Nem no campo profissional.

Nem, muito menos, no pessoal.

Consegui me reerguer de tombos que poucos resistiriam.

Sai de sombras e terrenos movediços com a alma fortalecida.

Consegui juntar pedaços da minha alma quando os contextos existenciais eram absolutamente fragilizados.

Fui capaz de transformar as dores em canções e as tristezas em poesias.

Penso que os dissabores ou dificuldades foram ativações de certos códigos de barra que Deus deixou marcados na pele intangível da minha alma, a fim de que eu tivesse a oportunidade de crescer espiritualmente.

Foram tantas lutas que criei uma espécie de couraça protetiva.

Sou pouco pragmático e racional.

Geralmente, sou movido pelas emoções.

E a intuição é a parceira insubstituível nas minhas noites insones.

Procuro enxergar além das coisas aparentes.

Nunca temi desafios.

Ganhar ou perder nunca foi condição para me deixar inerte ante às novas empreitadas da vida.

Muitas vezes, a derrota se transformou em vitória, pelas novas experiências existenciais que Deus me concedeu.

Tenho um temperamento atípico.

Não me acostumo com as coisas sempre no mesmo lugar.

Vivo num constante processo de resignificação.

Revisito o meu interior para encontrar a força para me reerguer das quedas ou para não perder o tirocínio das subidas.

Passeio nas dimensões mais profundas da minha alma, buscando as respostas das perguntas que sequer formulei.

O poder nunca foi meu lugar definitivo.

Aprendi que o poder é efêmero, fugidio e embriagante.

Neste sentido, desenvolvi o antídoto para não contaminar a minha alma com este vírus, por vezes letal, que é o poder entre os homens.

Tenho uma necessidade inexplicável de ficar sozinho.

E, nesta solidão, dialogo profundamente comigo mesmo.

Nestes diálogos solitários, realizo uma espécie de catarse – me depuro.

Repito:

Não temo desafios.

Não receio tomar decisões.

Tenho incontáveis defeitos e algumas poucas virtudes.

Respeito a minha consciência para ter paz e serenidade.

Portanto, por tudo que sou (ou pelo que ainda não sou),

Não abro mão deste princípio:

A minha consciência tranquila e serena é a garantia da leveza da minha alma.

Não sei exatamente quem sou.

Mas, o que eu sou, cobra de mim o respeito à minha história e à minha consciência.

Inclusive nas tomadas de decisão.

## DIREITA GOLPISTA

Creio que a extrema direita golpista do Brasil, encontra nas atuais manifestações populares um combustível para alimentar a falsa esperança de retomar o poder no país.

Com todos os problemas da gestão pública, que transcendem a marca do partido que atualmente governa, nada é comparável ao regime ditatorial.

O preço da conquista de nossa jovem democracia foi muito alto.

Custou, inclusive, a vida de muitos brasileiros.

Portanto, se por um lado deve ser ressaltada a relevância cívica de uma mobilização de dimensões incomensuráveis, por outro, é preciso manter um estado de alerta, a fim de que os objetivos basilares das manifestações públicas não sejam desvirtuados e, em nome da manutenção da “ordem pública”, não se abram canais que fragilizem a nossa democracia.

Nem os atos de vandalismos, típicos de bandidos de plantão, podem servir de mote para qualquer tipo de ação que ameace a estabilidade democrática do Brasil.

Se o gigante adormecido despertou, como defendem alguns, é preciso cuidar para que ele não tombe, em face de um nocaute certeiro na frente, cerne da lucidez e da razão, que têm garantido, apesar dos problemas, a manutenção dos instrumentos institucionais que consolidam a nossa Democracia.

## DIVINA COMÉDIA HUMANA

Belchior, poeticamente, disse: “Viver a divina comédia humana onde nada é eterno”.

Portanto, se na vida nada é eterno e se a imprevisibilidade domina os tempos de nossa existência, por que viver com o olhar fixo num futuro incerto?

Tenho buscado viver com intensidade cada momento.

Creio que hoje compreendo que a tão almejada felicidade pode ser encontrada em cada fragmento existencial.

Cada instante, por ser único, pode ser a parte da felicidade que a vida lhe proporcionou no tempo presente.

Tenho fugido dos enfadonhos planejamentos e dos ousados projetos.

O inusitado, às vezes, surpreende com momentos indescritíveis e únicos.

Hoje, fiz uma programação sem nenhum planejamento anterior.

Acordei cedo, aqui em João Pessoa e num ímpeto inexplicável, falei: “Vamos almoçar em Pipa?”

Diante da resposta afirmativa, seguimos rumo à Pipa - praia paradisíaca do vizinho estado do Rio Grande do Norte.

Um dia de primeiro de novembro completamente diferenciado – boa companhia e boa conversa – nada de cobranças inúteis.

Uns goles de cerveja bem geladinha.

Um bom prato de peixe grelhado.

Um *petit gateau* com sorvete de creme.

Um fim de tarde contemplando os múltiplos cenários que a natureza proporcionava, pelas trilhas cortadas pela BR-101.

Pedir o que mais da vida?

Absolutamente nada.

Apenas viver cada momento como se fosse único e último,

Na divina comédia humana.

## DOIS CAMINHOS

À frente, apenas dois caminhos.  
Não era um cenário de infinitas opções.  
Dois caminhos e nada mais.  
Invadido estava pela dúvida atroz.

Que caminho escolher?  
Aos meus olhos, dois caminhos similares,  
As mesmas sinuosidades,  
Escondiam recantos indecifráveis.

Por entre as árvores e os arbustos da selva.  
Figuras de múltiplas faces,  
Apareciam e desapareciam,  
Usando máscaras ou inomináveis disfarces.

À frente, apenas dois caminhos.  
Não era um cenário de infinitas opções.  
Dois caminhos e nada mais,  
Aos meus olhos, dois caminhos similares.

Os mesmos obstáculos e desafios,  
Nos recantos indecifráveis.  
Entre pedras e gramíneas da relva,  
Brotavam flores de cores variadas.

Por vezes gritavam as bruxas,  
Outras vezes cantavam as fadas,  
Gnomos sorridentes saltitavam,  
Em frenéticas danças compassadas.

À frente, apenas dois caminhos.  
Não era um cenário de infinitas opções.  
Dois caminhos e nada mais.  
Aos meus olhos, dois caminhos similares.

A escolha eu não fiz pelos sentidos.  
Nem pelo que vi,  
Nem pelo que escutei,  
Nem muito menos pelo que cheirei.

Entro no caminho que a intuição indica,  
Alimentado pela chama vigorosa,  
Da esperança e da fé renovada,  
Que nascem dos recônditos da minha alma.

## EM UMA LÁGRIMA

O que cabe em uma lágrima?

As dores pujantes.

As saudades incontidas.

Os suspiros de tristeza,

Os vazios das despedidas.

O que cabe em uma lágrima?

As alegrias indisfarçáveis,

As vitórias conquistadas,

Os arrepios de um gozo,

O deleite das chegadas.

O que cabe em uma lágrima?

O olhar nas obras da criação,

A mansidão nascida do amor.

A fé sempre revigorada,

A paz serena do coração.

## ENSINAR: PARA QUE?

Tenho trinta anos de Magistério.

Nem sei calcular quantos alunos já tive.

No entanto, apesar deste tempo, ainda me sinto tocado pelo idealismo que me faz acreditar na docência como uma ação que transcende ao processo de mera transmissão de conteúdos.

No meu sentir, ensinar é uma ação propositiva de mudança atitudinal.

Mesmo ministrando tantas aulas, algumas assumem uma dimensão de prazer e de realização incomparáveis.

É uma espécie de orgasmo didático-pedagógico.

Hoje, na turma da noite de Direito Ambiental, vivi este estado de gozo ou de graça.

Por razões inexplicáveis, subitamente me fiz maior do que efetivamente sou.

De certa forma, me agigantei, ante a minha assumida pequenez.

A aula se ampliou para além das paredes da sala.

Crescemos juntos, eu e os alunos, por alguns momentos, numa espécie de sinergia didática com contornos de magia, com espaço para invocar até os ensinamentos do profeta Maomé, ao diferenciar a Moral da Ética.

Num dado instante, dois depoimentos de alunos atuaram como um combustível novo ao meu ato de ensinar, certamente desgastado pelos trinta anos de atuação docente contínua.

A primeira aluna destacou: “professor, estava comentando com a minha amiga, o seguinte: como um professor com este currículo, com um doutorado e cursando um segundo e com tanta experiência acumulada na sala de aula e na gestão pública, consegue ser assim – simples e envolvente. Nada de autoritarismo ou de soberba”.

O segundo aluno foi numa outra linha de reflexão: “professor, fico feliz ao observar que o Senhor vem trabalhar o Direito numa perspectiva diferente. Sou um idealista. E estou cansado da visão do Direito como mera aplicação ‘técnica’ da letra da Lei. Penso num Direito voltado à promoção da Justiça. O Senhor alimenta meu idealismo ao falar de Moral e de Ética”.

Foi muito forte e emocionante.

E, numa confissão, finalizei:

Prezados, aprendi muito com o que tenho acumulado como experiência profissional e acadêmica.

Aprendi muito com a gestão pública e com o doutorado.

No entanto, o que eu sou, reflete o acúmulo de experiências mais marcantes da vida.

Dos erros e acertos. Dos fracassos e dos sucessos e, até, dos ganhos e perdas.

Em síntese, sou em sala de aula o que tento ser fora da sala de aula: um idealista e um romântico.

Finalmente, procuro fazer do ato de ensinar (para também aprender) algo que possa encantar, para além dos conteúdos, previamente definidos pelas estruturas formais da academia.

Portanto, se ao final do ano o aluno tiver aprendido muito pouco de Direito Ambiental, sendo aprovado com notas sempre muito benevolentes (não foco a aprendizagem na avaliação), ainda assim me sentiria realizado se, neste mesmo final de ciclo, o aluno concluísse a disciplina enxergando o mundo com um olhar mais solidário e fraterno, inclusive na prática do Direito.

Obrigado ao Bondoso Deus pelo que sou e pelas trilhas da vida, muitas vezes sinuosas que me fizeram um ser humano muito mais consciente da minha finitude e das minhas limitações.

## ENTARDECER

À sombra do umbu-cajazeira,  
Num entardecer do Velho Cariri,  
Quantas lembranças brotam da alma,  
Neste cenário onde tantas histórias eu vivi.

Alegres travessuras da distante meninice,  
Sorriso leve de um sonho ainda acalentado.  
Da maturidade dos dias presentes,  
A dolorida saudade do tempo passado.

Dos sonhos nunca vividos,  
Ou das passageiras e marcantes ilusões,  
Da poeira nascida da terra árida,  
Lembranças que acalentam as emoções.

## ENVELHECENDO, SEM PARQUE!

Hoje, durante o almoço num restaurante movimentado do centro de Campina Grande, reencontrei um velho amigo.

Fazia um tempão que não o encontrava apesar de morarmos no mesmo Estado e na mesma cidade.

Depois das perguntas rotineiras que se fazem entre dois amigos que se reencontram, ele me perguntou: “Flávio, tem ido ao Parque do Povo?”

Respondi: “Não fui uma única vez este ano.”

E, antes que eu justificasse a minha ausência (absolutamente dispensável), o interlocutor falou: “Você está ficando velho”.

No momento da conversa, não analisei com profundidade a observação do amigo.

Aos 53 anos, estou realmente velho?

Será que a falta de motivação para ir ao Parque do Povo expressa essa condição de velhice antecipada?

De fato, conforme tenho dito em diversos textos recentemente publicados no *Facebook*, já não sou mais o mesmo (felizmente ou infelizmente?).

Sinto-me mais introspectivo, menos sonhador.

Menos impulsivo e mais pragmático.

Já não me estimula o frenesi das grandes multidões ou a conversa desarticulada de um grupo sentado à mesa, que tenta falar mais alto que a altura do som que se propala no ambiente.

Já não encontro sentido em compor uma figura estereotipada ou corretamente adequada aos imperativos da sociedade – roupa da moda e bom perfume, por exemplo.

“Ser ou não ser, eis a questão!”

Estou antecipadamente velho ou mudei alguns valores?

Envelheci ou amadureci?

Envelheci ou renovei a minha personalidade?

Ir ou não ir ao Parque do Povo, eis a questão.

É um fato isolado.

Não contempla todas as relações de causa e efeito que caracterizam (ou não) a minha condição de velho precoce.

No entanto, a observação do amigo instigou a minha reflexão.

Não creio que envelheci antecipadamente.

Apenas vivo um momento em que enxergo o mundo com outros olhares.

Olhares múltiplos – mais maduros ou mais solitários e introspectivos?

Certamente, sentir-se nesta fase também implica em enfrentar inquietudes e incertezas.

“Ser ou não ser, eis a questão!”

Não sei se sou um velho precoce que não se sente motivado em frequentar o Parque do Povo, apesar dos aviões, das safadas garotas (e garotos), das neves artificiais em pleno semiárido, das coleguinhas e até das finas iguarias internacionais.

Apenas sei que tombado na minha rede, ouvindo o áspero e sincronizado ruído do rangir do punho da rede no suporte preso à parede, concluo que a minha personalidade mudou (ou envelheceu?).

E essa mudança de personalidade aprofunda as minhas inquietudes e incertezas.

Não é uma mudança que me faz um ser amargo e acomodado, preso aos grilhões da própria solidão.

É mudança que me faz um ser mais inconformado e mais inquieto.

“Ser ou não ser, eis a questão!”

É mudança que me desafia e me provoca.

Não sou um velho precoce.

Mas, certamente, fica para trás as roupas velhas, sujas e desgastadas pelo tempo.

Assim, evocando a poetisa goiana Cora Coralina, ênfase: “Procuro suportar todos os dias minha própria personalidade renovada, despencando dentro de mim, tudo que é velho e morto”.

E você, envelheceu por não ter ido ao Parque do Povo?

“Ser ou não ser, eis a questão!”.

## EPITÁFIO

Diante do mar,  
Com os olhos da alma,  
Enxergue a tênue linha no infinito,  
Nela, há uma dimensão etérea,  
Subjetivamente incompreensível,  
Entre a Terra e o céu.

Tenha confortante certeza,  
Nascida da fé ou até da razão:  
Sigo navegando,  
Nas águas serenas da vida plena,  
Num barco intangível,  
De saudosa emoção.

## ESPELHOS

Comumente, ouvimos a frase: “os olhos são o espelho da alma”. Também já fui alertado algumas vezes: “nunca confie em quem não olha diretamente nos seus olhos”. É bem verdade que muitas pessoas evitam o contato dos seus olhos com os olhos do seu interlocutor. Penso que uma das razões pode ser o medo daquilo que os olhos possam revelar.

Outras pessoas ficam nitidamente embaraçadas com o fato de outras olharem firmemente nos seus olhos e, por isso, desviam o olhar ou não olham fixamente. Seria por temer que os seus sentimentos fossem expostos pela exposição do olhar?

Na verdade, hoje já não creio que o simples fato de alguém sempre olhar dentro dos nossos olhos, expresse a sua sinceridade ou o seu bom caráter. Penso que há muita maldade, muita hipocrisia, muita falsidade e muita dissimulação, também naqueles que nos olham fixamente. Para estas pessoas, o olhar não é o espelho de suas almas. Disfarçam por meio de olhares puros e ternos de carinho uma alma desprovida de bom caráter.

Segundo o Psicanalista norte-americano, de orientação freudiana, Alexander Lowen que desenvolveu a psicoterapia mente-corporal, também denominada de Análise Bioenergética, o contato dos olhos é uma das formas mais fortes e íntimas de contato entre as pessoas.

Para o citado estudioso, esta forma de contato engloba a comunicação do sentimento num nível mais profundo do que a comunicação verbal, porque por meio dos olhos, estabelecemos um tipo de toque, sem o contato físico.

Neste sentido, os olhos funcionam como a expressão energética do corpo e da alma. Assim, quando uma pessoa está carregada de energia positiva e goza de boa saúde, seus olhos expressam um brilho intenso.

Qualquer depressão no nível de energia e na saúde de uma pessoa, a intensidade do brilho dos olhos diminui. É por esta razão que muitos diagnósticos de doenças do corpo são feitos pela análise acurada dos olhos.

Os olhos, nestes casos, são espelhos das enfermidades humanas.

Penso que com esta assertiva encontrei o fio que une as pedras: os olhos são espelhos da alma e do corpo.

Se por meio dos olhos são diagnosticadas algumas enfermidades do corpo, também por meio dos olhos podem se expressar as debilidades da alma. É fato que os maldosos, os dissimulados e os falsos conseguem fingir ou falsear a realidade de tal forma, que nem por meio dos olhos, as falhas de caráter são espelhadas.

Mas, uma coisa é certa, nem nestes casos, os dissimulados enganam a todos por todo o tempo. Um dia alguém enxerga para além dos olhos físicos e constata a realidade.

Assim, considero oportuno que cada um de nós não invista tempo e energia em tentar desvendar os mistérios dos olhares alheios. Se há maldade, falsidade ou dissimulação no olhar do outro, o próprio tempo se encarrega de criar os meios fáticos da verdade um dia se projetar para além dos olhos físicos.

Penso que uma das formas de lidar com estas situações, é buscar enxergar o que há de bom dentro de nós mesmos. O bem que temos na alma se espelha em nossos olhos e neutraliza o mal que venha em sentido contrário, nascidos do olhar alheio, ainda que disfarçados de “bondade” e de “meiguice”.

Gabriel García Marquez, escritor e jornalista colombiano, num dos seus celebrados livros, destaca:

É necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão. O importante é aproveitar o momento e aprender sua duração, pois a vida está nos olhos de quem saber ver.

Portanto, precisamos cultivar em nós os sentimentos de bondade e de amor, a fim de que aquilo que espelhamos por meio dos nossos olhos possa se constituir num anteparo protetivo em relação ao mal causado pelo olhar alheio.

Finalmente, com as múltiplas experiências da vida, aprendi que nem sempre devo confiar em quem me olha firmemente e nem devo desconfiar daqueles que fogem do meu olhar mais direcionado. Tudo é relativo. E, também nestes casos, não existe uma regra.

No entanto, como frase de constante reflexão, vale a pena sempre lembrar: os olhos são os espelhos da alma e do corpo.

## ESQUINA

Dobrei a esquina.  
O que ficou para trás?  
Mil histórias,  
De desafios ultrapassados.  
Mágoas, ainda tardias.  
Sonhos, sutilmente acalentados.

Dobrei a esquina.  
O que ficou para trás?  
Mil dilemas,  
De atroz consumição.  
Alegrias, ainda escondidas.  
Sonhos, nascidos da ilusão.

Dobrei a esquina.  
O que ficou para trás?  
Desafios e dilemas,  
Mágoas e alegrias,  
Sonhos acalentados  
Ou sonhos alcançados.

Dobrei a esquina:  
Uma inquietante mirada,  
Da desconhecida e estreita avenida  
Que desvenda diante dos meus olhos,  
A inexorável e sempre incerta  
Marcha cotidiana da vida.

## ESSÊNCIA DO NATAL

Para além do Papai Noel,  
Para além das luzes e dos brilhos,  
Para além das confraternizações,  
Para além dos presentes,  
Para além das aparências,  
Há o sentido essencial do Natal.  
O verdadeiro significado é uma prova de amor,  
Deus amou de tal maneira a humanidade,  
Que nos deu Seu filho unigênito (João 3:16-17).

Natal é a celebração deste ato de amor único.  
A história do Natal é Deus se fazendo homem em Jesus Cristo.  
Todos os anos, Jesus volta ao mundo, às famílias.  
Ele é presente de Deus à humanidade,  
E renasce, ano a ano,  
Na medida em que reacende a fé,  
Renova a esperança,  
E revitaliza o amor.  
“Um menino nasceu entre nós” (Is 9:5).

Este Deus feito menino,  
Segue querendo nascer em nossos corações.

Natal é vida nova,  
É renascimento.

Celebrar o Natal com alegria Cristã,  
É acender a luz da paz, do amor,  
Da solidariedade e da fraternidade  
No templo interior dos nossos corações.

Natal, finalmente, é um convite de Jesus,  
De forma pessoal e intransferível,  
Para um mandato de renovação espiritual.  
Se o Menino Deus não nasce em nosso ser,  
Transformando a nossa vida,  
Não existe Natal.  
Modificando a nossa vida,  
Somos renovados pelo verdadeiro sentido do Natal.

E, assim, somos envolvidos pela suave canção,  
Tocada por anjos,  
E cantada por querubins e serafins,  
Advindas de um mundo intangível,  
De energias inefáveis:  
“Glória a Deus no Céu e boa vontade para a humanidade”.  
Feliz, verdadeiro, Natal!

## ESTRANHA LOUCURA

Qual é a sua estranha loucura?

Penso que cada um já viveu algum momento de estranha loucura.

A estranha loucura de amar demais.

De querer demais.

De confiar demais.

De possuir demais.

De pressionar demais.

De torturar demais.

Ou, quem sabe, a estranha loucura de ter feito tudo isso... de menos!

De alguma forma, por nossa estranha loucura de cada dia, algumas vezes perdemos alguém que valeria a pena ter ficado junto o resto da vida.

Ou quem sabe, perdemos alguém que não merecia um só minuto de nossa vida em sua vida.

Portanto, por meio de estranhas loucuras, vamos escrevendo e reescrevendo as páginas do livro da nossa história.

Ou quem sabe, vamos virando as páginas.

Ou queimando-as, definitivamente.

## **EU, PERDIDO NO TEMPO**

Em algum lugar,  
De um tempo impreciso,  
Um traço de alma cigana,  
Que deixou apenas a saudade,  
Como um choro sentido,  
Um grito incontido,  
Paixão em fogo?  
Ou apenas a sede de quem ama?

## FECHAR A GESTALT

Esta é uma frase amplamente utilizada pelos profissionais da Psicoterapia que trabalham com esta abordagem.

De certa forma, a frase vem sendo difundida, por pessoas que fizeram a terapia *Gestáltica* ou por outras que conheceram ou ouviram falar do tema, por meio da literatura ou da mídia, inclusive nas redes sociais.

Mesmo não sendo um profissional da área e, portanto, sem a abalizada competência ou o devido aprofundamento técnico-conceitual, ousou falar do assunto, tomando por referência a qualidade de quem fez terapia por muitos anos e que volta, sempre que não suporta sozinho o peso da vida, ao divã do meu anjo, feito de carne.

Posso afirmar que muitas vezes na vida, iniciamos várias atividades ou histórias, inclusive de amizade ou de relacionamentos afetivos, que por razões múltiplas ou não as conseguimos concluir ou as rompemos, sem a devida oportunidade de colocar, racionalmente, o devido ponto final.

Assim, seguimos, por muito tempo, escrevendo as páginas da vida com predomínio de reticências, excessos de vírgulas ou com continuados parênteses.

Ou seja, deixamos lacunas não preenchidas nos textos da nossa existência.

Exatamente nestas lacunas da alma é que nos sentimos amarrados, improdutivos, frustrados, magoados, tristes e amargurados.

Por vezes, a presença de sentimentos negativos é tão grande que nos esgotamos, sem energia.

Creio que a terapia da *Gestalt* pode nos ajudar ou por meio de ações proativas (nas conversas) ou por estratégias intuitivas (no silêncio).

A psicologia da Gestalt (termo de origem alemã) busca favorecer este encerramento de ciclos.

Visa o fechamento das portas ou a conclusão dos capítulos da vida, a fim de que possamos caminhar por novas veredas ou retomar novas histórias, com serenidade, com ânimo, com obstinação e, principalmente, sem carregar o peso da mágoa, do ressentimento ou do ódio.

As leis mentais que determinam a maneira pela qual percebemos, entendemos ou encaramos os fatos da vida, representam a argamassa de trabalho da terapia da *Gestalt*.

Penso que ao longo da minha existência, diante das diversas situações interiormente inconclusas e que me deixavam muito mal e angustiado, tenho procurado fechar o ciclo sempre apelando para o diálogo nos embates racionais.

Para mim, só consigo fechar a *Gestalt* quando consigo entender as múltiplas variáveis que determinaram, para o bem ou para o mal, os fatos por mim vividos.

Nada me causa mais dano mental e espiritual do que deixar lacunas nos ciclos da minha vida.

No entanto, penso, também, que em certos casos, a reflexão intuitiva, a introspecção, a tentativa de superação ou de

autodeterminação, funciona bem melhor do que a tentativa de conversar ou de “descascar” feridas da alma.

Nestes casos, prefiro fechar os meus ciclos com uma *Gestalt* silenciosa.

No silêncio, protagonizo um diálogo de mim para comigo mesmo, entendem?

No silêncio, percorro os labirintos insondáveis da minha alma, enfrentando e tentando vencer os meus mais diversos monstros.

Revisitando minha alma, busco entender a mim mesmo para além da busca de entender os outros.

Fechando *Gestalt* – faladas ou silenciosas – promovo a superação pela inversão da queda.

Ao fechar minha *Gestalt*, ganhei ou perdi amigos!

Ao fechar minha *Gestalt*, finalizei ou ressignifiquei relacionamentos!

Ao fechar minha *Gestalt*, queimei ou escrevi novas páginas no livro da minha vida!

Não importa se foi uma *Gestalt* dialógica ou silenciosa. O que verdadeiramente importa é que fechei o ciclo.

No contexto atual, a minha *Gestalt* é um fechamento atípico: o diálogo silencioso com meu *eu*.

E você, como tem fechado os seus ciclos?

## FERIDAS

Ao ser ferido, há dois caminhos a trilhar:

Deixar que o tempo, na sua marcha inexorável, faça a sua parte.

Com o tempo, apenas restarão cicatrizes na alma das pretéritas feridas.

Ou, entrar num processo de autoflagelação, arranhando, cotidianamente, as feridas que não param de sangrar.

Assim, violamos as ações coordenadas do tempo que ocorrem por meio de uma cascata de eventos celulares e moleculares, intangíveis e inexplicáveis que interagem para que ocorra a repavimentação e a reconstituição das tessituras da alma.

Ser ferido parece uma regra na vida.

Deixar-se ferido, eternamente, no entanto, é questão de escolha.

## FESTA NO CÉU

Que barulho é esse?

Pergunta em tom pouco amigável o Anjo que no momento estava escalado por São Pedro para fazer sentinela à porta-umbral entre o plano físico e o imaterial.

Com a prudência peculiar dos seres privilegiados da Criação (será?), o Anjo coloca o olho, profundamente azul, por uma brecha aberta pelo tempo na enorme porta de mogno escuro - ainda não estava proibida a exploração desta nobre madeira quando o céu foi construído.

Do lado de fora, uma multidão incontável.

Não era uma multidão qualquer.

Nem, tampouco, um aglomerado de milhares de pessoas protestando sem caso e sem causa.

A multidão era atípica em comparação com aquelas comumente presentes à porta do céu, principalmente após os grandes eventos trágicos da humanidade.

Era uma multidão pluralmente alegre.

A multidão festiva cantava e dançava, usando vestimentas e adornos multicoloridos.

O Anjo, pouco experiente nas questões mundanas (coisa típica de Anjos?), sem entender o que sucedia, recorreu ao

Querubim que já havia descido na Terra por diversas vezes em missões estrategicamente delegadas pelas potestades celestiais.

O Querubim meteu o olho, profundamente negro, na brecha da porta - lembre-se que no céu reina a justiça e a fraternidade. Logo, é um espaço que respeita a singularidade e as diferenças - há Querubins negros.

Talvez pela vinculação afetiva, o Querubim, imediatamente, associou a festa que ocorria à porta do céu com o maracatu, o bumba meu boi, o samba de roda, o frevo, o baião, a catira e o jongo.

No entanto, ao olhar bem os ritmos e os adereços, o Querubim também identificou a Capoeira, o Pezinho, o Xote, a Dança do Siriá, a Dança da Fita, os Pastoris, o Reisado, o Çairé, o Fandango e o xaxado.

Misturado aos ritmos e cores, também havia pessoas encenando peças no teatro aberto, construído à porta do céu com o objetivo de entreter as milhares de almas desencarnadas que esperavam atendimento nas longas filas do átrio do céu.

Diante de tanta alegria, ritmada com sons diversos, o Querubim pensou:

- O que será que houve na Terra?
- Será que houve um tsunami no Brasil em pleno período de Momo que arrastou a multidão que festejava o Carnaval nas ruas de Olinda, de Salvador, do Rio de Janeiro e de Recife?
- Uma multidão tão grande que levou meses para chegar à porta do céu?

No entanto, um fato chamou atenção, tanto do Anjo quanto do Querubim:

As almas estavam todas com os cordões que as prendiam aos respectivos corpos físicos na Terra.

Ou seja, era uma multidão de almas ainda viventes.

Sem saber explicar a causa de um cenário tão inusitado, o Querubim convoca ao átrio do céu um Serafim, altamente qualificado em assuntos transcendentais.

Aliás, não era um Serafim qualquer.

Foi convocado o mais estudioso em fenômenos metapsíquicos, paranormais, mediúnicos ou em outras coisas do gênero.

Dizem, inclusive, que este Serafim estimulava e se contentava com as polêmicas entre Padre Quevedo e Chico Xavier.

Aliás, ainda hoje, essas contendas dogmático-espirituais, atraem as multidões de almas enfadadas com a monotonia do céu, nos colóquios realizados pelo Padre e Chico Xavier, periodicamente, nos templos ecumênicos dos Jardins do Paraíso.

O Serafim, com a feição introspectiva que caracteriza este ser criado excepcionalmente por Deus, mete o olho castanho amendoado (ele foi criado à semelhança dos orientais) na brecha da grande porta de imbuia escura (e não era de mogno?) e conclui, de forma peremptória:

- Isso é coisa de Ariano Suassuna.

E continuou firme e contundente:

- Depois que ele chegou aqui, o céu virou uma festa.

- Assim que tomou consciência da sua irremediável passagem para o além, ele começou a fazer um conluio artístico-cultural.

- Na primeira semana fez uma reunião secreta com Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Dominginhos. Aliás, dizem que a Marinês entrou na reunião de penetra, com o auxílio do sanfoneiro Abdias.

- No dia seguinte, o forró bodó estava estabelecido no Jardim do Éden.

Seguindo o relato, asseverou, ainda, o Serafim:

- Achando pouco, Ariano ainda montou um palco alternativo com a ajuda de Tim Maia, Emílio Santiago, Cazuza e Cássia Eller.

- Aliás, dizem que ele teve que rever a programação, ante os protestos de Dalva de Oliveira, de Aracy de Almeida, de Nelson Gonçalves e de Altamar Dutra.

Finalizou:

- Essa multidão que está lá fora foi convocada por este subversivo.

- De tanto invocar os vivos, Ariano armou este furdunço na porta do céu.

- Essa multidão não quer morrer.

- No entanto, quer que Deus abra uma exceção para que participem da festa do céu, sem ter que “bater as botas”.

- Tem até graça uma coisa dessas.

- Quem já se viu tamanha estultice?

- Acaso o Criador vai abrir esta exceção é transformar o céu numa terra de mortos e vivos como pretende Ariano e sua plêiade de desprendidos do corpo?

Repentinamente, o Serafim observou que na multidão havia um senhor sexagenário.

Este sim, desencarnado de verdade.

Estava meio atônito e deslumbrado.

Ainda sem entender o que estava acontecendo com ele e com a multidão de vivos que cantavam e dançaram, encenavam

e bailavam, configurando um cenário de emoções inefáveis e indescritíveis.

Era um jovem senhor de cabelo grisalho, de sorriso confuso, meio ofegante e avexado nos passos.

O Serafim, com uma voz impostada e serena, falou:

- Este Ariano Suassuna é de morte mesmo.

- Inventa de escrever um folhetim cultural no céu e, não se dando por satisfeito, ainda convence Deus a convocar dois assistentes para o novel trabalho literário.

E, abrindo a porta do céu, abruptamente, anuncia:

- Entre logo, Hermano José, antes que a greve de fome espiritual de Adelma Irineu dure até a sua nova encarnação.

- Ou você vinha ou ela renascia antes do tempo.

Hermano entrou sôfrego e efusivamente contente.

E, finalmente, em paz!

## FEZ-SE LUZ!

Fez-se luz!

Não era aquela luz com cheiro de passado,  
Que nascia tímida de uma lamparina de querosene,  
Pendurada num canto qualquer da sala.  
Luz fraca de chama que se fazia forte,  
Apenas pelo vigor do resíduo cinza que tingia  
Paredes, tetos e retratos.

Fez-se luz!

Não era aquela luz multicolorida,  
Nascida dos fragmentos incontáveis de vidro,  
Do caleidoscópio,  
Luzes de combinações variadas,  
Agradáveis efeitos visuais,  
Por um lado encanta, por outro, nos trai.

Fez-se luz!

Não era aquela luz melancólica,  
Nascida da dor que chora o ente perdido,  
Da vela,

Luz rápida, efêmera e sem sentido,  
Da mesma forma que consola a morte,  
Faz compasso com palmas no aniversário festivo.

Fez-se luz!  
Não era aquela luz ritmada,  
Marcando espaço de lembrança insondável,  
Do farol,  
Luz orientando homens sem rumo certo,  
Por distâncias perdidas no momento.  
Acende e apaga ao compasso do tempo.

Fez-se luz!  
Forte, vibrante e imperscrutável.  
Alimentada pelo combustível da alma vibrante,  
Luz fulgurante dos seus olhos,  
Clarão sutil a me aprisionar,  
Brilho, cor e desejo  
Que me alegra ou me faz chorar?

## FILHAS DO *BOTOX*

O biótipo é uma característica herdada geneticamente por cada indivíduo. De acordo com o biótipo, temos a tendência natural de sermos baixos ou altos, gordos ou magros, pernas longas ou curtas.

Já o fenótipo é conjunto de características que se expressam visivelmente no indivíduo e que exprimem as reações do seu genótipo. Ou seja, a cor do cabelo, a cor dos olhos, por exemplo, são expressões visíveis (fenótipos) do nosso patrimônio hereditário (genótipo).

Portanto, com base no biótipo e no fenótipo, cada indivíduo possui suas características próprias que devem ser levadas em consideração ao se exigir resultados além dos quais o nosso patrimônio genético permite.

Recentemente, assisti a uma reportagem em que médicos oftalmologistas realizam cirurgias (proibidas no Brasil) para mudar a cor dos olhos.

Vivemos um momento em que o culto ao aparente muitas vezes suplantou o culto aos valores interiores.

Certamente, não estou assumindo uma posição radical contrária ao uso de técnicas que promovam uma melhoria na aparência. Creio que esta atitude é importante, inclusive, para a Saúde Mental.

A autoestima pode ser melhorada quando certas expressões do nosso biótipo ou do fenótipo nos incomodam e, portanto, são corrigidas, à luz do que subjetivamente concebemos como ação corretiva.

Falo dos excessos e das mudanças radicais. Não há como mudar profundamente aquilo que o nosso corpo oferece como expressão do patrimônio genético. Mas, com salutar racionalismo e equilíbrio, é possível trabalhar essas características.

Pretendo utilizar como exemplo as intervenções na face, notadamente das mulheres.

Por mais que seja lindo, nenhum rosto, feminino ou masculino, é totalmente perfeito.

Não há uma simetria bilateral plena que expresse a perfeição do rosto. Assim, as faces são sutilmente assimétricas. Neste sentido, esta leve assimetria explica a razão de um lado da face ser mais alto do que o outro, normalmente mais bonito e fotogênico.

Como um bom observador da beleza humana, tenho me detido em analisar os rostos de algumas mulheres balzaquianas. Balzaquiana é uma expressão que surgiu com a publicação do livro “A mulher de Trinta Anos”, do francês Honoré de Balzac. Refere-se, portanto, às mulheres da casa dos 30 e, atualmente, também àquelas de 40 anos.

Ao visitar igrejas, centros comerciais, cinemas, restaurantes ou qualquer outro ambiente público, certamente encontramos mulheres com traços marcantes de intervenção exagerada na face. Mulheres que se assemelham cada vez mais entre si, sem terem nenhum patrimônio genético comum que justifique a similitude, pelo uso da toxina botulínica (botox), por exemplo.

Ao observar o rosto das balzaquianas submetidas ao uso exagerado do botox, fatalmente identificamos traços marcantes e semelhantes que as unem, entre as quais destacamos: as maçãs do rosto hipertrofiadas, os lábios proeminentes (excessivamente carnudos) e a assimetria exagerada.

Com estas características comuns, é fácil observar que a expressão facial destas balzaquianas se plastifica. O sorriso passa a sensação de que a pele irá se rasgar em algum ponto do rosto.

Lamentavelmente, em alguns casos extremos, a utilização do botox e de outros meios “corretivos”, como os fios de ouro, o metacril ou outras técnicas congêneres, termina por deformar totalmente a face. A sutil beleza da mulher é substituída por uma pujante deformação.

Finalmente, nem sou especialista em estética e muito menos tenho formação acadêmica que justifique aprofundar esta discussão com base numa argumentação tecnicamente abalizada. Apenas faço estas considerações com base numa constatação, fruto da observação do cotidiano.

É sempre agradável aos olhos, observar a beleza do rosto de uma mulher. É plenamente compreensível que sutis intervenções possam melhorar a aparência e influir na autoestima. No entanto, é lastimável observar a deformação da face das lindas e naturais balzaquianas, filhas do botox que se multiplicam aos milhares nos espaços públicos de nosso cotidiano.

## FINAL DE AMOR À VIDA?

É realmente impressionante o fascínio que as novelas exercem sobre uma parcela significativa da população brasileira.

Muitas vezes, as tramas televisivas, com seus vilões e heróis, malvados e bondosos, iluminados e obscuros, conservadores e liberais, preconceituosos e tolerantes, passam a povoar o universo cotidiano das famílias brasileiras, sendo tema de debate comum nas rodas de conversas.

A novela invade também outros ambientes, além dos lares.

Na escola, no ambiente laboral, nas ruas, nas praças públicas, nas academias e até nas igrejas, cada drama ou cada personagem é abordado, segundo as múltiplas leituras decorrentes das visões de mundo e dos valores dos interlocutores.

Durante um dado instante, parece que é possível que cada personagem migre do mundo da ficção para a realidade, confundindo os dramas televisivos com aqueles comuns na vida cotidiana.

Final de Amor à Vida?

As redes sociais também se tornaram espaços privilegiados para a difusão de informações e opiniões, as mais diversas, sobre o que acontece a cada capítulo da novela global.

Veza por outra, leio comentários de intransigentes defensores da concepção de que as novelas são lixos culturais que nada agregam à formação cidadã dos telespectadores.

Mesmo sem assistirem às novelas, escrevem com tanta propriedade sobre os enredos, os dramas e os personagens que me fazem deduzir que eles assistem, mas não conseguem assumir.

Como não tenho problema, assumo que assisto telenovela e até sinto falta quando, por algum motivo, perco algum dos capítulos.

Neste sentido, aguardo com ansiedade o final de Amor à Vida.

Mas, como assistente assíduo, ousou fazer algumas reflexões na tentativa de explicar a razão desta novela ter cativado de forma tão especial os telespectadores.

Creio que este fascínio tem nome certo: Félix.

Opino que Amor à Vida é sinônimo de Félix.

Sem ele, os múltiplos dramas da novela não teriam o mesmo tempero – para o bem ou para o mal.

É de causar estranheza, como um vilão cativa de forma tão especial aos telespectadores a ponto de ter que virar bonzinho no final da trama, saindo ileso de todos os seus crimes atrozes.

O povo apaixonado por Félix o absorveu antecipadamente.

Félix afrontou de corpo inteiro o preconceito, muitas vezes velado, do povo brasileiro.

Homossexual afeminado, com fortes trejeitos e distúrbios de caráter, Félix sintetizou em si mesmo uma forma especial de odiar a vida.

Por onde passou, Félix deixou a marca de sua sutil maldade.

Ódio, inveja, falsidade e egoísmo assumiam em Félix um traço diferenciado, tolerado?

Sem salgar a santa ceia.

Sem os cachos de Salomão.

Sem ter as rugas de Matuzalém.

Sem picar salsinha na tábua dos Dez Mandamentos.

Sem ter sambado no Santo Sepulcro.

A verdade é que Félix conseguiu trocar a sua aura, obscura e pálida, no início da novela, por uma aura, multicolorida e com o esplendor de purpurina, ao final da trama.

Félix deixou de odiar cada pessoa que insistia em ser feliz para fazer um caminho contrário.

Revisitou os espaços lacunares de sua alma conturbada para lutar com seus próprios demônios – venceu e conquistou uma leveza, que até um carneirinho cativou.

Félix sintetiza no final da trama o sentido mais amplo e contraditório de amar a vida.

A vida marcada por quase tudo que vemos, com os olhos fixos, na telinha da Globo.

Tenho motivos suficientes para acreditar que o personagem em destaque neste texto não lavou a cueca na manjedoura.

Mas, de alguma forma incompreensível, ao visitar esta manjedoura intangível, ele resignificou a sua existência, deixando-nos uma mensagem de renovação e de superação.

Por Félix e para Félix, o Amor à Vida deixará marcas e saudades!

Final de Amor à Vida?

Não creio, a vida segue.

## FINITUDE DO AMOR

A imprevisibilidade da vida faz do amor algo necessariamente transitório.

Para ser belo, basta que cada momento seja vivido como único.

Amor, mesmo forte e perene

É sempre eterno em sua intrínseca finitude.

## FORTALEZAS APARENTES

Na Europa feudal, os castelos eram o símbolo mais expressivo da ostentação de poder e da arquitetura da época medieval, demonstrando a superioridade do senhor feudal, bem como o seu poder quase divino. Os castelos, com suas pujantes arquiteturas, intimidavam os servos e subjugavam os inimigos.

Conheci muitos castelos.

Olhava com grande admiração os múltiplos detalhes destas enormes construções projetadas para garantir a segurança dos seus ocupantes:

Os grandes fossos, antes alagados para dificultar a penetração dos inimigos;

As pontes levadiças;

As gigantescas muralhas;

As torres de vigilância;

As passagens subterrâneas (por vezes, secretas);

As enormes portas talhadas em madeira de lei.

Um conjunto de potente ostentação.

Conheci muitos castelos.

Esta robusta ostentação era contrastada com o pouco conforto interior.

Segundo os historiadores, os ambientes eram úmidos e com pouca incidência de luz e não ofereciam tanto conforto quanto àquele visto nos filmes de época.

Em certos momentos, pensamos nos castelos que construímos na vida – as fortalezas aparentes.

Neste sentido, observamos que muitas vezes as pessoas passam a imagem de grande fortaleza exterior quando, na verdade, são frágeis e carentes.

Conheci muitos castelos.

No entanto, ao admirar os múltiplos detalhes externos, nunca pensei nos alicerces.

Afinal, sob as fortes muralhas e as possantes torres de vigiância, poderia existir um fragmentado alicerce, invisível, posto que insondável.

Não seria esta uma pertinente analogia com algumas pessoas do nosso convívio?

Penso que existem muitas pessoas que são conhecidas e reconhecidas por sua fortaleza aparente.

Tudo podem.

Tudo resolvem.

Tudo dominam.

Tudo suplanta.

Tudo supera.

Tudo ensina.

No entanto, não seriam estas pessoas fortalezas aparentes, com frágeis alicerces?

Ou, ainda:

A fortaleza aparente não seria decorrente de numerosas fissuras nos alicerces da alma?

Até os aparentemente fortes, possuem fragilidades e fissuras na alma.

Ou, inclusive, não seria a fortaleza aparente de alguns, fruto da soma de tristezas, de mágoas, de decepções, de derrotas, de desilusões ou de fracassos?

Até os aparentemente fortes, cansam desta fortaleza e, por vezes, carecem de colo, de afeto, de carinho e de cuidado.

Conheci muitos castelos.

As fortalezas aparentes se assemelham aos castelos de areia – ambos carecem de sólidos alicerces.

Recordo uma frase de “O Pequeno Príncipe”: “Se já construístes castelos de areia no ar, não te envergonhes deles, constrói agora os alicerces”.

Finalizo, parafraseando o “Petit Prince” do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry:

Se já construístes fortalezas aparentes, não te envergonhes delas, constrói agora os alicerces.

Ou, ainda: Se os alicerces das suas fortalezas aparentes estão fragilizados, não te envergonhes, busque alguém que cuide de recuperá-los.

E você, o que tem feito das suas fortalezas aparentes?

## FRACASSO

Num dos trechos mais expressivos do livro intitulado “A insustentável leveza do ser”, o escritor Tcheco Milan Kundera, afirma: “Aquilo que não é consequência de uma escolha não pode ser considerado nem mérito nem fracasso”.

Não vou me ater a falar sobre os méritos da vida.

O que me chama atenção é a forma ácida como as pessoas geralmente reagem ante os fracassos alheios.

Nos diversos campos da vida, a exemplo do profissional e do afetivo, somos submetidos aos fracassos, muitas vezes imotivados.

Existem situações cujo fracasso não dependeu de nossas escolhas ou ainda, ocorreu sem que as nossas atitudes contribuíssem, efetivamente.

Diante desta situação, quem já não se perguntou:

O que eu fiz para causar este fracasso?

## FRÁGIL E FORTE

Minha estimada amiga Iolanda Barbosa, numa conversa, falou:

- “Você é completo em talentos”.

Eu pedi para completar a frase, rimando:

- Mas, sou muito frágil por dentro.

Tenho plena convicção que o meu romantismo é a síntese dos múltiplos fragmentos emocionais.

Cada canção, cada poesia ou cada poema que eu escrevo, desnuda para o mundo exterior sentimentos que estão por vezes aprisionados nas lacunas do meu ser.

Cada crônica que registro no *Facebook*, expressa a minha particular predisposição de reagir, de maneira única e pessoal, à influência dos fatos exteriores que arrepiam a pele intangível da minha alma.

A minha idiossincrasia se nega a seguir presa nos labirintos do inconsciente.

Transmuda-se em irreverência, inquietude e inconformação.

Já escrevi um dia que não temo desnudar a alma para me mostrar incompleto aos olhos dos homens.

No entanto, esta incompletude me faz forte.

Por uma razão muito simples: “Aprendi a juntar os múltiplos pedaços de fragilidade da minha alma”.

Com estes pedaços agregados, aprendi a construir barreiras emocionais.

Sei que com o passar dos anos estou me tornando mais reflexivo e menos impulsivo.

Estou me tornando mais solitário e menos gregário.

Sei que com o passar dos anos estou me tornando mais saudosista e menos sonhador.

Estou contemplando o infinito e o horizonte com os pés fortemente fincados no chão.

Sou um forte, apesar de inquietantemente romântico?

Sou sim, pois sou a soma das múltiplas fragilidades que se fazem fortaleza em mim mesmo.

## GRANDIOSIDADE

A grandiosidade sempre desperta encanto nos seres humanos.

As grandes obras arquitetônicas fascinam os homens.

Da natureza, somos especialmente atraídos pelas obras grandiosas da Criação, a exemplo do mar, do céu e do sol.

Nos diversos campos de atuação, creio que o fato se repete. De uma ou de outra forma, chama-nos atenção os grandes homens que se projetaram nos múltiplos campos da vida, como nas artes, na cultura, na Ciência, na religião etc.

É fácil ser tocado pelas coisas grandiosas.

Certamente, nossos sentidos são mais vulneráveis ao estímulo externo das grandes coisas.

Os grandes cenários encantam a visão.

Os grandes sons aguçam a audição.

Os grandes cheiros despertam o olfato.

As grandes superfícies atraem o tato.

Os grandes sabores estimulam o paladar.

No entanto, penso que as grandes coisas são formadas por milhares de fragmentos.

A *Gestalt* ou Psicologia da Forma trabalha com um conceito interessante: o da supersoma.

De acordo com a teoria gestáltica, não se pode ter o conhecimento do “todo” por meio de suas partes, pois o todo é maior que a soma de suas partes: “[...] “ $A+B$ ” não é simplesmente “ $(A+B)$ ”, mas sim um terceiro elemento “ $C$ ”, que possui características próprias”.

Que lição retiro desta reflexão da *Gestalt*?

A lição sobre a necessidade humana de valorizar, também, as pequenas coisas da vida.

Valorizar as coisas singelas e aparentemente insignificantes.

Creio que as pequenas coisas, às vezes, tem um valor imensurável.

Ou você não lembra uma atitude simples de outra pessoa que foi capaz de lhe fazer mudar de rumo na vida?

Neste sentido, recorro as palavras da poetiza Lou Witt, quando diz: “Um gesto, uma palavra apenas pode mudar todo o curso de uma história e para sempre o destino de uma vida”.

Ou, ainda, o mesmo entendimento de valorização, asseverado por Arthur Conan Doyle, ao expressar: “por muito tempo tem sido um dos meus axiomas que as pequenas coisas são infinitamente mais importantes”.

Portanto, se a grandiosidade, notadamente das coisas externas e aparentes é capaz de atrair os sentidos, as pequenas coisas podem despertar reflexões profundas na alma, capazes de mudarem o rumo de nossa própria história.

Assim, sinto-me cada vez mais tocado pelas pequenas coisas, infinitamente mais importantes do que a grandiosidade do aparente.

## HÁ CURA?

Sou feliz por chorar vendo um filme.

Muitas vezes, na aconchegante solidão da minha casa, deito na rede e escolho algum filme para assistir. Em geral, a primeira busca é por algum desenho animado – minha primeira e maior paixão.

Não encontrando, procuro algum nos diversos canais da TV por assinatura. Aleatoriamente, seleciono um filme cujo título e o enredo despertam a minha curiosidade. Ou seria por vezes o meu desejo voluntário de chorar?

Recentemente, tive o prazer de assistir o filme “A Cura” do Diretor Peter Horton. “A Cura” é um enredo construído na amizade nascida da solidão, com traços marcantes de superação e de luta contra o preconceito.

Crianças solitárias isoladas em seus mundos, separados por um muro. De um lado do muro, Erik (Brad Renfro) – filho da solidão nascida do abandono e da negligência materna. Do outro lado do muro, Dexter (Joseph Mazzello) – filho da solidão nascida do preconceito social, em face de ter AIDS.

Erik rompe o muro, na medida em que rompe com as barreiras do preconceito.

Dexter rompe o muro, na medida em que rompe a barreira dos seus próprios medos.

Pelas mãos de Erik, Dexter aceita buscar a sua cura.

Ou será que Erik não desejava, com esta nova amizade, se curar dos males que trazia na própria alma?

Juntos – Erik e Dexter – enfrentam águas serenas e noites silentes. Juntos – Dexter e Erik – falam dos dramas da vida ao sentirem a proximidade da morte. Juntos – Erik e Dexter – escrevem páginas marcantes de suas histórias de vida.

Foram tantas as tentativas de cura – grande aventura numa longa viagem. Longa e definitiva viagem que ocorreu sem terem encontrado a cura.

Na ausência da cura – a morte.

Na morte – a vitalidade de uma breve amizade, construída com códigos afetivos indecifráveis.

Dexter seguiu sua caminhada por meio da viagem derradeira e irremediável. Erik seguiu a sua vida, num cenário ressignificado por carinho e por afeto – sentimentos que desconhecia e que estavam do outro lado do muro.

A amizade sincera é bálsamo para as dores e cura para as dores da alma.

Será que a amizade não proporcionou a cura numa dimensão insondável?

Sou feliz por ter amigos.

E por chorar, vendo um filme.

## HIPOCRISIA NATALINA

Natal de verdade não rima com hipocrisia.

Para certas pessoas, Jesus não consegue nascer, nunca.

Elas abortam antes.

## HOJE À NOITE

Hoje à noite, conversando com uma amiga que passa por alguns problemas familiares, fiz as seguintes considerações:

Nada é tão ruim para um ser humano quanto a necessidade de se manter aparentemente forte enquanto se desaba por dentro.

Há momentos em que queremos externar as nossas fragilidades emocionais.

Há momentos em que carecemos de afago e de apoio.

Há momentos que retornamos à infância para desejar, simplesmente, o seguro colo materno.

Mesmo assim, com todos estes vazios na alma, por contextos alheios à nossa vontade, precisamos externar uma fortaleza que inexistente.

Portanto, quando você estiver assim, não se sinta menor por chorar e por se sentir frágil.

Lembre-se que a trilha da vida é marcada por tribulações e que o homem não é uma fortaleza de pedra.

O ser humano é frágil e pedir ajuda ao próximo não é demonstração desta fraqueza.

É expressão de humildade, virtude que somente engrandece quem a cultiva.

## HOMEM OU O POLÍTICO?

Estava almoçando sozinho no Manaíra *Shopping* quando soube, por meio das redes sociais, da morte trágica e prematura do Presidenciável Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Diante do impacto da notícia, tive uma primeira reação: baixar a cabeça, fechar os olhos e, silenciosamente, elevar a Deus uma prece, pedindo para que o Pai Celestial derramasse o lenitivo de necessário refrigério espiritual aos familiares que permanecem entre nós, inundados por uma dor sem medida.

Por minhas convicções espirituais, não fiz a oração pela alma do ilustre Pernambucano – certamente, a sua trajetória de vida na Terra, lhe reserva o justo e merecido lugar na outra dimensão imaterial.

Ao sair do meu silêncio interior, após a breve oração, comecei a ouvir os comentários dos comensais que dividiam comigo o espaço da Praça de Alimentação.

Não na mesma medida, os comentários causaram-me novo impacto:

- “Não há coincidência. Hoje é dia 13. Foi coisa da terrorista Dilma”;
- “E agora? Marina assume a cabeça e ganha a eleição”;

- “Sem Eduardo o governador Ricardo assume de vez a campanha de Dilma”;
- “Isso é um atentado das ‘direitas’ que querem barrar a subida dos socialistas ao Poder”;
- “Agora a campanha se polariza entre Dilma e Aécio – apostado que Dilma leva”;
- “Que nada, a morte de Eduardo vai levantar um clamor nacional de mudança e Aécio ganha força ou ainda, quem substituir Eduardo na disputa”.

Qual a razão do meu impacto ao ouvir estes comentários?

Apenas uma razão:

Não ouvi um só comentário que registrasse a dor ou o lamento pela perda, simplesmente, de um ser humano.

A morte de um filho, de um pai, de um esposo, de um irmão.

A morte de um ser humano que é, muito mais, do que um político presidenciável.

A essência do fato foi desvirtuada em favor de reflexões superficiais e imediatistas.

Não foi a morte trágica e prematura de Eduardo Campos - o ser humano - que motivou às reflexões. Foi a morte trágica e prematura de Eduardo Campos - o político e candidato à Presidência - que motivou as reflexões.

Aprendi a enxergar a vida com os olhos da esperança – substantivo feminino. A esperança como inquietante espera. Espera baseada na possibilidade de que algo que se deseja de muito bom possa acontecer.

Aprendi a enxergar a morte com os olhos do respeito – substantivo masculino. O respeito concebido como um dos

valores mais importantes do ser humano e de fundamental importância na interação social.

Em mim, o feminino (esperança) se funde com o masculino (respeito) para permitir que a dicotomia vida e morte, me faça mais humano ou talvez, uma pálida imagem de Deus, o Pai Criador.

Mesmo com esta compreensão, cada dia eu fico mais perplexo com a banalização da vida humana. Fico triste em observar atitudes e comportamentos que expressam mudanças de valores que ressaltam, muito mais, o papel que cada um representa no teatro da vida, sem nenhuma preocupação com o fato de que os protagonistas das diversas peças do cotidiano são gente - possuem carne e alma.

Nos comentários que lamentavelmente ouvi, Eduardo Campos - o homem - foi reduzido ao papel que ele protagonizou no grande e diversificado teatro da vida - o papel de político.

Finalizo, citando uma das frases mais célebres de Charles Chaplin: "A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos".

Assim, fecham-se as cortinas para Eduardo Campos, o ser humano - sem aplausos. Fecham-se as cortinas para Eduardo Campos, o político - sem aplausos?

Certamente, múltiplos e efusivos serão os aplausos ao político, cuja cortina se fechou, encerrando a peça da vida antes do tempo previsto aos olhos dos homens.

De minha parte, somo-me aos aplausos silenciosos, daqueles que enxergam as cortinas se fecharem para o pai, o filho, o esposo, o irmão - Eduardo Campos, simplesmente o ser humano. Segue com Deus, Eduardo, para os campos espirituais.

## HOUVE UM NOVO TEMPO!

Houve um tempo de comemorações efusivamente festivas.

Eram centenas de sorrisos largos, expressando múltiplos e inconfessáveis afetos.

Houve um tempo de palavras fáceis, canções emocionantes e imagens fartas, banhadas com lágrimas, fartamente caídas.

Eram centenas de braços abertos ou de mãos estendidas, concorrendo para o cumprimento que não poderia ficar no anonimato.

Houve um tempo de numerosos “presentes”, materializados em cores, sabores e cheiros.

Eram centenas de fraternos “amigos” e “leais” seguidores, dispostos a marchar na trilha de projetos aparentemente comuns.

Houve este tempo.

E este tempo correspondeu, muitas vezes, àqueles em que estive no “poder”.

Os sorrisos largos, as palavras fáceis, os doces afagos, as mãos estendidas, os abraços fraternos eram destinados ao detentor do “cargo”?

Das centenas de “amigos” festeiros, quantos ficaram nos momentos de meus “ocasionais” existenciais?

Quantos ligam, escrevem mensagens ou postam frases de congratulações nos aniversários comemorados em momentos em que estou desgarrado do “poder” efêmero e transitório?

O sorriso, o abraço, o aperto de mão e até os “presentes” eram formas de expressão de reverência ao “poder” estabelecido?

Hoje, felizmente, comemoro mais um ano de vida perto das pessoas que me querem de verdade para além dos “cargos” ou do “poder” exercido.

Que me querem para além do jogo momentâneo dos interesses imediatistas e por vezes mesquinhos.

Há um novo tempo.

Tempo em que compreendi a transitoriedade dos “cargos” e, sobretudo, aprendi a reconhecer os amigos de verdade.

Amigos de todas as horas e de todos os momentos.

Há um novo tempo.

Tempo de comemorar a idade que trago na alma.

Há um novo tempo.

Tempo de brindar à nova idade alicerçada nas minhas experiências acumuladas.

Há um novo tempo.

Tempo de comemorar o aniversário olhando o passado com imensa gratidão e o futuro com obstinada fé.

Finalmente, uma conclusão que trás alento à minha alma:

Fora do poder, é possível enxergar que centenas de amigos verdadeiros ainda existem.

Eles estão dispostos não somente a caminharem segurando a minha mão, mas, sobretudo, a me carregarem nos braços nos momentos de tristeza, angústia e dor.

Ao maior amigo, o Mestre Jesus, meu agradecimento pela presença constante e perene nos dias da minha vida.

Aos amigos de hoje e de sempre que “estão ao meu lado em qualquer caminhada”, meu mais escolhido agradecimento.

Que Deus derrame bênçãos infinitas sobre todos eles, hoje e sempre.

## IMERGIR

Há pessoas que, de tanto mergulhar no *eu*, esquecem do *nós!*

## JANELA

O que há para além daquela janela?  
Horizontes de múltiplas cores?  
Ou cenários estranhamente acrômicos?  
Não sei se abruptamente a escancaro  
Ou se suavemente vou desvendando,  
O espaço desconhecido,  
Jamais a mim revelado.

O que me prende?  
Por que me detenho diante daquela janela?  
Arrepios de insondáveis raízes?  
Ou temores arraigadamente justificáveis?  
Não sei se acelero o passo  
Ou se caiu no chão,  
Combalido pelo total embaraço.

O que me impulsiona?  
Por que nem o medo oculta o desejo que disfarço?  
Esperança de novas emoções nascidas?  
Ou fugaz ilusão de histórias perdidas?

Só sei que nem a abro repentinamente,  
Nem me delongo olhando as suas brechas,  
Nutro-me da inquietude do que do outro lado me espera.  
Abro sutil, silenciosa e delicadamente,  
A janela que hoje a vida me empresta.  
O cenário que vislumbro à minha frente,  
Aniquila da alma o temor do desconhecido,  
E faz-se alegria num coração impulsivo,  
Que encontra mais uma razão,  
Para até aqui ter vivido.

## JURAS DE AMOR

Por que você  
Sente saudade do passado,  
Se sigo firme ao teu lado,  
Fazendo juras de amor?

Por que você  
Machuca tanto o meu carinho,  
Se planto flores no caminho,  
E recebo em troca somente espinhos?

Um amor, por mais forte, é sempre frágil como um cristal,  
Ao se quebrar em pedaços não há conserto e nunca é igual,  
Por isso pense, pois o seu desafeto rompe meu amor,  
Ao olhar para trás ficou só no caminho,  
Pois o tempo passou.

## LÁGRIMAS

Só sei que saem dos olhos,  
Lágrimas caladas,  
Lágrimas incontidas,  
Lágrimas desordenadas.  
Lágrimas do início ou do nada?  
Lágrimas do fim ou do nada?  
Só sei que são lágrimas.  
Lágrimas doloridas,  
Lágrimas abundantes,  
Lágrimas violadas.  
Lágrimas do início, do fim ou do nada?  
Já não sei e isso pouco importa.  
Lágrimas são sempre lágrimas.  
Inclusive as caladas e as doloridas.  
As incontidas e as abundantes,  
As desordenadas e as violadas.  
Lágrimas são sempre lágrimas  
Que transbordam da alma fragilizada.

## LAR DE MARIA

Lar do céu, além do mar, um lugar  
Onde todos vibram em harmonia:  
É o Lar de Maria.

Ela ampara os que sentem dor,  
Refrigera e consola o sofredor,  
Enxuga as lágrimas  
Com o bálsamo do amor.

Neste lugar, onde tudo é paz,  
Neste lugar, onde tudo é amor,  
Você encontrará o momento de real prazer,  
O bom viver.

Além do mundo material, um lugar,  
Tão belo quanto o olhar  
Do Nazareno, o Senhor.  
Além do horizonte, do firmamento, um lugar  
Onde a força emana do bem  
Em forma de amor.

Neste lugar, onde tudo é paz,  
Neste lugar, onde tudo é amor,  
Você encontrará o seu momento de real prazer,  
O bom viver.

## LIBERDADE

Busquei no dicionário da vida,  
O significado da almejada liberdade,  
Esta independência de agir e de pensar,  
De exercer o livre-arbítrio  
E o caminho escolhido trilhar.

Liberdade que nos faz voar,  
Ver cenários de tonalidades multicoloridas.  
Ser livre é condição essencial à felicidade,  
É conquista da essência humana  
Que sintetiza o encanto da vida.

## LINHAS PONTILHADAS

Ao conversar com um ex-aluno do Curso de Direito pelo *Facebook*, me veio a seguinte reflexão:

Lembrei minhas primeiras lições para aprender a escrever e a ler.

Estudava no Instituto Domingos Sávio.

Minha Alfabetizadora segue bem viva, morando no bairro da Conceição - D. Glória – jamais esquecerei aquele sorriso largo com dentes especialmente brancos - seriam reflexos da sua alma nobre?

Mas, voltando às primeiras letras, sigo refletindo.

Nem recordo o nome de certo material didático da época.

Mesmo sem lembrar o nome, sei que nele a tarefa consistia em cobrir as linhas pontilhadas que, ao final, formavam letras ou pequenas palavras.

No final do ano, o livrinho estava concluído, com todas as linhas antes pontilhadas formando letras ou palavras.

No ano seguinte, já não havia em mim o menor interesse em passar o lápis grafite sobre aquelas linhas que formaram letras ou palavras.

Muito menos, me estimulava a ideia de apagar com borracha branca as letras ou palavras nascidas das linhas, antes pontilhadas.

Com o tempo, aquele caderninho de atividades era abandonado num canto qualquer.

Passava a compor a memória de um passado - de linhas pontilhadas que deram origem às primeiras letras ou palavras.

Num canto qualquer, o caderninho perdia, definitivamente, o seu sentido.

Caderninho de linhas pontilhadas que davam origem às letras ou palavras, transformou-se em papel mofado - letras ou palavras ilegíveis e borradas.

Penso que o mesmo ocorre com alguns fatos da nossa vida.

Muitas vezes a vida é marcada por uma profunda decepção que vai cobrindo as linhas pontilhadas da nossa esperança, fazendo nascer nas páginas da nossa história, letrinhas que ao se agruparem, constituem palavras amargas - a exemplo de mágoa, de rancor, de tristeza ou de raiva.

Mas, não adianta manter o caderninho dos fatos existenciais colado à alma.

Com o tempo, ele perde o sentido - pode até mofar.

Não vale a pena tentar reescrever a história por cima das linhas antes pontilhadas.

Cada dia é uma nova página.

Novas palavras para novos enredos!

Nova página escrita com palavras de um contexto diferente do anterior.

Contexto anterior que faz parte de um tempo que nunca retorna - o passado.

Passado que deve ser presente, apenas como forma de relembrar que palavras como mágoa, rancor, tristeza ou raiva,

filhas diretas da decepção, nunca devem ser reescritas, a fim de que o futuro proporcione os momentos felizes que almejamos.

Momentos felizes que almejamos e que se fazem no presente, cobrindo as novas linhas pontilhadas da nossa existência com fé, esperança e entusiasmo.

Pense!

## LUCIÉRNAGAS

Da janela,  
Vislumbro ao longe,  
Bem distante,  
Centenas ou milhares  
De pontos luminosos,  
Que nascem e morrem,  
Constantemente,  
Num ritmo frenético,  
Incontrolável.

Luzes de um desconhecido povoado?  
Infinitas estrelas cintilando no céu?  
Anjos bailando com asas incandescentes?  
Invasão alienígena de seres mais inteligentes?

Da janela,  
Vislumbro distante,  
Bem longe,  
Milhares ou centenas,  
De luminosos pontos,

Que morrem e renascem,  
Constantemente,  
Num frenético ritmo,  
Inimaginável.

Luzes cintilantes de um povoado?  
Desconhecidas estrelas bailando no céu?  
Invasão de anjos mais inteligentes?  
Alienígenas alados e incandescentes?

Luciérnagas frenéticas brilham,  
Salpicando com luzes infinitas,  
Que se acendem e se apagam,  
Na abóbada do insondável céu,  
Cor predominantemente amarela,  
Manifesta a presença da vida,  
Numa noite solitária e de indescritível espera.

## LUGAR ÚNICO

Há um lugar único,  
Somente seu.  
Nele, você fala e escuta a própria voz.

Neste lugar,  
Somente seu.  
Até os gritos encontram respostas  
Nos ecos que dos sentimentos afloram.  
Nele, você chora  
E as lágrimas fecundam o árido solo.

Neste lugar,  
Somente seu.  
Você canta  
E ele decifra as rimas e os versos.

Há um lugar único,  
Somente seu.  
Nele, você se sente seguro,  
Nada viola,  
E ninguém invade

As suas alegrias  
Ou os seus tormentos.  
Há um lugar,  
Somente seu.  
Imperscrutável,  
Indecifrável,  
Desafiador.

Neste lugar,  
Você encontra a guerra  
Ou a paz,  
A inquietude  
Ou a calma.

Há um lugar,  
Somente seu:  
O espaço da sua alma.

## MACHO OU HOMEM?

Dia Internacional do Homem - 15 de julho.

Penso que poucos homens sabem que também lhe dedicaram uma data especial.

Por razões que não ousou aprofundar, este dia não é tão divulgado pela mídia.

Também não é efusivamente comemorado como o dia das mães, dos namorados, das mulheres, etc.

Interessante, é que ao comentar sobre este dia em sala de aula, no Curso de Ciências Biológicas da UEPB, uma aluna fez uma observação no mínimo inusitada: “Professor, eu pensava que o dia do homem era todos os sábados”. E eu, surpreso e curioso, perguntei: Como assim?

E a aluna, sem titubear, respondeu: “o sábado é o dia do homem, pois neste dia ele dá o dinheiro da feira, leva a família ao restaurante, se estica no sofá tomando cerveja, faz a mulher de pateta saindo para beber com os amigos etc”.

Certamente, esta pessoa que a aluna falou, representa um estereótipo de macho bastante arraigado na sociedade patriarcal, onde o homem era o único provedor e, portanto, a voz hegemônica do núcleo familiar.

A cultura e o costume transformaram o homem apenas em um macho. Neste sentido, macho de verdade “é aquele que o

coração não bate, dá porrada” ou, ainda, é “tão macho que até o lado feminino é lésbico”.

Até no Cristianismo o homem assume uma posição superior ou seria outro o entendimento quando se diz que o homem é a “cabeça” da família?

Por estas e outras, tenho me distanciado desta posição machista e dominadora - essa cara não sou eu.

Mas, de qual homem falamos neste dia internacional?

Certamente, não existindo homens iguais, os valores que cada um faz do homem certo ou ideal é pura expressão da própria subjetividade.

Creio que o ideal masculino muda conforme os contextos sociais, culturais, econômicos, religiosos, entre outros.

Ao longo da história da humanidade, o homem passou por profundas transformações. O homem-força das cavernas, cuja figura sempre esteve associada à brutalidade, à rudeza, aos impulsos indomáveis e ao fascínio dominador, foi gradativa e lentamente, por imposição das mudanças da cultura e dos costumes, transformados no homem-sentimento, cuja figura está associada à gentileza, aos bons modos, à sutil perspicácia e ao fascínio sedutor.

Será que o crepúsculo do macho não trouxe o alvorecer de um novo homem?

O homem-sentimento é aquele que chora. É aquele que cuida do corpo. É aquele que se depila. É o que faz tratamento de pele e até alisamento de cabelo. É o que usa botox e faz plástica. É aquele que admite suas fraquezas. É aquele que sofre por amores perdidos ou por amores achados.

O homem-sentimento é aquele que compartilha. É aquele que se deixa dominar para exercer outras forças mais afetuosas. É aquele que canta e que encanta. Que expressa os sentimentos “sem vergonha e sem juízo”.

O homem-sentimento conhece os seus limites. Sabe que depende de alguém para se sentir vivo. Precisa de alguém para se sentir gente. Como afirma Jean-Paul Sartre, é “o homem que deve ser inventado a cada dia”.

Finalmente, o homem cujo dia se comemora hoje, é àquele que suplantou a visão restrita de macho, muitas vezes vinculada à mera representação fálica. Um homem para além do símbolo de virilidade e de fertilidade.

O homem do mundo de hoje, sabe que para ser macho é necessário muito mais do que um órgão reprodutor ereto. Para ser macho, inclusive, é preciso compreender a dimensão mais imperscrutável do universo feminino e nele mergulhar para se embriagar e se confundir com os sentimentos mais sutis da essência deste gênero.

Parabéns aos homens dos novos tempos que são seres bem mais evoluídos do que os machos!

## MAPEAMENTO DA ALMA

Indubitavelmente, na condição de Biólogo, uma das áreas que mais me fascina é a Genética. Tenho especial encantamento pelo advento do denominado mapeamento genético.

Há pouco mais de uma década, por meio do Projeto Genoma Humano (HGP), os mapas genéticos têm sido utilizados com sucesso para identificar genes responsáveis por doenças hereditárias, a exemplo da distrofia muscular e da fibrose cística.

Inclusive enfermidades decorrentes da conjugação de diversos genes, como o diabetes, a asma, a aterosclerose e até o câncer, também podem ser ‘identificados e tratados por meio de terapias genéticas.

Certamente, o mapeamento genético descortina ante os nossos olhos, os segredos insondáveis da Medicina, reservando ao futuro próximo a compreensão, o diagnóstico precoce e o tratamento das doenças, inclusive para a adoção de medidas preventivas.

Imaginemos como o mundo seria diferente se fosse possível fazer o mapeamento da alma?

Será que na alma não estão marcados os genes que determinam os comportamentos e as atitudes humanas?

Quantos sofrimentos presentes no cotidiano humano, tantos as dores físicas quanto morais, nascem da alma atormentada?

Acredito que há uma relação íntima de causalidade entre o sofrimento da alma e todos os casos de sofrimento físico que se manifestam por sintomas psicossomáticos de aflição, ansiedade, desespero, depressão, fobia e pânico.

Também é certo que certos sofrimentos da alma, também decorrem de graves enfermidades, inclusive em pessoas da família ou das perdas de entes queridos.

Há quem sofra, profundamente, pelas perdas de bens materiais.

Quem não sofre as dores de amores perdidos?

Seria determinante para a constituição de uma sociedade mais saudável, o reconhecimento das doenças da alma, como entidades nosológicas que acometem, marcadamente, o ser humano.

Este mapeamento da alma seria uma revolução civilizatória, sem precedentes na história da humanidade.

Infelizmente, a esta temática tem sido dada pouca importância pela Ciência. Estes estudos se restringem às religiões e às instituições esotéricas, embora a alma, na qualidade de centro de todas as potencialidades do ser humano, seja um constituinte importante do organismo.

É da alma que emanam os pensamentos, a inteligência, os dons artísticos, a curiosidade científica, a índole, o caráter, a intuição e a própria consciência.

É da alma, como dínamo gerador do corpo físico, que nascem as energias negativas que podem causar doenças e dificuldades na vida. Também é da alma, impregnada de emoções positivas, que nascem o bem-estar e a saúde.

Assim, penso que o mapeamento da alma será no futuro próximo, o alicerce da saúde humana.

É certo que as doenças da alma não têm sangue. Não são palpáveis e nem são detectadas pelos exames clínicos ou por meio dos sofisticados equipamentos de tomografia e de ressonância magnética.

Em geral, as doenças da alma são ignoradas pelas pessoas e são desvalorizadas pela maioria dos profissionais da Saúde, notadamente pelos médicos. No entanto, nem por estas razões, as doenças da alma são menos dolorosas, pois provocam tanto sofrimento quanto a dor do corpo físico.

Ramakrishna Paramahansa, importante líder religioso indiano, profundamente reverenciado por milhões de fiéis como um mensageiro de Deus, cunhou uma célebre frase sobre o tema: “A doença é o preço que a alma paga por ocupar o corpo, como o aluguel que um inquilino paga pelo apartamento onde mora”.

Ou seja, é na alma que residem e nascem as dores e os sofrimentos humanos.

Será que você já faz o mapeamento da sua própria alma para identificar e combater os genes dos seus sofrimentos ou para combater as emoções negativas que causam desequilíbrio em sua vida?

## MÁSCARAS

A vida é um turbilhão. Há quem diga que é um carnaval. Moacyr Franco, neste sentido, assim se expressou: “A nossa vida é um carnaval, a gente brinca escondendo a dor [...]”.

De fato, no turbilhão da vida e nos múltiplos carnavais, vivemos entre fantasias e máscaras.

Pelos corredores das nossas folias emocionais, desfilam colombinas, arlequins, pierrôs, palhaços etc.

Todos, indistintamente, entre gargalhadas indisfarçáveis, usam as máscaras e fantasias como elementos agregados de subjetiva proteção. De certa forma, por razões muitas vezes insondáveis, somos todos artistas nos palcos da vida.

Por meio das máscaras ou das fantasias, vamos ocultando as emoções e camuflando os sentidos.

Portanto, se engana quem pensa que as fantasias e as máscaras são próprias do carnaval. Concordo com Aldir Blanc e João Bosco quando afirmaram: “Custei a compreender que a fantasia é um troço que o cara tira no carnaval e usa nos outros dias por toda a vida”.

No entanto, que tipo de emoções ou de sentimentos se oculta por trás das máscaras e das fantasias?

Não sei responder a esta pergunta de forma incisiva. Talvez, tenha razão o dramaturgo, escritor e poeta irlandês Oscar

Wilde, quando assim se expressou: “Por detrás da alegria e do riso, pode haver uma natureza vulgar, dura e insensível. Mas, por detrás do sofrimento, há sempre sofrimento. Ao contrário do prazer, a dor não tem máscara”.

Ouvimos com certa frequência a seguinte frase: “a máscara caiu”. Fiz até uma canção com este título. Nela, falo: caiu da sua face, a máscara caiu. Caiu: eis a dura realidade.

Quem não se frustrou ou se decepcionou ante as máscaras que caem das faces de pessoas com as quais convivemos e nas quais depositamos confiança, sonhos e aspirações?

Ao cair, a máscara arrasta pedaços especiais das nossas vidas. Ao cair, a máscara deixa à mostra a face verdadeira. E, esta face desnuda, não corresponde ao ser com o qual convivemos e compartilhamos espaços no palco da vida.

A máscara cai e com ela nascem sentimentos os mais imprevisíveis: mágoa, decepção, tristeza, ódio, rancor etc.

A máscara cai, e para nossa surpresa, desnuda uma face desconhecida. Há uma frase muito apropriada de Lua sobre o tema, que diz: “E quando a máscara cai, a surpresa, não havia nada por baixo, só vazio, tudo ilusório, um ser fictício habitava ali”.

É esta, portanto, a dura realidade.

Por baixo da máscara habitava um ser fictício.

Um ser que projetava para além dos detalhes multicoloridos da máscara uma imagem falseada da realidade.

A máscara quando cai expõe o verdadeiro caráter de quem a usava.

Penso que seguimos no palco da vida convivendo com fantasias e máscaras. De nada adianta alimentar os sentimentos

negativos que derivam das surpresas que temos com as máscaras caídas.

O importante é saber que quando Deus deu ao homem uma face, não foi para que fosse coberta por uma máscara.

Assim, somente ao Pai Celestial cabe julgar na medida certa os pierrôs, colombinas, palhaços, arlequins e demais personagens que desfilam em nossas vidas, com estratégicas máscaras, ocultando as verdadeiras faces.

Infelizmente, vivemos uma realidade muito bem descrita por Paolla Cristiny: “Lobo em pele de cordeiro. Mascarás. Teatro. Falsidade, atualmente essa é a nossa realidade”.

Sigo, sem máscaras, no palco da vida!

## MEDO

Tenho medo de montanha russa. Desde pequeno, aliás, desde criança, jamais tive coragem de subir (ou seria descer?) numa montanha russa. No máximo, desafiei meu medo, subindo numa roda-gigante. Quando criança subia nas rodas gigantes do Parque Maia, instalado no bairro da Conceição, durante a festa promovida pelos religiosos do Convento São Francisco. Creio que até em relação à roda gigante existia um medo.

No entanto, eu subia desafiado pelos amigos “corajosos” que, certamente, transformariam o meu medo em um dos primeiros registros de *bulling* infantil no Instituto Domingos Sávio. Um parêntese. Até hoje, está muito presente na minha memória o hino da escola que todos cantavam com vigor, motivado pela forte batuta de D. Terezinha Leite: “Domingos Sávio, tua vida imitamos, a Pátria e a Igreja, servimos e amamos”.

Nunca parei para fazer uma análise semiótica da letra. Pouco me importa o estudo dos signos linguísticos que compõem o texto. A que pátria se servia à época? Por qual Igreja nutríamos amor? Para minha vida, já foi suficiente a leitura do contexto que deixou marcas profundamente felizes na minha meninice. Mas, isso é um detalhe. Tenho medo de montanha russa.

Depois de adulto. Fui desafiado por diversas oportunidades a vencer o medo. Ao lado da minha filha, por exemplo, fui instigado a subir (ou seria descer?) na grande montanha russa da *Eurodisney*. Larissa, com tom provocador e naturalmente autoritário, dizia: “painho, deixe de ser frouxo, não há perigo”. Como vocês podem deduzir não me curvei ante o desafio provocador: fiquei em solo firme, olhando à distância, um pedaço de mim, descendo e subindo, com velocidade indescritível, na montanha russa. Tenho medo de montanha russa.

O medo, algumas vezes, sucumbe quando a necessidade de autoafirmação se torna determinante no contexto de novos relacionamentos. É preciso demonstrar força. O medo, portanto, é sinal de fraqueza. Como temer uma montanha russa, quando múltiplos desafios muito mais severos irão surgir na vida, notadamente a dois? Não quis nem saber. Mesmo estimulado pelo forte amor, não tive coragem de subir (ou seria descer?) na montanha russa. Pouco importa se me fiz fraco desde a infância ou com minha filha ou com um novo amor (que já ficou no passado). Tenho medo de montanha russa.

Aprendi que o medo é uma sensação que nos proporciona um estado de alerta que se expressa pelo receio de fazer alguma coisa. O medo é motivado por algo que nos ameaça, tanto física quanto psicologicamente. Portanto, não tenho medo de assumir o meu medo. No instante em que assumo o meu medo de montanha russa, dispo a minha alma para expor uma fragilidade, que permanecerá na dimensão do inconsciente, protegida pelo véu do desconhecimento se eu decidisse nunca revelar este medo. No entanto, quem não tem medo que atire a primeira pedra, inclusive do alto da montanha russa.

Os medos estão intrinsecamente relacionados à natureza humana. A humanidade caminha com homens e seus múltiplos

medos, velados ou declarados. Mário Quintana, poeticamente falando do medo, diz: “a noite acendeu as estrelas porque tinha medo da própria escuridão”. Tenho medo de montanha russa, como a noite tem medo da própria escuridão.

Meu medo, portanto, é fonte fecunda de reflexão. Não é um medo que me acovarda diante das descidas e subidas naturais da montanha russa da vida. Nesta montanha russa, dinâmica e mutável, já venci o meu medo. Na montanha russa da vida já não me fascino pelas subidas e, nem tampouco, tenho pavor pelas descidas.

Finalmente, de alguma forma, meu medo de raízes infantis me fez um bem enorme. Talvez por ter seguido, à risca, o pensamento de Mahatma Gandhi, quando asseverou: “O medo tem alguma utilidade, mas a covardia não”. Tenho medo de montanha russa. Mas, não me acovardo nas subidas e descidas da montanha russa da vida.

E você, como enfrenta os seus medos?

## MEMÓRIAS

Sutil e lentamente,  
Abro a tampa do baú.  
Não sei o que a minha atenção desperta:  
O cheiro único e marcante do pretérito  
Ou a visível desorganização que me espera?

Tudo junto, amontoado e misturado:  
Fotos antigas e até mais recentes,  
Fotos coloridas e de palidez acrômica,  
Fotos visíveis ou borradas.  
Nenhuma imagem marcando o presente,  
Todas remetem ao vivido passado.

Em cada imagem vejo um sentimento,  
Sorrisos de alegria ou marcas de tristeza profunda,  
Olhares de conquistas ou de doloridas perdas,  
Semblante de vitória ou de exemplificadora derrota,  
Traços de juventude ou de velhice fecunda,  
Registros de uma vida em constante movimento.

Violenta e abruptamente,  
Fecho a tampa do baú do tempo.  
O conteúdo me fragiliza e me inquieta.  
Há em mim um medo atroz e inconsciente?  
Ao visitar as memórias afloradas num momento,  
Brotam lágrimas de dores escondidas e latentes.

## METAMORFOSE

Refleta!

Sensível crisálida.

Retorcida e metamorfoseada.

Em teu íntimo latente habita

O esplendor de uma forma renovada.

Pensa!

Insegura crisálida.

Ainda ambígua e enclausurada.

Esqueça os olhos dos que te olham

Mas não enxergam a mudança processada.

Ousa!

Misteriosa crisálida.

Amorfa e potencializada.

Desperta a borboleta de asas colapsadas

E rompa a velha casca quitinada.

## MEU UMBU-CAJAZEIRA

Sempre que volto a Livramento, cidade encravada nos Cariris Velhos da Paraíba, eu me vejo retomando certos rituais que não são possíveis em Campina Grande ou em João Pessoa. Acordar ainda mais cedo. Ouvir o cântico dos pássaros silvestres. Sentir o cheiro da mistura da terra quase sempre seca, fecundada pela brisa leve da noite. Admirar o bezerro se fartando do leite que brota vigoroso das tetas da vaca.

Encher o coração de regozijo espiritual por vislumbrar a presença de Deus em cada pedaço desta natureza seca e árida.

Tomar um banho de chuva no terreiro de casa, reproduzindo brincadeiras da meninice. No entanto, há um cenário que me chama especial atenção:

A frondosa árvore de umbu-cajazeira que ocupa espaço privilegiado no quintal.

Ao longo dos últimos anos tenho observado as suas periódicas mudanças:

Folhas mais ou menos verdes. Folhas amareladas ou pardas. Folhas que nascem ou que caem. Flores que salpicam de um pálido amarelo-esbranquiçado os múltiplos ramos da copa. Flores que viram frutos, abundantemente.

vez por outra, aparecem lagartas de fogo que se transformam em dieta diferenciada para os saltitantes pássaros. As que

sobrevivem, metamorfoseando-se, criam asas e dominam os céus. Cada vez mais raramente, aparecem pequenos saguis.

No entanto, sempre tenho um olhar especial sobre as partes da árvore que não enxergo - as raízes.

Não tenho a menor dúvida, por dedução da minha própria formação acadêmica, que a beleza duradoura e mutável da copa, tem íntima relação com a força e vitalidade das raízes.

A copa com os seus múltiplos ramos mudam, periodicamente, inclusive por força determinante das duas estações predominantes - a seca e a chuvosa. As raízes, por sua vez, seguem cumprindo a sua inexorável missão, silenciosas e anônimas.

Assim como a frondosa árvore de umbu-cajazeira passa por mudanças externas sazonais, analogicamente, penso que também os homens vivem semelhantes situações.

Mudamos, externamente, com o tempo, com a maturidade, com os desafios, com as derrotas, com as vitórias, com as alegrias e com as tristezas. Mudamos, constantemente, por uma razão muito simples:

Somos seres em constante construção - não nascemos prontos.

Penso, inclusive, que esta característica de incompletude dos seres humanos, explica a nossa própria razão de ser - vivemos para crescer.

Talvez seja essa uma das respostas possíveis às conjecturas filosóficas sobre a razão da vida.

Há, finalmente, outro tipo de mudança na árvore da nossa vida que não são visivelmente perceptíveis.

Não marcam o rosto. Não deixam cicatrizes. Não enrugam a pele. Não embranquecem os cabelos. Estas mudanças

ocorrem na dimensão, muitas vezes insondável, dos comportamentos e das atitudes.

No entanto, nem sempre mudamos de comportamentos ou de atitudes de forma que a nossa árvore da vida se torne mais frondosa aos olhos dos homens e, principalmente, de Deus. Mudamos de atitudes ou de comportamentos por egoísmo, por desamor, por inveja, por vingança ou por ciúme.

Atitudes ou comportamentos que enfraquecem os galhos da vida e ressacam os ramos, fazendo cair folhas, precocemente envelhecidas.

Há, no entanto, mais uma vez, o poder protetivo e silencioso das raízes.

Nas raízes se encontram os demarcadores do nosso caráter. Nas raízes se encontram os registros dos nossos valores. Nas raízes se encontram os indicadores dos nossos princípios.

Por fim, ao olhar novamente o umbu-cajazeira que se faz cada dia mais forte no quintal da casa de Livramento, dimensiono o tamanho dos desafios que tenho que enfrentar, na incessante luta comigo mesmo.

Luta na busca de me fazer mais vigoroso e mais forte, por meio de comportamentos e atitudes que tenham relação direta com os valores e os princípios que estão demarcados nas raízes da minha vida.

Finalizo, citando uma das frases mais célebres de Victor Hugo, o novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país, que disse: “Mude suas opiniões, mantenha seus princípios. Troque suas folhas, mantenha suas raízes”.

E você, como tem cuidado dos ramos, dos galhos e das raízes da árvore da sua vida?

## MINHA *GESTALT*

A grandiosidade sempre desperta encanto nos seres humanos. As grandes obras arquitetônicas fascinam os homens ao longo da História: as pirâmides do Egito, as Catedrais góticas do Velho Continente, a Torre Eiffel de Paris, o Cristo Redentor do Rio ou a Ponte de Danyang-Kunshan da China.

Da natureza, somos especialmente atraídos pelas obras grandiosas da Criação, a exemplo do mar, do céu ou do sol.

Nos diversos campos de atuação, creio que o fato se repete. De uma ou de outra forma, chama-nos atenção os grandes homens que se projetaram nos múltiplos campos da vida, como nas artes, na cultura, na Ciência, na religião etc.

É fácil ser tocado pelas coisas grandiosas.

Certamente, nossos sentidos são mais vulneráveis ao estímulo externo das grandes coisas. Os grandes cenários encantam a visão.

Os grandes sons aguçam a audição. Os grandes cheiros despertam o olfato. As grandes superfícies atraem o tato. Os grandes sabores estimulam o paladar.

No entanto, penso que as grandes coisas são formadas por milhares de fragmentos que, em conjunto ou agrupadas, dão o devido valor ao todo.

A Gestalt ou psicologia da forma trabalha com um conceito interessante: o da supersoma. De acordo com a teoria gestáltica, não se pode ter um conhecimento pleno do “todo” por meio de suas partes, pois o todo é maior que a soma das suas partes. Neste sentido, as grandes coisas resultam não somente da soma das pequenas coisas. Há algo mais, para além dos sentidos, que forma o todo.

Na Gestalt o todo não é somente a soma das suas partes “A+B”. Há um terceiro elemento “C” que possui características próprias.

Qual o valor que fazemos destas pequenas coisas que são essenciais na composição do todo?

A poetisa Lou Witt tem um olhar especial sobre as pequenas coisas e afirma: “As pequenas coisas às vezes tem um valor imensurável.

Um gesto, uma palavra apenas pode mudar todo o curso de uma história e para sempre o destino de uma vida”.

Pelo exposto, tenho buscado na vida valorizar as pequenas coisas, afinal: Quantas cores são combinadas para pintar os diversos cenários da vida que encantam a visão?

Quantos instrumentos formam uma orquestra para produzir os grandes sons que aguçam a audição?

Quantas essências são necessárias para proporcionar os grandes cheiros que despertam o olfato?

Quantos materiais e produtos são utilizados na construção das grandes superfícies que atraem o tato?

Quantos temperos são agregados na comida para criar os grandes sabores que estimulam o paladar?

O notável escritor escocês, criador de Sherlock Holmes, ao tratar do tema, destacou: “Por muito tempo tem sido um dos meus axiomas que as pequenas coisas são infinitamente mais importantes”.

Portanto, o elemento “C” da minha Gestalt é o valor que faço das coisas pequenas que formam o todo.

O meu olhar valorativo sobre as partes, me faz ter uma dimensão mais precisa da importância do todo. Para mim, não há como valorizar o grande (o todo) sem ter me apropriado do valor do pequeno (as partes).

O pequeno é a expressão mais simples da nossa incompletude.

E, esta compreensão da minha pequenez, me torna grande?

Portanto, tenho buscado valorizar as coisas pequenas e simples da vida: uma palavra, um gesto, um sorriso, um afago ou um aperto de mão. Estes fragmentos existenciais se agrupam para proporcionar a minha felicidade possível.

E você, qual o elemento “C” da sua Gestalt? Também é o valor que faz das pequenas coisas?

## MINHA UTOPIA

Ser um cidadão do mundo com fortes raízes fincadas no solo, mas com galhos imensos e robustos, projetados no infinito.

## MONOSSÍLABOS

Não sei,  
Há quem explique?  
De minha parte,  
Por vezes me irrita,  
Outras vezes apenas me inquieta.  
Tem a força de aprisionar as ideias  
Pelo vazio que sempre deixa,  
É atitude sutil que desanima,  
Usar apenas monossílabos  
Nas trilhas de uma conversa.

De um lado,  
No circuito da comunicação,  
Um interlocutor fala frases corridas,  
Com ânsia de emoções incontidas,

Do outro,  
Frias palavras escolhidas da alma.  
Apenas múltiplos monossílabos,  
Por vezes tônicos, por vezes átonos,

Que se misturam no curso de uma história  
Marcada por curtas conversas  
E uma longa e desejada espera.

## MULETAS OU ASAS?

Muitas pessoas esperam que a gente assuma na vida delas o papel de muletas. Elas esquecem que podemos assumir um papel mais libertador: o de asas.

## MULTI(SENTIMENTAL)

Durante muitos anos enxerguei no mundo realidades sempre opostas. Não sei se estes olhares tinham alguma relação com a concepção filosófica dualista de Platão. Na verdade, isso pouco importa nesta reflexão.

O que de fato importa é que os meus olhares enxergavam as realidades opostas do mundo como irredutíveis entre si. Mais ainda, imaginava que essas realidades opostas eram incapazes de uma síntese final que não dependesse de uma origem individual, dualista e até dicotômica.

Assim, enxergava o dia e a noite. Ou belo e o feio. Ou multicolorido e o monocromático. Ou céu e o inferno.

Nesta perspectiva, também incluía os sentimentos humanos.

As pessoas ou eram boas ou eram ruins. Ou eram verdadeiras ou eram hipócritas. Ou amavam ou odiavam.

Essa maneira de enxergar os sentimentos humanos me levou, fatalmente, à filosofia, também dualista, do *maniqueísmo*.

Nesta filosofia religiosa sincrética, fundada e propagada por Maniqueu, filósofo cristão do século III, o mundo se divide entre o bem e o mal.

Com o passar dos anos, fui entendendo que o mundo não era dual. E que os sentimentos humanos não poderiam ser aprisionados neste dualismo maniqueísta.

No mundo não há apenas o dia e a noite. Também há o entardecer para inspirar os poetas. Há madrugadas para fazer companhia aos românticos insones. Há o amanhecer para encantar os olhos dos espectadores mais sensíveis.

Na vida, não há, apenas, o belo e o feio. Também existem os medianamente belos (ou feios) que garantem o padrão de normalidade dos biótipos humanos. As pessoas não são exclusivamente boas ou más.

Os contextos existenciais fazem com que, num dado momento, um ser essencialmente bondoso, tenha atitudes que expressem uma maldade até então desconhecida.

Assim, aprendi a relativizar os meus olhares. Os sentimentos também não são dualistas. Não se enquadram num maniqueísmo determinante.

Aliás, penso que somos multi(sentimentais). Ou seja, os sentimentos humanos se inter cruzam num mundo intangível e pluridimensional. Somos, talvez, a síntese possível de tantos sentimentos que coexistem num mesmo espaço, profundo e insondável. No campo das emoções, os sentimentos se expressam por atitudes inesperadas e até desconhecidas.

Ao passar a enxergar o mundo desta maneira, penso que me tornei mais tolerante comigo mesmo e com os sentimentos alheios. Deixei de cobrar atenção, afeto e carinho. Se estes sentimentos se expressam em algum momento da minha vida, que sejam por espontâneo desejo daqueles que os protagonizam. Hoje até compreendo que alguém pode amar, sendo indiferente.

Que alguém pode querer, sendo individualista. Que alguém pode gostar, mesmo sendo intolerante. Que alguém pode desejar, mesmo sendo gélido e imperscrutável. Que alguém pode

sentir prazer, mesmo em abissal silêncio. Alguém pode afirmar que não concorda ou que este pensamento é equivocado e contraditório.

Respeito quem pensa diferente. No entanto, neste meu olhar se enquadra a incompletude do ser humano. Por não sermos completos, não somos dicotômicos. Somos multifacetados até nos sentimentos. É por esta razão que abandonei os olhares dualistas do mundo e das realidades humanas. Por ser assim - (multi)sentimental - enxergo o mundo com tantas cores, tantos versos e tantos reversos.

E você, como enxerga no mundo?

## MUNDO DOS DESCARTÁVEIS

Ao olhar o mundo atual, certamente por força do modelo econômico alicerçado no estímulo ao consumo, constatamos que vivenciamos uma nova era - a do descartável. Não estou falando, exclusivamente, dos descartáveis fisicamente materializados. Na atualidade, é absolutamente correto afirmar que os bens de consumo que um dia foram denominados como duráveis, estão cada vez mais descartáveis.

É a lógica de uma sociedade que exige mais praticidade nas ações do cotidiano?

Ainda levo registrado nas lembranças da minha meninice, uma linda cristaleira de imbuia escura adornada com vidros jateados, disposta numa posição estratégica da sala de estar da nossa casa de morada, no bairro da Conceição.

Naquela casa nasci (literalmente) e nela vivi momentos marcantes - inclusive de dolorosas perdas e de memoráveis vitórias. Dentro da cristaleira - mobiliário intocável - meu universo lúdico de criança era despertado pelas múltiplas peças que eram identificadas pelo meu curioso enxergar. Coisas inatingíveis. Peças inacessíveis.

Dentro daquela espécie de templo dedicado ao culto dos adultos, eram cuidadosamente guardadas louças de porcelana, taças de cristal, faqueiro de prata e outros utensílios especiais. Chamava-me especial atenção um conjunto de miniaturas de

uísques e de licores importados. Aquelas garrafinhas era meu sonho preferencial de cobiça.

Hoje, posso confessar:

Entre tantas travessuras, uma das mais marcantes e desafiantes, foi violar aquele templo do culto dos adultos e me apropriar de uma miniatura de licor azul, tomar o seu conteúdo e substituir o líquido por outro, cuidadosamente preparado com um pedaço de anilina azul que a lavadeira Zalú - quanta saudade dela - utilizava para fixar a cor das calças *Lee* ou *Levis* dos meus irmãos - que só eram vendidas na loja de meu pai - a Deny Perfumaria.

Neste momento penso no poeta da rebeldia, o inigualável Cazusa, quando afirmou: “Parece que as coisas perderam o brilho... O que era insubstituível virou facilmente descartável, os momentos, viraram lembranças”.

Meu mundo adulto é outro.

Em nome dessa necessidade de praticidade e em favor servir à cultura capitalista do consumo, olho ao meu redor e não encontro nada que povoava o meu universo infantil.

Meu mundo adulto virou um amontoado de objetos que celeremente tornam-se inúteis, desatualizados, obsoletos, ultrapassados e descartáveis.

Como pano de fundo, há certa inovação tecnológica - ou plástica?

O culto dos adultos é feito em templos, às vezes, virtuais, onde predomina um “deus”: a nova indústria de bens de consumo descartáveis. Este “deus” prepara produtos que se desgastam num curto espaço de tempo para obrigar os fiéis a uma reposição mais imediata. Não é preciso usar muitos exemplos.

Apenas um pode ser citado para suscitar as necessárias reflexões dedutivas: o celular.

Você já comprou seu *Smartphone BlackBerry*

Ou prefere o *Galaxy Ace Duos*?

Nesta busca, não é possível desconsiderar os modelos atômicos mais recentes: *Dalton, Thomson, Rutherford e Niels Bohr*.

O mundo dos descartáveis é marcado pela necessidade subjetiva e impulsiva de comprar produtos novos e jogar fora o obsoleto e o desatualizado.

Fez-se uma nova cristaleira. No seu interior pratos e talheres de plástico. Garrafinhas multicoloridas de tintas para tingir os cabelos.

Neste mundo descartável, somos envolvidos pela mística imposta pelo “deus” imperativo que nos faz consumir, cada vez mais, objetos descartáveis ou coisas desnecessárias.

Não paramos para pensar nas implicações negativas futuras à vida, notadamente no que se refere aos aspectos meio ambientais e de saúde.

No entanto, minha reflexão está para além dos objetos descartáveis ou das coisas desnecessárias. Meu receio é de que as pessoas também estejam se tornando descartáveis.

Relações fugidias. Afetos passageiros. Amores midiáticos. Paixões virtualizadas.

Carinhos que ficam... e passam!

Vocês já observaram algumas relações afetivas que são expostas nas redes sociais?

Num momento, é a declaração de amor eterno à pessoa da sorridente foto. No momento seguinte, já foi postada uma nova

foto com um novo e eterno amor ao lado. Sequer houve tempo para curtir, comentar ou compartilhar.

Temo que o paradigma do lixo, como algo que deve ser jogado fora, possa invadir o nosso mundo interior, transformando as lacunas da alma em lixões ou aterros de amores vividos e celeremente descartados.

Penso que é preciso repensar este mundo descartável que estamos ajudando a construir. Não importa que alguns entendam como saudosismo ou loucura tentar reviver no tempo presente o universo da cristaleira de imbuia com vidros jateados da minha meninice.

No entanto, sou daqueles que gosta, guarda e cuida de coisas e objetos do passado.

Fico emocionado ao rever os cenários da minha infância - dos cariris velhos de Livramento aos luars da Baía da Traição. As lágrimas brotam dos meus olhos ao lembrar os passeios no Rio de Janeiro com minha Tia Lourdes, notadamente no bairro que ela chamava de “meu Leme”. Meu sentir sobre os fatos, as coisas e os objetos do passado é um sentir de um valor inestimável.

Recuso-me a pensar em relacionamentos afetivos descartáveis. Apesar de ser uma frase forte, não poderia concluir esta reflexão com outra assertiva: O ser humano não pode ser coisificado, muitas vezes à semelhança de lixo. Não concordo que o amor seja descartável ou algo parecido.

Esta é a minha premissa - minha forma de tentar ser feliz.

## NÃO ACREDITO EM ACASO

Há alguns dias estava me programando para encontrar com Edmundo Gaudêncio.

Desejava convidá-lo para fazer a apresentação do meu livro, intitulado (Ins)pirações e que se encontra no prelo na Editora da Universidade Estadual da Paraíba - EDUEPB.

Hoje pela manhã, estive na sede da EDUEPB em Bodocongó para ter uma conversa preliminar com o pessoal da editoração e do projeto gráfico. Na saída, sentado num banco da calçada, encontro Edmundo. O mesmo encontro prazeroso de sempre. Edmundo é tão especial para mim que ao encontrá-lo já fico com saudade do instante seguinte. Fiz o convite. Estava com uma cópia do livro às mãos. Edmundo, de pronto, afirmou: “já gostei do título”.

Respondi: “Cansei de escrever sobre as coisas racionais e lógicas da vida. Não quero mais escrever sobre temas aprisionados à Academia. Decidi escrever sobre as coisas da alma”. A resposta de Edmundo justifica a sua escolha para apresentar o meu livro (um conjunto de pirações): “Flávio, você fez muito bem. É tanta gente escrevendo sobre coisas lógicas e racionais. E veja no que a lógica transformou o nosso mundo”.

E, na medida em que eu me despedia, afastando-me, ele finalizava: “Obrigado pelo convite”.

Não respondi no momento, mas o faço agora:

Obrigado a você, Edmundo.

Por você existir, sobretudo.

## O APITO DO TREM

“E o meu coração embora, finja fazer mil viagens, fica batendo parado, naquela estação”.

Este é o refrão da canção intitulada: “Naquela Estação”, imortalizada na voz suave de Adriana Calcanhotto.

Há tempos que não ouvia esta canção e nem recordava os detalhes de cada frase que compõe o conjunto harmoniosamente poético.

Coube ao meu estimado amigo Gustavo Alvim, um carioca romântico e confuso (como eu), fazer brotar em mim o desejo de fazer uma reflexão sobre a frase.

É verdade que em muitos momentos, desistimos de seguir a viagem no trem da vida e optamos por parar numa certa estação.

Tantas vezes, insistimos em ressignificar uma estação que representa o passado, na tentativa de fazê-la, outra vez, tempo presente.

Outras vezes, sofremos e nos entristecemos, com o coração batendo, olhando os múltiplos trens que seguem céleres nos trilhos da vida, enquanto permanecemos parados, aprisionados ao passado.

O que representa a estação passada na viagem da nossa existência?

Vale realmente a pena ficar parado numa certa estação da vida, preso ao passado que nunca mais retorna?

De minha parte, penso que quando ficamos parados numa estação da vida, nos expomos, exageradamente, às intempéries: forte calor, chuvas torrenciais, tempestades abruptas, altas umidades, temperaturas oscilantes, entre outras.

Sabem as consequências?

Tessituras existenciais desgastadas. Almas friamente mofadas. Emoções fragilmente dilaceradas. Miradas tristemente turvadas.

A vida segue célere como trens em trilhos que nunca param. Parar é uma forma de aprisionar a alma aos grilhões do tempo passado. É uma forma de negar o futuro.

Não bastam as batidas do coração.

Prefiro seguir o apito do trem, ainda que não saiba onde o som me leva, do que permanecer parado na estação, vendo o trem que segue célere no desconhecido horizonte.

E você, entrou no trem ou segue parado na estação?

## O GATO E O RATO

Certo dia um cientista irreverente,  
Decidiu fazer um experimento  
Com duas espécies de animais,  
Inimigos naturais de sempre,  
Para saber se este teste científico,  
Em condições similares,  
Poderia ser aplicado,  
Também para os seres humanos,  
Chamados pelo povão,  
Apenas de “gente”.

Trancou num pequeno quarto,  
Um gato gordo de palácio  
E um rato delgado de coxia,  
Dando água e alimento  
Aos dois bichinhos,  
Durante a noite,  
E, também, durante o dia.

O cientista construiu uma hipótese:  
Se os animais ficarem juntos,  
Apesar da brutal diferença,  
Deixariam de lado o instinto,  
O gato não comeria o rato  
E o rato seria preservado,  
Virando “amiguinho”  
Do predador malvado.

Depois de alguns dias,  
O quarto foi aberto,  
O rato estava morto  
E também havia morrido,  
O temível gato.

O rato morto, sem cabeça  
E o gato morto com a barriga inchada.  
O gato não foi bondoso,  
Pois decepou de um golpe,  
A cabeça do pequeno rato.  
Mas o golpe foi tão violento  
Que o gato, apesar de malvado,  
Também morreu, engasgado.

## O TEMPO PRESENTE

Hoje me fizeram uma pergunta inusitada:

- Professor, quantas horas tem o seu dia?
- Ato contínuo, perguntei:
- Como assim?
- Por quê?

A resposta foi igualmente inabitual: “Tenho observado que o senhor tenta fazer mil coisas ao mesmo tempo. Aqui na Secretaria, na UEPB, na FURNE e no Conselho Estadual de Educação. Participa de atividades no MEC. Ainda acha pouco e faz outro doutorado em Salamanca. Aliás, ainda encontra tempo para escrever e compor”.

E, continuou: “Essa sua forma apressada de ser me chamou atenção. O senhor nunca deixa nada para depois. Quer resolver tudo na hora. Até parece que só sabe lidar com o presente”.

Na verdade, a parte final do comentário realmente me deixou reflexivo.

Qual a razão para que este traço de personalidade desperte a atenção das outras pessoas?

Por qual razão, geralmente, não gosto de adiar decisões?

Que tipo de justificativa explica o meu comportamento frequente de querer resolver tudo na hora ou de tentar lidar com

as pendências das pessoas sempre no momento em que elas me procuram?

Não tenho uma resposta precisa.

Penso que a minha firme convicção da imprevisibilidade do futuro, me faz ter um olhar fortemente focado no presente. É no presente que busco objetivar a minha existência.

Tenho sonhos ou não alimento ilusões?

Faço projetos pensando no futuro?

Para as duas perguntas, as respostas são afirmativas.

No entanto, é no presente que tento deixar as marcas que podem perpetuar o meu viver.

As marcas que já se transformaram em história, estão registradas no passado - não posso repisar sobre elas.

E as marcas do futuro?

Sequer tenho a mínima certeza de que serão objetivadas no instante seguinte da minha vida.

Como bem ressalta o inigualável Filósofo romano Sêneca: “Dedica-se a esperar o futuro apenas quem não sabe viver o presente”.

Assim, na incerteza sobre o futuro, vou buscando fazer o melhor que posso para mim e para o próximo, no único tempo que presumivelmente posso interferir com minhas atitudes cotidianas - o tempo presente.

## PAI, AFASTA DE MIM ESTE *QUALIS!*

Recentemente, completei vinte e cinco anos como docente do quadro efetivo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Convenhamos, é toda uma vida. Aliás, um tempo bem maior que a maioria dos casamentos. Ou das penas privativas de liberdade.

Meus contemporâneos sabem muito bem o que vivemos neste um quarto de século. Os momentos mais marcantes da história da UEPB nós vivemos, ou melhor, escrevemos frases, por vezes rabiscadas, nas páginas deste fantástico livro institucional.

Da URNE à UEPB, estávamos como ex-alunos ou como docentes recém nomeados; de Instituição privada à Universidade Pública Estadual - estávamos como ex-alunos ou como docentes; das agudas crises à Autonomia - estávamos como docentes e protagonistas de uma nova página que se começava a escrever (ou rabiscar).

Hoje, após 25 anos, olho para o passado que não volta mais, buscando encontrar no presente, as marcas de uma instituição vocacionada para formar gente. Gente diferente, sintonizada com a realidade local e regional. Uma Universidade socialmente comprometida. Uma Universidade humanizada.

E a que vem todo este intróito, aparentemente saudosista?

É para levantar a suspeita de que a UEPB de hoje é pior do que a de ontem?

Não. Longe de mim, desconhecer os avanços que saltam aos olhos, na direta proporção da crise que turva a visão.

Ao que parece, causas e efeitos se inter cruzam, numa dialética desafiadora e por vezes inexplicável. Aliás, desafio é a marca da História da UEPB.

No entanto, a presente reflexão não passa por dados estatísticos que demonstram o crescimento institucional. Os números estão postos, a cobrar de cada um de nós a destacada posição que assumimos no *ranking* das melhores universidades estaduais no país e em especial do Nordeste. O crescimento e a crise coabitam num mesmo ambiente de incertezas. Fujo dos números como o diabo fuge da cruz.

No entanto, chama-me especial atenção os novos discursos que passo a ouvir dos professores, notadamente dos doutores, nos Departamentos, nas salas de professores, nas rodas de conversas acadêmicas, nos corredores por vezes frios das antigas Faculdades, a saber:

*Qual é seu Qualis?;*

Já consegui publicar com Qualis?;

*Meu Qualis é A e o seu, ainda é C?;*

*Se não é Qualis, não conta para a CAPES.*

Até os alunos assumem estes novos discursos da “Qualidade” e afirmam: “*meu orientador de PIBIC tem Qualis e o seu?*”. “*O meu professor não tem interesse de orientar PIBIC. Também, não produz Qualis*”.

Diante destes discursos e destes novos cenários de “Qualificação”, me pergunto:

Qual o *Qualis* que me cabe neste latifúndio?

Busco e rebusco nas minhas memórias e não encontro entre os meus melhores professores da graduação, nenhum com *Qualis*. Lembro-me de muitos sem *Qualis*, mas com competência didático-instrumental. Lembro-me de tantos outros sem *Qualis*, mas com compromisso ético no exercício da profissão. Lembro-me de outros, mas sem *Qualis*, que construíram a História e garantiram com suas lutas, a existência dos alicerces sobre os quais se edificou a nova UEPB, da era *Qualis*.

Não estou afirmando que os que possuem *Qualis* não têm competência técnica ou compromisso ético ou que também não fazem história. Pelo contrário, acho que o mérito acadêmico também passa pelos *Qualis* da vida.

No entanto, me recuso a aceitar que os valores humanos e a dignidade profissional sejam pautados, exclusivamente, por “*Qualificação*” e não por qualificação, compromisso, dedicação e história de vida na Instituição.

Recuso-me a aceitar que você vale somente o quanto pesa seu *Qualis*.

Recuso-me a aceitar que esta lógica de claro e indisfarçável fordismo acadêmico comece a ganhar tanta força e tanto espaço no âmbito da nossa UEPB que os valores institucionais sejam secundarizados.

Não quero ser um *Qualis* apartado da ressignificação dos novos cenários Institucionais.

Afinal, qual o *Qualis* que me cabe neste latifúndio?

Alguns leitores vão me criticar.

Podem até dizer que o meu discurso não se coaduna com os novos desafios da pujante UEPB.

Pouco importa o que pensam os defensores desta lógica perversa que transforma o professor doutor num escravo de estratificações da qualidade e da produção intelectual, com seus famosos fatores de impacto. Louvo os que produzem neste contexto de cobranças fordistas. Que vivam plenamente com seus *Qualis*, com custas e custos correspondentes.

No entanto, a UEPB que, dialeticamente, me construiu e que ajudei a construir, tem espaço reservado para os docentes graduados, especialistas, mestres e doutores sem “*Qualificação*”.

Para eles, o exercício da docência com decência, justifica a remuneração recebida.

Cumprem, fielmente, com a sua missão profissional de que foram imbuídos e merecem o devido reconhecimento e respeito.

Todos têm uma parte que lhes cabem neste latifúndio!

Afinal, nem só de *Qualis* vive o homem... nem a mulher... e nem a UEPB.

Portanto, que se amplie a política de Pós-graduação *Stricto Sensu*. Que se fortaleçam os grupos de pesquisa. Que se consolidem os currículos dos docentes, inclusive com *Qualis*. Tudo isso faz parte do mérito que é intrínseco à natureza universitária.

Mas, é importante lembrar que a Universidade é alicerçada num tríplice alicerce: Ensino, Pesquisa e Extensão. Este paradigma institucional não foi ontologicamente superado, felizmente.

No entanto, não nos curvemos a este fordismo acadêmico que gera competitividade, sofrimento laboral e desconstrói os alicerces estruturantes da nossa UEPB, vocacionada para formar gente - com ou sem *Qualis*.

A UEPB pensada por humanistas. Não, uma instituição projetada por fordistas.

A UEPB tem História, para além do *Qualis*!

Não transformemos o tempo presente “numa página infeliz da nossa história”.

Não façamos com que o império fordista do *Qualis* desnature a nossa razão mais intrínseca de existir.

Não segregemos em espaços de subvalorização profissional muitos que dignificaram a nossa História e que podem ser transformados em figuras de “passagem desbotada na memória das nossas novas gerações”.

Por tudo que tenho visto, só devo pedir:

Pai, afasta de mim este *Qualis*!

## PAIXÃO ERRADA?

Um amigo.

Uma história comum.

Nada de inusitado.

Mudou completamente de vida.

Investiu numa paixão (ou seria amor?).

Pediu demissão do emprego.

Alterou os seus planos de estudo.

Deixou as suas raízes para trás.

Migrou, investindo tudo numa nova história.

Seria a pessoa que sempre sonhou?

Seria a concretização dos sonhos mais acalentados?

Seria a ilusão se objetivando em sutil realidade?

Seria aquele relacionamento inquebrantável?

O tempo passou, celeremente.

Os sonhos viraram pesadelos.

As demonstrações iniciais de carinho e de afeto foram minguando.

No lugar do respeito e da atenção, nasceram a indiferença e o descompromisso.

O castelo de areia não resistiu aos golpes violentos das intempéries.

O que fazer?

Reescrever a história?

Rabiscar novas frases?

Virar a página

Ou queimar o livro?

Ninguém tem a resposta.

Decifrar os códigos afetivos da alma não é tarefa delegada aos outros.

É desafio pessoal, próprio e intransferível.

Refletiu!

Decidiu voltar.

Pois, neste caminho “ninguém se perde”.

Voltou.

Tenta retomar a sua vida de onde decidiu mudar.

Sofre?

Certamente que sim.

Qual o conselho?

Arejar a vida.

Acreditar na marcha inexorável do tempo.

Amores não são eternos.

Nem as dores duram para sempre.

Lamentar?

Não é uma atitude sana.

Outro amor que vale a pena,

Pode em breve nascer,

Afinal, a alma dele não é pequena.  
E uma nova paixão?  
Lógico que pode um dia acontecer.  
Afinal, paixão é fogo que alimenta a vida,  
Apesar de às vezes deixar feridas  
Que machucam o coração.

## PAIXÃO

Hoje conversei com uma amiga que está apaixonada.

Confessou que era algo que nunca havia sentido. E afirmou que estar temerosa, pois é um sentimento tão forte que mexeu com muitas emoções que estavam adormecidas.

Em certo momento da conversa, comentou que se sente interiormente invadida, pois a pessoa rompe com certos padrões existenciais que têm servido de referência em sua vida. Por ser um romântico inconsequente e sem freios na alma, usei comentar:

Todo o rio caudaloso e de águas agitadas, pode ter dias de calma - só depende do tempo.

O tempo que agita é o mesmo que acalma. O tempo que atormenta é o mesmo que acalanta.

Tentar barrar o curso natural das águas, muitas vezes, é favorecer desastres de consequências imprevisíveis.

Prefiro seguir o curso das águas que tentar retê-las.

Se não ousamos, deixamos que as águas do mar das nossas emoções se tornem estagnadas ou poluídas.

Por tudo isso, eu penso que as paixões devem ser vividas.

Não coloco barreiras que possam podar as asas das emoções.

Se não ousamos, por medos ou por freios, inclusive ali-cerçados na suposta moralidade ou naquilo que é socialmente

referendado, permitimos que surjam cicatrizes na alma, decorrentes das feridas do arrependimento.

Lembrei, inclusive, de uma frase emblemática de Voltaire, que diz: “As paixões são os ventos que enfunam as velas dos barcos, elas fazem-nos naufragar, por vezes, mas sem elas, eles não poderiam singrar”.

Ao final da conversa, a amiga falou: “Vou seguir seus conselhos e depois lhe conto o resultado”.

## PALAVRA

A palavra, mais do que um vocábulo provido de significação e de meio para expressar a faculdade natural de falar, é um forte instrumento de poder.

O poeta francês Victor Hugo, assim se expressou: “As palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade”.

A palavra pode representar uma brisa que penetra suavemente nos espaços lacunares da alma, proporcionando serenidade e paz interior.

Mas, também, pode ser uma forte tempestade que invade a alma deixando destruído o terreno das emoções.

A palavra bem dita edifica. A palavra mal dita destrói.

A palavra bem dita enseja a alegria. A palavra mal dita é sombra que entristece.

A palavra bem dita gera a calma. A palavra mal dita é prenúncio do desespero.

A palavra bem dita aproxima. A palavra mal dita afasta.

Bendita a boa palavra que brota da alma!

Portanto, a palavra pode ser a pá capaz de remover do terreno das emoções as sementes que causam a dor, a tristeza, a mágoa e o rancor.

Infelizmente, também pode ser a pá que abre covas profundas no coração, onde se alojam as sementes destes mesmos sentimentos negativos.

Será por esta razão que as pessoas estouvadas, agressivas e sem controle emocional são chamadas de sujeitos da pá-virada?

A pá da palavra, inclusive, pode remover os detritos ou as ervas daninhas, a fim de tornar a gleba da vida plenamente arável. Por meio da palavra, o homem lavra o campo das emoções com boas ou más sementes.

Portanto, para além da mera junção morfológica, na palavra há um sentido simbólico da pá e da lavra. Finalmente, ressalto as palavras da missionária católica Madre Teresa de Calcutá, conhecida pelo cognome de “Santa das sarjetas”, quando afirmou: “Todas as nossas palavras serão inúteis se não brotarem do fundo do coração. As palavras que não dão luz aumentam a escuridão”.

É preciso cuidar para que cada palavra que pronunciamos seja a melhor expressão do bem que habita em cada um de nós.

E você, o que tem feito com as suas palavras?

## PARAR O TEMPO!

Se um dia eu pudesse parar o tempo,  
Aproveitaria aquele instante  
Para caminhar, pausadamente.  
Sorrir, relaxadamente.  
Cantar, sem necessidade de tons,  
Dançar, sem compassos na mente.

Se um dia eu pudesse parar o tempo,  
Aproveitaria aquele instante  
Para amar, livremente.  
Brincar, despercebidamente.  
Pintar, sem necessidades de cores,  
Construir, sem nenhum detalhe pendente.

Se um dia eu pudesse parar o tempo,  
Aproveitaria aquele instante,  
Para rezar, silenciosamente.  
Chorar, copiosamente.  
Aceitar, sem necessidade de escusas,  
Avançar, sem atalho incidente.

Se um dia eu pudesse parar o tempo...

## PASSOU

Passou,  
Nem olhou para trás,  
Da mansidão, da leveza e da brisa suave,  
Restaram sussurros de abrupta tempestade.

Passou,  
Nem olhou para trás,  
Do caminhar solidário de tantas memórias  
Ficaram pegadas, sofridas e solitárias.

Passou,  
Nem olhou para trás,  
Dos sorrisos plenos de contentamento,  
Restaram rostos com rugas de ressentimento.

Passou,  
Nem olhou para trás,  
Dos gozos aflorados dos múltiplos sentidos  
Ficaram as mágoas de corações partidos.

Partiu...

## PAZ NO SILÊNCIO

Não somos nós que marcamos o tempo.

É o tempo que marca a nossa vida.

Por esta razão, muitas vezes nos frustramos ante a constatação de que os ponteiros do relógio da nossa existência seguem seus compassos, independente da nossa vontade, do nosso desejo, do nosso sonho e da nossa ilusão.

De alguma forma inexplicável, enquanto os ponteiros seguem suas inexoráveis marchas, num espaço que também não dominamos, também seguem rolando os dados, como disse o irreverente Cazuzza: "[...]Saiba que ainda estão rolando os dados. Porque o tempo, o tempo não pára [...]".

Assim, a imprevisibilidade do tempo futuro não deve alimentar ansiedades e nem inquietar a nossa alma.

Aquietar a alma é condição determinante para o equilíbrio e a serenidade.

Deixemos que o tempo cumpra o seu desiderato.

É fundamental seguir na trilha existencial com tranquilidade.

O grande desafio é buscar o equilíbrio entre a inquietude da alma e a pressa da vida.

Em certas circunstâncias da vida, é preciso uma parada estratégica para fazer uma faxina na alma.

É uma espécie de catarse solitária que depura os espaços lacunares da alma.

Também se encontra a paz no silêncio.

## PEDRAS NO CAMINHO

Sócrates, filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga, considerado um dos fundadores da filosofia ocidental. É até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente por meio dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte.

Cora Coralina, poetisa e contista brasileira, considerada uma das mais festejadas escritoras brasileiras, que publicou seu primeiro livro aos 76 anos de idade, no ano de 1965.

O que há em comum entre o enigmático filósofo grego e a humilde poetisa e doceira de profissão?

O que pode unir os textos de profundidade filosófica de Sócrates e a obra poética, rica em motivos cotidianos, de Cora Coralina?

Certamente, os grandes pesquisadores da literatura podem encontrar respostas abalizadas em destacados estudos acadêmicos.

De minha parte, numa manhã ensolarada na praia do Bessa em João Pessoa, encontrei um traço comum entre Sócrates e Cora Coralina:

Apenas uma pedra.

Ou seriam muitas pedras?

A humanidade até o tempo presente vive um profundo dilema, buscando explicar as grandes construções ou estruturas em pedra, presentes no planeta.

As pirâmides do Egito ou a curiosa ordem das pedras do *Stonehenge* são alguns dos exemplos dessas estruturas, que intrigam os mais destacados cientistas e deixam em êxtase os místicos mais entusiastas.

O que dizer dos blocos de pedras de tantas toneladas que formam o *Tiwanaku*, um importante sítio arqueológico pré-colombiano da Bolívia?

Como explicar as centenas de bolas de pedras descobertas no Delta *Diquis* da Costa Rica?

Ou ainda, o que dizer do *Sacsayhuaman* que é um complexo murado perto da antiga cidade de Cuzco, que fica a uma altitude de mais de três mil metros?

A humanidade, portanto, vive tentando explicar como foram edificados os grandes monumentos em pedras.

Como colocaram estas pedras de tantas toneladas nas estruturas milenares que despertam a curiosidade dos homens?

Se colocar estas pedras é um desafio, o que pensar da ideia de removê-las?

Repentinamente, como tentativa de unir os pensamentos de Sócrates e de Cora Coralina, recorro ao poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade que falou: “No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. Tinha uma pedra”.

É, portanto, desta pedra que quero falar.

A pedra no meio dos nossos caminhos.

Esta pedra é a interface entre o filósofo grego e a poetisa goiana.

Você lembra quantas pedras removeu do seu caminho?

Por acaso, recorda o tamanho das pedras que se fizeram obstáculos, por vezes intransponíveis, nas trilhas da sua vida?

Pedras enormes de tantas toneladas que pesavam fortemente em nossas costas.

Ou pedras diminutas que encontraram abrigo seguro em nossos sapatos.

Não importa o tamanho ou o peso.

Pedras são sempre pedras.

E, certamente, em nossas vidas tinham muitas pedras.

Em certo momento, Sócrates falou das pedras e das escadas da vida: “Transforme as pedras que você tropeça nas pedras de sua escada”.

A poetisa, sem falar diretamente na escada, fala de uma obstinada subida na montanha da vida, retirando as pedras do caminho: “Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores”.

A determinação interior de retirar as pedras do caminho exige esforço e obstinação.

Estou convencido, que nem as pedras das pirâmides de quéops, quéfren e miquerinos, nem os grandes blocos do Tiwanaku e nem as enormes bolas de pedras da Costa Rica, proporcionam mais dificuldades para a remoção do que o esforço que cada um empreende no sentido de retirar as pedras que invadem as trilhas da nossa alma.

Mágoas e tristezas. Ressentimentos e ódio. Inveja e egoísmo. Amargura e angústia. Ansiedade e pessimismo. Arrogância e remorso. Decepção e vaidade.

Tantos sentimentos negativos que se acumulam como pedras multifacetadas nas trilhas da alma. Retirá-las dos terrenos da alma é uma tarefa que exige um esforço e uma determinação cotidiana.

A mudança atitudinal ou a compreensão mais profunda dos nossos comportamentos contribuem para que as nossas energias espirituais sejam fortalecidas, a fim de que possamos remover as diminutas e as grandes pedras da nossa caminhada ascensional.

Finalmente, lembro outra pedra cuja remoção liberta o homem para uma nova vida. A pedra que liberta o homem da morte e o faz plenamente vivo aos olhos de Deus.

Disse Jesus: “Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já fazem quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu, se creres verás a glória de Deus? segundo João (11:39-40)”.

O trecho bíblico conta-nos o episódio vivido por Jesus diante do túmulo do grande amigo, Lázaro, que já havia falecido e já estava no túmulo há quatro dias. Enxergar a glória de Deus é retirar da vida as pedras que estão bloqueando as nossas visões ou que têm atrapalhado em muito as nossas vidas.

Observem que Jesus não removeu a pedra. Esta tarefa ele reservou a cada um de nós. Ele nos convidou para participar do milagre que é a retirada da pedra da morte, libertando-nos para a vida plena. Retirar a pedra, portanto, é tarefa individual e insubstituível.

Há uma pedra no meio do caminho.

Tantas pedras existem no meio do caminho.

E você, o que tem feito para retirar estas pedras das trilhas da sua vida?

## PERFECCIONISMO HUMANO

Ao ser concebido como imagem e semelhança de Deus, o homem tenta usurpar Dele os atributos que lhe são inatingíveis.

O perfeccionismo de algumas criaturas humanas, nada mais é do que o reflexo desse desejo incontido de se tornarem iguais ao Criador e não somente imagem e semelhança.

## POETIZAR A VIDA

"Cuidado com o excesso de poesia em algo não tão poético. Amor nem sempre é recíproco".

Com esta frase, um amigo muito especial tentava cortar as minhas asas poéticas.

Talvez, por me querer tanto bem, desejava me encaixotar nos quadrantes intangíveis da racionalidade.

Seria uma tentativa de me proteger das inquietudes da minha alma?

Ou ainda, seria a expressão mais pura de um carinho sem tamanho que tenta podar os ramos das minhas emoções, a fim de que a árvore da minha vida não projetasse galhos frondosos num vazio?

Não sei bem a resposta. Só sei que para mim tudo é poesia. E, mesmo nos momentos de nostalgia por um tempo que passou e nunca mais voltará. Mesmo com uma saudade dolente de histórias que ficaram guardadas no profundo vazio da alma.

Prefiro ser poético e assumidamente romântico. Por amor e para o amor- sempre abstrato e insondável em sua plenitude - vale a pena poetizar e até sofrer. No amor que alegra e naquele que machuca. No amor que magoa e naquele que entusiasma. No amor que entristece e naquele que desperta emoções nunca

vividas. No amor reside uma poesia latente que provoca as inspirações dos românticos e dos seres de almas inquietas.

Nas múltiplas contradições da vida a poesia é argamassa que mantêm erguido o castelo dos nossos sonhos e ilusões.

O amor não pede permissão para chegar.

Ele invade todos os espaços lacunares da alma, fazendo, muitas vezes, ruírem as estruturas mais firmes das nossas emoções.

Portanto, querido amigo, não há nada abaixo do firmamento que detenha a minha capacidade de poetizar a vida e romantizar as trilhas, por vezes áridas, da minha existência.

Se o amor não é recíproco, pouco importa.

O meu amor me basta - já é uma grande razão para viver - e para fazer poesia.

## PONTEIROS DO RELÓGIO DA VIDA

Há momentos na vida em que agimos com tanta ansiedade e de forma tão precipitada que parece que temos o poder de alterar o ritmo do tempo.

É uma tentativa fadada ao fracasso.

O tempo não se subordina aos nossos desejos!

O tempo é senhor de si mesmo!

O tempo segue célere e paciente, rumo ao futuro incerto e imprevisível.

Assim, certamente, o nosso maior desafio é compreender os enigmas presentes em cada signo temporal.

Um segundo, um minuto, uma hora, um dia, um mês, um ano... um século!

Até os segundos - menor signo temporal - encerra em si mesmo a imprevisibilidade que nos atormenta.

Um segundo é a síntese mais diminuta da nossa própria insignificância.

Você já parou diante de um daqueles relógios antigos de parede?

Relógios antigos de madeira, bem talhados e adornados?

Tenho um destes na minha sala.

Há quem frequente minha casa e não suporte o som do relógio.

Muito menos quando o cuco sai do seu espaço interno para se transformar no senhor do tempo por meio de um canto sonoro e musical, repetitivo.

O som sincronizado e metódico deste relógio tem sido meu fiel companheiro, inclusive nas noites insones.

Este som pauta a minha imaginação.

Desperta as minhas inspirações.

Invade os espaços lacunares da minha alma.

Faz barulho nos meus próprios silêncios.

O som do meu relógio de parede tem me ensinado que não adianta precipitar o tempo.

Não adianta tentar fazer com que o futuro se torne presente, a partir dos meus desejos ou das minhas aspirações.

Um dia destes, tentei adiantar um dos ponteiros do meu relógio de parede.

O que marca os segundos se rompeu.

Repentinamente, meus segundos se tornaram ainda mais incertos.

Usei uma cola especial de madeira para consertá-lo.

É possível adiantar os ponteiros do tempo que marcam a nossa vida?

Se forem rompidos, não há cola intangível capaz de consertá-los.

Rompido, o ponteiro que marca o tempo de nossas vidas, se finda, no presente, as nossas expectativas do futuro, ainda que imprevisíveis e incertas.

Este é meu ideal de tempo: imprevisível, incerto e jamais precipitado.

## PONTES E SONHOS!

Há homens que constroem pontes. Outros preferem optar por atalhos, sem enfrentar os obstáculos.

Há homens que não temem os novos caminhos. Outros insistem em seguir as mesmas trilhas.

Há homens que trocam as suas roupas. Outros optam por permanecer com as mesmas roupas, surradas e sujas, ainda que mudem as estações.

Há homens que não se intimidam com as quedas e fazem delas um estímulo à superação. Outros seguem no chão, sem enviar o menor esforço para se levantar novamente e seguir a vida.

Há homens que sonham e transformam estes sonhos em razões subjetivas do existir. Outros decidem se prender à fria objetividade da realidade concreta, perdendo o encanto pela dimensão subjetiva do imaginário.

Entre pontes, caminhos, roupas, quedas e sonhos eu penso em dois Fernandos: o Pessoa, poeta e filósofo português e o Sabino, escritor e jornalista brasileiro.

O lusitano, ao falar do tempo, das roupas e das travessias, assim se expressa num das suas obras:

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos

caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Deve ser muito ruim perder a travessia e ficar à margem das nossas próprias expectativas e ilusões. Não é fácil permanecer com a mesma roupa, sem ter a compreensão precisa de que as estações mudam, as roupas mudam e com elas, também devemos mudar.

Também não é fácil entender que a queda pode ser a interrupção para um novo caminho. Não seria a queda o crepúsculo de um tempo que fica para trás e o alvorecer de um novo tempo?

O segundo Fernando, jornalista de nossa terra, ao abordar estes temas, assevera:

Façamos da interrupção, um caminho novo.

Da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro!

Finalmente, ao termos a compreensão precisa da dinamicidade e das múltiplas possibilidades de ressignificação que a vida nos proporciona, passamos a enxergar os desafios e as quedas do mundo com olhares mais esperançosos e otimistas.

Como diz o romântico Lulu Santos, a vida se assemelha a uma onda que nunca é a mesma. Muda a cada segundo. Assim, na construção das suas pontes, nas suas quedas, nas mudanças de roupas é bom recordar que “Tudo que se vê não é Igual ao que a gente viu há um segundo. Tudo muda o tempo todo no mundo”.

E você, muda ou olha inerte, o tempo passar diante dos seus olhos?

## POR COMPAIXÃO E AMOR!

“Flávio, preciso muito falar com você”: Esta foi a frase de saudação inicial por telefone, proferida num certo começo de noite por alguém que amo muito.

Nesta noite típica da época das festas juninas na Rainha da Borborema, a garoa fria não estava presente, apenas, no ambiente externo. Na breve conversa, foi fácil identificar que a pessoa do outro lado da ligação, estava com a alma mergulhada em noite escura e de frieza atroz. Não era uma situação atípica. Não era um fato inusitado.

Certamente, o amor que nos une passa, necessariamente, pela compreensão mútua das nossas fragilidades. Em certos momentos da vida, cuidamos um do outro, literalmente.

Conhecemos as trilhas das nossas almas:

Trilhas de tristezas e de alegrias;

Trilhas de contentamento e de mágoas;

Trilhas de regozijo e de dor;

Trilhas de paz e de sofrimento.

Enfim, conhecemos as nossas trilhas existenciais, marcadas por momentos alegres e tristes à semelhança das vidas alheias que caminham por trilhas similares. Juntos, aprendemos a crescer, inclusive na dor. Juntos, aprendemos a crescer, tirando lições de tudo que enfrentamos na vida.

No entanto, hoje a conversa trouxe um fato novo. Num dado instante, a pessoa falou: “se eu não conhecesse a palavra de Deus, já teria dado cabo à vida”. Neste instante, acendeu-se uma luz amarela de alerta em minha alma. Nunca e em nenhuma situação, a ideia de suicídio foi objeto das nossas elucubrações.

Em face das nossas firmes convicções espirituais, ainda que alicerçadas em visões doutrinárias diversas, sabemos das consequências no plano espiritual deste ato intencional de matar a si mesmo. É certo que a causa mais comum do suicídio é um transtorno mental e/ou psicológico. É fato comumente associado à depressão, ao transtorno bipolar, entre outros.

Pouco me importa as explicações decorrentes dos estudos no campo da Saúde Mental. O que eu creio é que a pessoa que pensa em suicídio vem morrendo aos poucos, sem que os outros percebam.

Como diz o poeta Mario Quintana: “ao pé da letra, enforcar-se é levar muito a sério o nó na garganta”.

Ou seja, ao pensar em suicídio, a pessoa pensa que se livrará de todos os seus problemas.

Ou, por outro lado, que a sua ausência livrará os outros de problemas causados por sua existência.

Ledo engano em ambas as hipóteses.

Na minha concepção espiritual, o suicida leva para além do túmulo os problemas, potencializados pela gravidade da decisão de acabar com a vida, com desdobramentos cármicos na sua jornada evolutiva.

Aliás, para quem tem uma visão doutrinária alicerçada na interpretação literal da Bíblia, a consequência ainda é pior, ou seja, não há salvação para o suicida.

Não creio que o suicídio seja um ato alicerçado, apenas, na suposta covardia. Acho que é um ato de extremo egoísmo. Duvido que o suicida, voltasse a acabar com a vida, se tivesse a oportunidade de sentir os desdobramentos do seu ato para os familiares e demais entes queridos.

No fundo, penso que o suicida não quer matar a vida. Como bem afirma Augusto Cury: “Os suicidas, mesmo os que planejam a morte, não querem se matar, mas matar a sua dor”.

Portanto, creio que muitas vezes uma palavra amiga, um consolo espiritual ou um acolhimento fraterno, podem ser decisivos para evitar que um pensamento suicida venha a se materializar na vida de um ente querido.

Cabe a cada um de nós termos uma atitude proativa, notadamente quando percebemos alguém ao nosso lado com claros sintomas de depressão, a exemplo do isolamento, da melancolia e da tristeza.

Será preciso um alerta por meio de uma ligação telefônica em pleno começo de noite, com garoa e frieza na Serra da Borborema?

Finalmente, acredito que um abraço afetuoso e a demonstração verdadeira de amor, podem ser lenitivos à dor alheia. Finalmente, precisamos ter um olhar de atenta compaixão para com os entes queridos que enfrentam situações de sofrimento e de dor.

Como bem ressalta o Dalai Lama: “A compaixão é um profundo desejo de ver os outros aliviados do sofrimento, e o amor é a outra faceta, um forte desejo de ver os outros felizes”.

## POR HORA!

Por hora,  
Decidi reabrir o baú do tempo,  
Vasculhei o espaço interior, ainda desorganizado.

Fotos pálidas, flores secas e esquecidos fatos.  
Nos múltiplos papéis,  
Rabiscos insanos e indecifráveis traços.

Restos de cheiro de sexo,  
Sem lápis, sem borrachas e sem tintas,  
Cenários monocromáticos, sem nexos.

Por hora,  
Decidi fechar o baú do tempo,  
Na lacuna interna, preendi velhos sentimentos.

Fotos passadas, flores reavivadas e novos fatos.  
Nas páginas em branco,  
Rabiscos ressignificados e estratégicos traços.

Cheiros molhados de recriado sexo,  
Com lápis, com borrachas e com tintas,  
Cenários multicoloridos,  
Paixão?  
Outra vez?  
Tudo tem nexo.

## PORTAS E MONSTROS

Monstros S.A. foi um filme de animação, de *Peter Docter* e *David Silverman*, que assisti num certo começo de noite de domingo.

Neste fantástico desenho animado, os monstros ficam em pânico quando uma garotinha corajosa invade seu mundo.

Certamente, não se trata de um desenho de entretenimento sem nenhum conteúdo reflexivo. A depender dos contextos existenciais e da leitura de mundo de cada um, algumas reflexões podem ser feitas.

Faço, apenas, duas referências: A primeira é o momento em que múltiplas portas se moviam no espaço, deslizando no ar, sustentadas por cabos de aço. Numa tentativa de recuperar a criança sequestrada, os monstros do bem, entravam e saíam das portas. Em cada porta que entrava, vislumbrava cenários diferentes. Numa porta entrava no Japão. Em outra, passava por Paris. Em outra, mais a frente, tinha contato com outro país.

Mas, o que estas portas têm a ver com meu instante reflexivo?

Creio que no plano imaginário, vivemos buscando portas. Portas que nos mostrem cenários diferentes daqueles que vivemos. Portas que nos livrem da opressão, da decepção, da negação, da depressão etc.

Portas são meios tangíveis que guardam um segredo: o desconhecido para além dos seus umbrais. Nunca sabemos, ao certo, o que ou quem nos espera do outro lado da porta. Pelas fendas de uma porta quase aberta ou quase fechada, o inusitado é como um monstro a nos assustar.

Como bem disse Cecília Meireles: “Não vou deixar a porta entre aberta.

Vou escancará-la ou fechá-la de vez. Porque pelos vãos, brechas e fendas... passam semiventos, meias verdades e muita insensatez”.

Portas, portanto, são desafios à nossa frente.

Portas sem travas. Sem cavas. Sem covas.

Portas sem chaves. Sem crases. Sem traves.

A segunda referência que faço ao desenho (muito animado) é o fato dos monstros terem ficado em pânico pela invasão de suas privacidades pela ingenuidade infantil.

Não seria algo semelhante ao que muitas vezes sentimos?

Será que os nossos monstros interiores também não entram em pânico quando os espaços lacunares da nossa alma, onde eles vivem de forma comodamente insondável, são invadidos pelas memórias ou pelas reminiscências da infância?

Será que a ressignificação da ingenuidade que deixamos na meninice não funciona como uma provocação aos monstros que inquietam o adulto de hoje?

Será que a criança que vive dentro de nós não usa os seus heróis para combater os nossos próprios monstros?

Afinal, a criança cuja ingenuidade vez por outra nos anima, pode ser a outra face do próprio monstro que habita os espaços impercrutáveis dos labirintos da nossa alma.

Como ressaltou Edmundo Dragon Heart: “Dentro de cada herói vive um monstro. Dentro de cada monstro vive um herói. O bem e o mal habitam os mesmos espaços no espírito de homem”.

Portanto, dentro de cada um de nós vive uma criança, que sonha, sorri e acredita em seus heróis. Mas, também, vivem os monstros que atormentam a nossa existência, fazendo das noites mais escuras, mais longas e profundamente sombrias.

Monstros sem cara. Sem fala. Sem mala.

Monstros sem ruído. Sem amigo. Sem sentido.

Apenas, monstros.

## PREMONIÇÃO

Não é preciso ser adivinho,  
Nem ter o dom da premonição  
Para saber o futuro de um solitário,  
Use a simples imaginação.

Basta ter um pouco de bom-senso,  
E não se deixar levar apenas pelo sentimento,  
É assim que afirmo e que penso:  
E preciso usar a razão todo momento.

É certo que quem vive sozinho,  
Desfruta de maior independência,  
Ninguém o incomoda ou o estressa,  
Nem lhe tira a paz e a paciência.

Mas, quem vive sozinho,  
Também deseja por uma companhia,  
Anseia por afeto, por colo e afeto,  
Cansa do seu silêncio, de noite e de dia.

E se a pessoa adocece,  
A coisa fica mais séria,  
Pode ser uma simples virose,  
Sofre o espírito, junto com a matéria.

O silêncio aumenta os calafrios,  
E a solidão potencializa a tosse e a dor de cabeça,  
Só resta ao solitário uma esperança:  
Que o remédio faça efeito e ele adormeça.

## PROJETO DE VIDA

Qual é o seu projeto de vida?

Em diversas oportunidades, ouvi esta interrogação e as múltiplas respostas dela decorrentes.

No entanto, a resposta de um amigo num diálogo recente, provocou a presente reflexão: “Morar um tempo na Inglaterra. Mas, isso não é o projeto da minha vida, é parte dele”.

Imediatamente, pensei: Existe parte de um projeto de vida?

Ou, ainda, a vida pode ser constituída por pedaços isolados de projetos?

Também recordei que era professor de Metodologia da Pesquisa e que sempre em minhas aulas, discordava das expressões anteprojecto e pré-projecto de pesquisa.

E, justificava aos alunos a minha discordância, afirmando: Ninguém tem um pré-projecto ou um anteprojecto de vida.

Logo, o que há na pesquisa, é um projeto que pode, inclusive, ser modificado no curso do tempo.

Penso que a vida pode ser construída com foco num projeto que vai se resignificando ao longo do tempo.

Mas, penso também, que é possível que a vida seja edificada pela junção de múltiplos projetos, vivenciados em momentos diversos da caminhada existencial.

No entanto, considerando que a vida é marcada pela invisibilidade do futuro e que, por esta razão, ninguém tem domínio sobre o instante seguinte, cada projeto que assumimos, é o projeto mais pleno, daquele instante da vida.

Por esta razão, penso que devemos fazer o melhor possível em cada projeto que levamos a cabo na vida, pois o projeto presente pode ser o último de uma vida que não terá um futuro imediato.

## PRONOMES OBLÍQUOS

Noites profundas e silenciosas,  
Madrugadas intermináveis e insones,  
Tempos acomodados e estanques,  
Sons sincopados e sinfônicos,  
Burburinhos próximos ou ruídos distantes,  
Marcados por forte acentuação,  
De pronomes oblíquos tônicos.

Muitas noites solitárias,  
Em pensamentos vagos e atrozes,  
De mim para comigo,  
Suspiro profundo e inquietante,  
Torturantes dilemas de constantes dramas,  
Eu, apenas no singular,  
Numa madrugada enervante.

Madrugadas acompanhadas?  
Tu com teu corpo ao meu lado,  
E eu, ainda assim, sozinho.  
Tu, apenas no singular,

Eu, sem ti e nem contigo.  
Qual pássaro triste e isolado,  
Desprezado no próprio ninho.

Em outras noites solitárias,  
Fluem pensamentos edificantes,  
Projetando sonhos e ilusões,  
Mas, na singular terceira pessoa,  
Ele ou ela?  
Pouco importa,  
Seguimos como seres distantes.

E eu sem ti,  
Sem ele ou sem ela,  
Solitário na noite,  
Singularmente,  
Insone e inquietante,  
Estando tão próximo,  
Sigo distante.

Eu, pluralizado na noite,  
Pensando em nós,  
E os nossos sonhos conosco,  
Ou, no melhor pensamento,  
Crendo em Vós,  
E a minha fé e esperança,  
Habitando Convosco,

Eles ou elas?  
Pouco importa,  
O singular no tempo,  
Transforma-se,  
E delicadamente se pluraliza,  
Até nas madrugadas insones,  
De certo mês de agosto.

Vejo as primeiras luzes do sol,  
Rompendo o escuro da noite,  
Raios vindos do horizonte da praia,  
Fazem reflexos sutis em meu rosto,  
Despertando o tempo presente,  
Com a brisa suave e leve,  
Que revigora novo dia de agosto.

O passado se foi na madrugada,  
E o presente se fez singular e objetivo,  
Com novos traços de sutis sentidos,  
Registrados na página da vida,  
Com frases longas ou versos em rabiscos,  
Fazendo com que o presente seja reescrito,  
Com tônicos pronomes oblíquos.

## QUESTÃO DE ESCOLHA

Houve um instante em que diante de mim existiam pontes.  
Deter-me amedrontado ou seguir celeremente adiante?  
Era uma questão de escolha.

Outras vezes, estive encurralado num recanto de parede.  
Acomodar-me ou buscar forças para romper o isolamento?  
Era uma questão de escolha.

Houve instante em que à minha frente existiam sendas desconhecidas,  
Escolher o caminho longo ou buscar breves atalhos?  
Era uma questão de escolha.

Outras vezes, estive à beira de precipícios.  
Pular no abismo ou criar asas e voar ao infinito?  
Era uma questão de escolha.

Houve instante em que o escuro dominava minha alma.  
Acender fugidias fagulhas ou buscar a profusa luz do sol?  
Era uma questão de escolha.

Outras vezes, enfrentei profundas águas escuras.  
Deixar-me tragar pela imensidão turva ou serenamente  
sobrenadar?

Era uma questão de escolha.

Diante de tantos desafios,  
A escolha certa ou a decisão equivocada,  
Deixaram lições inapagáveis,  
De força, fé e coragem,  
Com marcantes registros na alma.

## RECONSTRUIR

Ao longo da vida, tenho acompanhado alguns relacionamentos de pessoas próximas, inclusive da família. Como mero observador e sem nenhuma pretensão de generalizar, cheguei a uma conclusão:

Quando um relacionamento entre duas pessoas vai e volta muitas vezes, o desgaste é tão grande que não vale a pena tentar mantê-lo.

É como tentar reconstruir uma casa nova sobre alicerces profundamente abalados.

Mesmo diante dessas situações, costumo não emitir opinião, ainda que sejam pessoas com as quais tenha intimidade.

Por uma razão simples: nas questões dos relacionamentos, não se deve interferir.

As decisões sempre devem ser das duas pessoas e ninguém deve se meter.

É como diz o ditado popular: “em briga de marido e mulher, ninguém deve meter a colher”.

Se a decisão é de natureza subjetiva, cada um deve saber o que quer. Assumir as decisões é ter clareza sobre as suas consequências. Tudo na vida tem ônus e bônus. E nos relacionamentos, a questão também é de escolha.

Sempre que se retoma novamente um relacionamento, após múltiplas crises, se criam muitas expectativas.

Já acompanhei algumas pessoas que decidiram retomar um relacionamento, tentando mudar “tudo”.

Uma mudança geral: Morar numa nova cidade, mudar de bairro, adquirir uma nova casa ou apartamento, comprar um novo carro, mudar o visual etc.

Na verdade, penso que estas mudanças externas e aparentes não garantem que o relacionamento retomado possa dar certo. Não se constrói nada de novo em alicerces velhos.

Mas, em se tratando de mudança, alguma pode favorecer que um relacionamento desgastado pelas crises sucessivas possa, enfim, dar certo?

Creio que mudanças no plano das aparências ou do exterior não fortalecem os alicerces abalados.

A mudança deve ser no coração.

É mudança de atitude.

Há uma música de Lulu Santos que diz: “nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia”.

É preciso fazer de um novo jeito, para que o novo possa ocorrer de verdade.

Portanto, ou se mudam as atitudes e os comportamentos, ou de nada adianta esperar que as coisas materiais, externas ou aparentes possam impactar positivamente um relacionamento desgastado.

A mudança aparente ou externa nada mais é do que uma forma de mascarar a realidade interna.

É uma forma de buscar ocultar ou deixar numa dimensão insondável os problemas e as inquietudes, anteriormente vivenciadas na relação.

Concordo com François *La Rochefoucauld*, quando diz: “Não há disfarce que possa esconder por muito tempo o amor quando este existe, nem simulá-lo quando este não existe”.

Finalmente, se ainda existir a argamassa do amor no alicerce do relacionamento, as mudanças atitudinais podem reconstruir até o que aparentemente é impossível.

Infelizmente, as crises sucessivas, marcadas pela falta de compreensão, de respeito, de confiança e de companheirismo, terminam não somente por agudizar os relacionamentos, mas são capazes de fazerem ruir os seus alicerces.

Com as rachaduras e os abalos do alicerce, também se vai o amor.

Este fato caracteriza o fim necessário e não o recomeço por repetidas vezes tentado.

## REENCONTRO

Na barra de sugestões do *Facebook* para a adição de novos amigos surge, repentinamente, uma foto que me causou surpresa. Afinal, mais de uma década me separava daquele sorriso singelo que enfeita, especialmente, a moldura de um rosto juvenil. Um rápido *click* é uma nova espera - o tempo para a respectiva anuência ao convite virtual.

Este tempo foi suficiente para que um turbilhão de pensamentos invadissem as lacunas da minha alma.

Algumas perguntas, insistentemente, se faziam mais presentes:

Por que a minha vida cruza a vida deste alguém tão especial, depois de mais de uma década?

O que pretende o suposto acaso com este reencontro, promovido pelo mundo virtual?

O que mudou tanto na sua vida em mais de uma década?

Afinal, somos os mesmos em situações semelhantes de incompatibilidades?

A interface entre o *click* e o aceite fazia com que o passado se fizesse presente com inquietudes multifacetadas.

Enfim, o convite é acolhido na outra extremidade deste mundo virtual.

Seguiram-se algumas conversas em frases curtas. Tantas coisas ditas em frases curtas. Frases curtas que contextualizaram novos cenários de duas vidas. Duas vidas que se reencontram, por obra do suposto acaso. Depois de pouco mais de um mês, marcamos uma conversa presencial.

O reencontro se materializaria no universo das coisas concretas.

Reencontro concreto de sujeitos abstratos?

Quatro minutos de carro me separavam deste alguém especial que reencontro depois de mais de uma década.

Vivemos pertinho no mesmo bairro do Bessa em João Pessoa.

Estivemos tão perto e, paradoxalmente, tão distantes.

Coube ao suposto acaso do mundo virtual promover este agradável reencontro.

Observo com nítida curiosidade este alguém especial que reencontro depois de mais de uma década.

O mesmo sorriso singelo enfeitando o rosto.

Rosto ainda juvenil, apesar das marcas de uma dezena de anos.

Marcas inexoráveis do tempo que insistia em se fazer adolescente no corpo de um homem, agora bem mais maduro.

Uma maturidade que me encantou.

Maturidade marcada por múltiplas inquietudes. Inquietudes ressignificadas num contexto existencial de alguém que, finalmente, encontrou a si mesmo e se fez um ser mais pleno.

Alguém especial que reencontro depois de mais de uma década.

Uma conversa intensa configurada num cenário em que as memórias do passado se confundiam com os significados do presente. Idas e vindas. Encontro, desencontro e reencontro. Memórias passadas e significados presentes.

Tudo se processava numa frenética conversa em que se buscava, talvez, entender o que pretendia o destino com este momento, fruto do suposto acaso do mundo virtual.

Passado e presente – nestes tempos a conversa se fez mais viva.

O futuro?

O tempo futuro foi marcado por tímidos sorrisos de incertezas e de tantas expectativas.

Ao futuro, imprevisível e indeterminado, reservamos a possibilidade de responder as razões deste reencontro, depois de mais de uma década.

Finalmente, um sorriso de despedida e um abraço fraterno fechou a cortina do palco da vida, numa certa noite de quinta-feira.

De minha parte, a esperança de que um novo ato nesta peça insondável, não seja reservado a um futuro tão distante, de mais uma década.

Obrigado a você pelo sorriso e pelo carinho, após este reencontro oportunizado pelo suposto acaso que se fez ponte no mundo virtual.

## RELAÇÕES DESNATURADAS

Sabe quando uma relação de amizade ou até afetiva começa a se desnaturar?

Quando você se anula para se projetar na vida da outra pessoa.

Quando você deixa de se amar para viver em função do amor dedicado ao (à) outro (a).

Compartilhar a vida, inclusive os projetos e planos, é compreensível e muito salutar numa relação.

Amar é essencial nas relações.

No entanto, quando anulamos a nossa vida para viver em função da vida do próximo, estamos fadados a fracassar na relação. Ninguém é feliz se anulando. Não falo das renúncias individuais em favor do próximo, comuns em alguns religiosos devotados, de espírito nobre e positivamente diferenciado. É necessário entender que a conquista da tão almejada felicidade é um processo que ocorre no caminhar, muitas vezes solitário.

Numa relação, a busca da felicidade e da estabilidade emocional é tarefa recíproca e que pressupõe mudanças atitudinais e renúncias pactuadas. Ao se anular em função da outra pessoa, cerceamos os nossos sonhos e turvamos os horizontes das nossas ilusões.

Neste contexto, enquanto a outra pessoa se enche você se esvazia. Enquanto a outra pessoa se sente plena, você se sente fragmentada. Enquanto a outra pessoa se sente inteira, você se sente mutilada. Enquanto a outra pessoa tenta voar, você muitas vezes rasteja. Enquanto a outra pessoa projeta os galhos para o sol e o infinito, você prende suas raízes ao solo. O ponto de equilíbrio é potencializado na interface.

E esta interface se consubstancia quando os interesses, os sonhos, os projetos e as ilusões convergem para um mesmo ponto de equilíbrio. Portanto, é sempre essencial saber que por mais especial que seja a outra pessoa em sua vida, você é sempre muito mais importante na conquista da própria felicidade.

Não é possível, pois, amar alguém sem que tenhamos um profundo amor por nós mesmos.

Certamente, por esta razão, o Mestre Jesus ressaltou que este era o segundo maior mandamento, assim se expressando: “E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo [...]” conforme Marcos (12:31). E você, como tem se comportado em suas relações?

## RELIGIOSOS?

Alguns são Católicos. Outros Protestantes. Muitos são Espíritas. Outros são adeptos dos cultos afro-brasileiros, a exemplo da Umbanda.

Muitos são budistas. Outros são Judeus. Enfim, as múltiplas religiões expressam a diversidade que existe entre os próprios seres humanos.

Respeito todas as religiões e penso que são diversas as trilhas da fé.

Admito até a existência de religiosos híbridos, como os Espiritólicos (Espírita com resquícios de Católico) e os Espiritantes (Espírita com resquícios de Protestante).

Só tem um tipo de “religioso” que não suporto: os que não valem uma “pataca furada”. Os amorais, sem escrúpulos e sem caráter.

Estes vivem uma falsa religiosidade para tirar vantagens pessoais, se locupletando da ingenuidade do próximo.

Na medida em que comungam e se confessam, fazem nas surdinas falcatruas inconfessáveis.

Na medida em que cantam louvores ao Senhor, usam de estratégias sórdidas para acumularem tesouros na Terra.

À medida que tomam água fluidificada, mergulham nas águas fétidas da imoralidade.

Sinceramente, penso que é preciso que Deus se faça carne entre nós, mais uma vez, para expulsar os vendilhões dos templos modernos.

É muita hipocrisia com cheiro de mirra e de velas!

## RESGATE

Invade a escuridão,  
Um facho de luz tão intenso,  
Ofusca os olhos das almas atormentadas.  
Naquele umbral de fétidos odores,  
Gemidos se confundiam  
Com as gargalhadas torpes e insanas.

Corpos esquálidos e mutilados,  
Expondo pútridas feridas,  
Torsos sensualmente contorcidos,  
Em bizarras danças eróticas,  
De múltiplas figuras sem rosto,  
De robustez pálida e amorfa.

Olhares sem cor e sem brilho,  
Mirando um horizonte cada vez mais distante.  
Mãos lívidas com dedos cadavéricos,  
Sincronizam uma dança agoniada  
Ao som dos agudos sussurros,  
Pintando um cenário de dores atrozes.

Num recanto profundamente obscuro,  
Clama por clemência ao céu impérvio,  
Em contrita e fervorosa prece,  
Pede ao Criador que acolha o seu lamento,  
Por suicídio encerrou a sua vida,  
Estando compungido ao arrependimento.

Súbita luz invade a sua alma,  
Revigorando as entranhas do seu ser,  
Diáfana, sutil e intangível,  
Faz-se invólucro protetivo,  
De matéria desconhecida e inefável,  
Que o envolve e acalma.

Rasgo de luminosa trilha etérea,  
Faz-se visível da treva ao infinito,  
À semelhança de imperscrutável arco-íris,  
E numa velocidade que jamais se imagina,  
O confesso e penitente suicida  
É resgatado do vale das sombras,  
Para entrar na dimensão de uma nova vida.

## RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA

Ao criar, em dezembro de 2007, o **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa** (21 de janeiro), por meio da Lei nº 11.635, sancionada pelo Presidente Lula, o Estado brasileiro reconheceu a existência do problema.

O crescimento da diversidade religiosa em nosso país é um fenômeno perceptível e crescente.

No entanto, à medida que a sociedade brasileira se consolida como um caldeamento de múltiplas religiões e credos, paradoxalmente, também cresce a intolerância religiosa.

A Constituição Federal estabelece a liberdade de religião e expressa, claramente, que a Igreja e o Estado estão separados, configurando o denominado Estado laico.

Neste sentido, a legislação do país proíbe qualquer forma de intolerância religiosa.

Infelizmente, apesar da garantia constitucional, não é raro que alguns segmentos cristãos promovam ataques frontais e sistemáticos aos adeptos de outras denominações religiosas, notadamente àquelas de matriz africana, a exemplo da umbanda.

Para tanto ocupam, inclusive, espaços privilegiados da mídia ou das tribunas do legislativo, nas diversas esferas da

União, onde os representantes eleitos passam a ser ardorosos timoneiros da intolerância.

Não se trata de colocar em discussão fundamentos dogmáticos de qualquer religião.

A verdade da fé é de natureza absolutamente subjetiva.

Concordo com a cantora e compositora Ana Carolina, quando afirmou: “Há vários caminhos que conduzem a Deus, a religião é apenas mais um”.

Portanto, se existem múltiplos caminhos, a cada pessoa é facultado o livre arbítrio para escolher a trilha que deseja seguir.

A verdade alicerçada na fé não se impõe.

Neste sentido, cada cidadão tem garantido o direito fundamental à inviolabilidade e à liberdade de consciência e de credo, sendo-lhe assegurado o livre exercício dos cultos e de suas respectivas liturgias.

Apesar de entender a importância da criação deste dia no contexto de uma sociedade multicultural como a brasileira, na minha modesta opinião, o tema deveria ter sido tratado como respeito à diversidade religiosa.

Por que defendo esta conceituação?

Quando se fala de intolerância, se pressupõe que cada cidadão deve tolerar a religião ou o credo alheio.

Etimologicamente falando, o termo tolerância é derivado do latim *tolerare*, que quer dizer sustentar ou suportar.

É a atitude humana que define certo grau de aceitação diante de uma posição ou uma atitude contrária a uma determinada regra, inclusive moral ou cultural.

Assim, se existem as religiões hegemônicas, deve-se tolerar quem foge da regra tida como padrão estabelecido histórico e culturalmente pela sociedade brasileira.

Portanto, penso que a atitude não deve ser de suportar o direito do outro de professar uma religião ou credo diferente.

Trata-se, isto sim, de se cultivar ou se promover atitudes de respeito.

O respeito expressa um sentimento positivo em relação ao próximo, consubstanciado por ações específicas, atitudes espontâneas ou até por condutas representativas da estima.

Assim, não me conformo com o multiculturalismo genericamente difundido, que “aceita”, “suporta” ou “tolera” os diferentes, a exemplo do negro, do índio, do nordestino, do matuto, dos homossexuais, das pessoas deficientes ou dos que professam religião ou credo diverso do meu.

O multiculturalismo deve assumir uma dimensão suficientemente crítica que se debruce sobre as raízes ou causas determinantes das diferenças, para fazer o devido enfrentamento com respeito.

Isso é o que penso.

## RETICÊNCIAS

Numa certa manhã, à sombra do parreiral de uvas verdes de mesa, da casa de campo da amiga-irmã Tina, no povoado de “San Lucas la Mayor”, localizado na província de Sevilha (Espanha), tive uma longa conversa com Rafa Molina.

Não foi uma conversa qualquer.

Foi uma conversa de duas pessoas que possuem sintonia de alma.

Olhares muito próximos da vida e do mundo.

Sobre o que falamos?

Dos contextos existenciais que nos colocam em situação de prova diante das lições da vida.

Por que certas coisas acontecem de forma inusitada e inexplicável?

De um momento para outro, uma relação fugidia, por exemplo, baseada apenas numa atração física, instintiva e impulsiva, cria laços de afeto e de carinho, que somos subitamente enlaçados por alças intangíveis, fortes e aparentemente inquebrantáveis.

No entanto, há contextos condicionantes que colocam em cheque o racional e o afetivo.

Tantas vezes a razão indica que o distanciamento é a trilha mais acertada.

É determinante colocar no texto da vida um ponto final.

Paradoxalmente, a emoção impulsiona à proximidade.

Estar perto é a senda unicamente possível.

Assim, não há espaço na escrita do destino para pontos conclusivos.

Reticências aplacam a ansiedade e alimentam os nossos sonhos e as ilusões.

Afinal, qual a força determinante que a razão ou a emoção tem sobre os fatos do porvir?

Nenhuma força.

Estamos subordinados a uma força absolutamente incontrolável.

Esta força vai configurando as nossas trilhas existenciais, nos fazendo vivenciar fatos quase sempre imprevisíveis.

Não se trata de assumir o determinismo que nos coloca numa posição passiva diante da vida.

Certamente, também aportamos elementos que configuram as trilhas existenciais, por meio das nossas atitudes e comportamentos.

Uma decisão - certa ou equivocada - pode alterar o rumo da vida, nos colocando em atalhos ou até em precipícios.

Com o passar do tempo, observo que os olhos de Rafa brilham de forma diferente.

Há no seu rosto uma evidente serenidade.

A leveza do seu ser se manifesta, radiantemente.

Para finalizar, por pura intuição, talvez recorrendo à didática aplicável até no jogo da vida, pego do bolso uma moeda.

Era uma moeda de um Euro.

Coloco sobre a mesa redonda que fisicamente me separava do outro interlocutor deste marcante diálogo matinal.

A face visível da moeda deixava em evidência o número um.  
Este um já foi mais forte.

Mas, seguia igualmente forte no contexto em que era simbolicamente utilizado.

Falei para Rafa que na vida enxergamos apenas a face aparente da moeda.

Por mais que tentemos, a face oculta é sempre marcada pela imprevisibilidade.

Abruptamente viro a moeda e damos de cara com a efígie do Rei que abdicou do trono.

Sua Majestade Juan Carlos I estava no anverso da moeda de um Euro com seu retrato acolado em alto relevo.

Era previsível encontrar a face do Rei.

No entanto, eram imprevisíveis as possibilidades de interpretação do fato, a partir das múltiplas leituras de mundo.

De fato, eu tinha o poder de virar a moeda de um Euro e o exercitei.

Na vida, temos o poder de virar a moeda do destino, para enxergar, cara a cara, o anverso oculto?

Há, portanto, o poder imprevisível do tempo.

O tempo que exerce sobre todos nós um fascínio, face às profundas incertezas existenciais.

Por não dominar o tempo e uma vez se aproximando a hora do meu embarque rumo à Barcelona, paramos a conversa, deixando marcados na alma pontos para solitárias reflexões.

Colocamos ponto final?

Não creio.

Apenas reticências!

## ROUBARAM

Roubaram o brilho do sol,  
O cheiro da brisa da manhã,  
A beleza da rosa quando desabrocha.

Roubaram o enigma da lua,  
O aroma da terra molhada,  
A formosura do afável sorriso.

Roubaram o som do vento,  
A olência dos campos em flor,  
O arroubo arrebatador da tenra idade.

Roubaram os ponteiros do tempo,  
A fragrância indescritível da meninice,  
A fascinação dos olhos serenos em cor.

Roubaram,  
Espalharam tudo como sementes,  
Nos lacunares terrenos da sua alma,  
Sem o sol,  
Sem a lua,

Sem o vento,  
Sem o tempo.  
Sou apenas um cativo  
Do seu amor que me acalma.

## SAUDADE

De repente, bateu uma saudade.  
Ao fechar os olhos,  
Por razões inexplicáveis,  
Senti a sua doce presença,  
Com um sorriso nos lábios,  
E aquele jeito único,  
Era a minha querida Amélia.

De repente, bateu uma saudade.  
Ao fechar os olhos,  
Vi os campos vermelhos de amapolas,  
E o tapete de girassóis,  
Cobrindo de forte amarelo,  
Os dias mais lindos de Córdoba.

De repente, bateu uma saudade.  
E os meus olhos se encheram de lágrimas,  
Um vazio cheio de memórias  
Dos tempos que nunca retornam.

Do carinho, do afeto e dos abraços,  
De minha querida Amélia,  
A mais singela e bela Sultana,  
Que enfeitou com seu brilho,  
Os encantos naturais de Córdoba.

## ETU FORES FLOR

Se tu fores flor,  
Serei teu zeloso jardineiro,  
Enquanto cuido de ti,  
Tu perfumas minha vida.

Se tu fores flor,  
Serei tua fonte de água fecunda  
Enquanto rego teu solo,  
Tu enches de cor os meus tristes caminhos.

Se tu fores flor,  
Serei teus pingos de orvalho a cada manhã,  
Enquanto umedeço recantos do teu colo,  
Tu revigoras meu corpo com seiva quente e viscosa.

Se tu fores flor,  
Serei teu guardião nas noites solitárias,  
Enquanto zelo por ti de uma dimensão distante,  
Tu enfeitas com saudades os cenários da minha ausência.

## SE UM DIA

Se um dia todas as nossas diferenças fossem superadas,  
O tempo para nós seria apenas o sempre.  
Olhares múltiplos, essencialmente diferentes.  
Vidas ambíguas que se aproximam,  
Quando o silêncio se instala na alma.

Caminhos que se cruzam,  
Encontros que nunca mudam as nossas vidas.  
Diferentes estradas que a vida às vezes nos leva,  
Construindo destinos nem sempre programados.  
Sendas íngremes ou trilhas opostas?

De costas para as pontes que aproximam,  
Desatentos aos apelos da alma,  
Seguimos, inexoravelmente, errantes e sozinhos.

Sombras itinerantes, buscando atalhos,  
Que encurtem os insondáveis caminhos.

Se um dia todas as nossas diferenças fossem superadas,  
O tempo para nós seria apenas o sempre.

## SEM NUNCA TER SIDO

Hoje, num tom acidamente crítico, alguém asseverou: “Flávio decidiu compor, sem ser compositor. Decidiu cantar, sem ser cantor. Decidiu escrever, sem ser escritor. E, agora, decidi ser dramaturgo, sem nunca ter sido”.

Certamente, há nesta crítica várias verdades, a depender dos interlocutores.

Certo dia, decidi ser Diretor da Faculdade de Farmácia e Biologia, sem nunca ter sido.

Decidi ser Pró-Reitor de Pós-graduação e Pesquisa da UEPB, sem nunca ter sido.

Fui Vice-Reitor da mesma Universidade, sem nunca ter sido.

Fui, também, Secretário Municipal de Educação, Esporte e Cultura de minha cidade, sem nunca ter sido.

Recentemente, fui Presidente do Conselho Estadual de Educação da Paraíba, sem nunca ter sido.

Finalmente, fui Secretário Executivo de Estado da Educação, sem nunca ter sido.

Porque faço esta síntese curricular do que fui, sem nunca ter sido?

Por uma razão objetiva:

Há em mim a plena convicção das minhas limitações e da minha incompletude.

Não temo ser o que nunca fui.

Aliás, seria preciso dizer tudo que fui nesta vida, sem nunca ter sido?

No entanto, faço aqui uma confissão de fim de noite:

Nenhum destes cargos me causou tanto reboliço na alma, quanto tentar cantar, tentar compor, tentar escrever e, por fim, tentar ser teatrólogo.

Por outra razão objetiva: os cargos me expõem à avaliação dos cérebros.

As canções, os livros ou a peça me expõem à avaliação das almas.

E, assim, estou muito mais vulnerável às subjetividades.

Quem avalia o que eu componho, o que eu canto (e como canto) e o que eu escrevo, o faz a partir dos seus próprios valores.

Conclusão: as avaliações variam de acordo com a diversidade e a multiplicidade dos valores humanos.

Mesmo assim, prefiro me expor às avaliações, por mais negativamente críticas que sejam, do que me esconder por trás das intangíveis cortinas do palco da vida.

Prefiro os holofotes que acentuam as minhas fraquezas, do que as luzes que nascem de velas, que apenas refletem uma sombra pálida de mim mesmo.

Em um dos textos publicados no meu livro (INS) PIRAÇÕES, destaco:

- Sou um entre tantos, que não teme desnudar a alma, a fim de mostrar-se plenamente imperfeito e limitado aos olhos do mundo.

Portanto, o que componho ou o que escrevo, representa a expressão mais verdadeira desse desnudamento da alma.

Poucos têm coragem de desnudar o corpo diante dos olhos dos homens.

Alguns têm a coragem de desnudar a alma.

Eu, decidi por me expor, sem medo e sem medida.

Esta é a minha forma especial de viver.

E, intensamente, eu vivo.

## SEMENTES

Sou movido por desafios.

Penso, inclusive, que a minha vitalidade está diretamente relacionada com os múltiplos obstáculos que se configuram nas trilhas da minha existência.

Não temo enfrentar desafios e nem me intimido diante dos obstáculos.

As minhas vindas constantes ao Velho Cariri, mais precisamente à cidadezinha de Livramento, tem me favorecido oportunidades únicas de reflexão.

Amanhecer o dia ouvindo os pássaros cantando ou observar o compasso do sol se pondo ao entardecer, dando espaço para que a lua se destaque magistralmente num céu salpicado de estrelas cintilantes, é algo indescritível.

Cada detalhe estimula as minhas inspirações.

Certa noite, conversei por um par de horas com uma amiga muito especial que estava num processo de aguda depressão.

Certamente, não tenho a formação acadêmica adequada para atuar num processo terapêutico. No entanto, creio que é possível ajudar ao próximo, também nestes casos, invocando a terapêutica da alma que somente exige a formação em fraterna solidariedade humana.

Por já ter passado por crises de depressão e por ter a compreensão clara dos momentos em que “ela” tenta se reaproximar, com seus sinais maléficos, posso dimensionar o que a minha amiga sente, ao se subjugar aos efeitos deletérios desta grave enfermidade da alma que tem levado tantas pessoas ao suicídio.

Na conversa, roguei ao Pai Celestial que me capacitasse a falar com sutileza ao coração atormentado da amiga.

Pedi a Deus que instrumentalizasse a minha fé em favor daquela alma sedenta e faminta da água e do pão da vida.

Repentinamente, me lembrei do pezinho de uva-verde que plantei no quintal da casa aqui de Livramento.

Tenho certeza que este fato simples corrobora o que escrevi no início desta crônica do cotidiano – sou movido por desafios. Afinal, é incomum que alguém plante um pezinho de uva-verde em pleno terreno seco e pouco úmido do semiárido paraibano, onde predominam as cactáceas, resistentes às intempéries dos Velhos Cariris.

No entanto, o que haveria de incomum se eu optasse por plantar cactáceas no Cariri?

Afinal, elas já nascem e crescem abundantemente e sem a interferência humana, como protagonistas do poder criador do Pai Celestial.

Plantar um pezinho de uva-verde no terreno árido do Cariri e esperar, pacientemente, que ele cresça, floresça e frutifique é, indiscutivelmente, um grande desafio.

Neste sentido, assim que desço do carro na casa em Livramento, sigo direto ao quintal a fim de verificar como se desenvolve o pezinho de uva-verde, plantado no terreno árido e seco do meu pedaço especial do Cariri.

Numa destas viagens, constatei que novas folhas nasciam verdes e vigorosas.

No entanto, também observei que o pezinho de uva-verde estava literalmente sufocado por ervas daninhas, inclusive daqueles indesejáveis carrapichos que grudam em nossas roupas ou que furam com uma dor pujante os nossos dedos quando, inadvertidamente, tocamos nos seus diminutos espinhos.

O que tem a ver o pezinho de uva-verde, as ervas daninhas ou até os diminutos carrapichos com a conversa que estabelecia com a amiga deprimida?

Penso que em certa medida, o quadro depressivo deriva desta relação íntima que mantemos com os terrenos da nossa alma.

Recordei uma passagem bíblica que veio ao encontro do que eu pensava, refletia e falava na conversa com a amiga, protagonista desta crônica do cotidiano, que diz: “Não se enganem; Deus não se deixa escarnecer. Aquilo que o homem plantar, isso também colherá. O que planta na sua carne, da carne colherá a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna” (Gálatas 6:7-8).

Assim, é certo que colhemos o que plantamos.

E, muitas vezes, também somos responsáveis pelo surgimento de ervas daninhas, inclusive dos carrapichos, nos terrenos das nossas almas.

Ao não cuidar com zelo e denodo destes terrenos, mantendo-os limpos, surgem ervas daninhas e carrapichos que sufocam as plantinhas mais sutis e generosas, que salpicam de cores e de perfumes, os jardins das nossas existências.

Neste sentido, se plantamos no terreno das nossas almas sementes de tristeza, de desânimo, de lamúrias, de queixas, de

desesperança, de rancor, de mágoas, entre outros sentimentos negativos, o que esperar que germine e floresça nos terrenos intangíveis das nossas almas?

Se por meio de atitudes e de comportamentos não cuidamos de plantar sementes de sentimentos positivos, como não compreender que a alma seja sufocada por ervas daninhas e por carrapichos que ferem o coração?

Penso que a depressão nasce deste estado de espírito – do terreno da alma dominado por ervas daninhas e por carrapichos.

A depressão é o suspiro dolorido de uma pessoa, atormentada e sufocada, por este cenário interior.

A depressão não é a causa – é o efeito.

O enfrentamento deste mal da alma exige autodeterminação, mudança de atitude e comportamento proativo.

A depressão nasce na alma e é nesta dimensão que deve ser trabalhada, por meio dos tratamentos do campo físico e somático mas, sobretudo, por meio da terapêutica espiritual.

A nossa vida, portanto, é semelhante a um jardim.

Em cada amanhecer, temos em nossas mãos novas sementes.

Cada uma destas sementes representa um sentimento – bom ou ruim.

A decisão sobre o que semeamos é uma escolha individual e intransferível.

Parafraseando Antoine de Saint-Exupéry em “O Pequeno Príncipe”, concluo: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” e pelo que cultivas.

Campo multicolorido ou terreno sufocado por ervas daninhas e carrapichos, resultam das nossas escolhas individuais.

## SEMPRE ROSAS

Cultivar rosas,  
Multicoloridas e perfumadas,  
Com acúleos pujantes,  
Discretamente atados ao caule,  
Rosas tímidas ou viçosas,  
De pétalas frescas, contorcidas e aveludadas,  
Mas, sempre rosas.

Cultivar rosas,  
Limpar delicadamente o terreno  
E molhar com gotas silenciosas,  
Fertilizar o solo com adubo afetuoso,  
Como jardineiro do tempo,  
Sempre atento e cuidadoso.

Rosas cultivadas,  
Vermelhas, brancas, amarelas e azuis,  
Alaranjadas, cinzas ou negras,  
De cheiros sutis.

Fortemente marcados,  
Diminutas ou grandiosas,  
Em pequenos botões ou desabrochadas,  
Mas, sempre rosas.

Rosas do amor, da pureza e da inocência,  
Rosas da confiança, da esperança e da gratidão,  
Rosas do desconsolo, do aborrecimento e da separação.  
Rosas da tristeza, da morte e da solidão,

Cultivar rosas,  
Nos campos da alma,  
Nos terrenos da emoção.  
Da conquista e do jogo,  
Do afeto e da paixão.

Rosas de todos os momentos,  
De queixas e de encantos,  
De versos e de prosas,  
Do singular e do plural,  
Mas, sempre rosas.

## SOLIDÃO?

Caminho sozinho pelas ruas estreitas de Salamanca.  
Ninguém entra no meu mundo.  
Sou eu, sozinho.  
Respirando o velho ar,  
Brisas de tempos medievais.  
Catedrais e praças.  
Casas e pátios.  
Janelas e portas.  
Cânticos e incensos.  
Cada olhar,  
Cada mirada,  
Cada suspiro,  
Desperta inspirações,  
Sutilmente acalentadas.  
Não é solidão doída,  
Daquelas que machuca,  
Entristece e maltrata.  
É solidão diferente,  
Que nutre o coração

E acalma a alma.

Enche todos os espaços do meu ser

Que tanto contentamento

Pelos olhos transborda.

## SOLITÁRIO

O planeta Terra tem aproximadamente sete bilhões de pessoas.

Penso que é uma grande asneira buscar entre tantas pessoas a que complete nossa felicidade.

Se para o ser humano alcançar a felicidade, fosse necessário encontrar a outra metade no meio desta multidão, certamente que Deus, em Sua infinita bondade, teria criado instrumentos para facilitar esta identificação.

Por exemplo: Cada um poderia ter nascido com uma espécie de código de barras afetivo.

Ao identificá-lo, a nossa alma gêmea, selaria o nosso destino de plena felicidade.

Outro exemplo poderia ser um microchip do amor eterno.

Talvez esse microchip pudesse funcionar, emitindo sinais sonoros, cada vez que a gente estivesse diante da nossa metade essencial.

Como não nascemos com códigos de barra e nem com microchip do amor eterno, concluo que Deus nos concedeu a liberdade e o livre arbítrio, inclusive, para a gente optar por seguir a cotidiana busca ou decidir ficar sozinho, fazendo desta opção a sua parcela possível da felicidade.

Não tenho códigos de barra e nem microchip - sou livre e felizmente solitário.

## SONHOS

Muitas vezes nos frustramos com os sonhos que não se concretizam. Em outras oportunidades, os sonhos se dispersam como figuras desenhadas no céu pelas nuvens, ante os mais frágeis sopros de vento.

Há situações em que insistimos na concretização de um sonho, ainda que em toda a caminhada, surjam situações que indiquem que esta atitude é equivocada. Creio que na vida é preciso ter a determinação subjetiva focada nos sonhos. Sonhar por sonhar não leva a lugar algum.

Por outro lado, insistir em sonhos quando todo o cenário conspira em desfavor, é um sinal de que a concretização do sonho pode trazer danos profundos à alma, no futuro. Portanto, o sonho é sempre um projeto para o porvir. É fruto daquilo que projetamos para o nosso futuro, considerando, *a priori*, que a realização deste sonho é o melhor para nossas vidas.

No entanto, há um detalhe que deve ser levado em conta e que deve, inclusive, nos servir de consolo quando os sonhos almejados são destruídos como castelos de areia construídos próximos às ondas do mar: O homem sonha. O homem projeta. O homem planeja.

Sempre na expectativa de que a concretização dos sonhos, dos projetos e dos planejamentos será o passaporte à felicidade.

Este é o grande equívoco.

Mesmo sonhando, projetando e planejando, o melhor para o nosso futuro está nas mãos de Deus - Ele, sempre decide. E por Ser bondoso e justo, sempre decide o melhor para as nossas vidas!

## SUSPIRO SEGUINTE

Procuro viver intensamente cada instante da vida, por mais ínfimo que o tempo presente represente na soma de todos os tempos vividos e o tempo que ainda espero ainda viver.

Vivo cada segundo como se fosse o primeiro.

Sempre estou envolvido em tantas atividades.

Tanto trabalho.

Tanta correria.

Tantos desafios.

Será que tantas coisas vividas, não me afastam de tantas outras que eu queria viver?

Procuro aproveitar, freneticamente, cada momento da vida, por mais efêmero que o momento presente seja, na soma de todos os momentos vividos e o tempo que ainda espero ainda viver.

Vivo cada presente como se fosse o futuro.

Tantos projetos.

Tantos sonhos.

Tantas esperanças.

Será que tantas coisas pensadas para o futuro, não me afastam de tantas outras que deveriam ser pensadas no presente?

Procuro superar cada desafio da vida, por mais que o desafio presente seja pequeno, na soma dos grandes desafios vividos.

E que espero ainda viver.

Vivo cada momento como se fosse o último.

Tantas lembranças.

Tantas memórias.

Tantas histórias.

Será que as lembranças do passado, não me isola de tantas outras histórias, memórias em construção de um tempo futuro?

Instantes e momentos.

Projetos e sonhos.

Memórias e histórias.

Nada vale a pena...

Se a alma segue pequena,

Viver intensamente?

Só vale se for o tempo presente,

Pois imprevisível e incontrolável,

É o tempo futuro,

Que detém o poder,

Do suspiro seguinte.

## SUTIL INSTINTO

No início, dois pequeninos ovos,  
Num bem cuidado e aconchegante ninho.  
E a delicada fêmea de beija-flor,  
Cuidando-o com zelo, atenção e carinho.

No tempo certo que a natureza impõe,  
Sob a temperatura do corpo da mãe passarinho,  
Nascem das cascas que se rompem,  
Dois frágeis e desplumados filhotinhos.

Mas, a vida segue sua inexorável marcha,  
Os filhotes crescem e ganham penas de sutil multicolorido,  
E por instinto que sempre impulsiona a liberdade,  
Batem as asas e deixa o ninho, rumo ao desconhecido.

## TEATRO

Abrem-se as cortinas!  
Nas coxias um silêncio incauto.  
Ouve-se a respiração dos atores  
Que lívidos e trêmulos ocupam o palco.

Cenários de elementos multicoloridos,  
Ressaltam o figurino sempre inacabado.  
Simbólica trilha sonora  
De sons agudos, graves e místicos.

Corpos deslizam em cena,  
Danças de variados compassos,  
Sensações de indescritíveis prazeres,  
Olhos fixos, sutilmente extasiados.

Luzes difusas se projetam nos espaços,  
Onde comédias e tragédias,  
Aguçam desconformes emoções,  
Que brotam destas inexplicáveis tramas.

Por tempos imprevisíveis,  
Histórias dominavam as cenas,  
Para incontáveis expectadores  
Que gargalham, silenciam ou choram.

Apagam-se as luzes  
Indicando a hora derradeira,  
Cada um e todos, sempre,  
Abandonam o palco, sem palmas.

Silenciosa e solitariamente  
Voltam à coxia sempre desconhecida,  
Gélidos, rígidos e pálidos,  
Evocam gemidos de saudosa despedida.

Outro ainda segue e perdura,  
Vivendo seu próprio drama,  
Até que a cortina se feche  
E um novo sopro apague a sua chama.

## TECENDO LAÇOS

Certo dia, mantive uma longa conversa com Fernanda Almeida.

Amiga especial da época em que concluímos o antigo científico no CPUC em Campina Grande no ano de 1981.

Apesar da distância e dos raros contatos presenciais, as novas tecnologias da comunicação têm permitido constantes conversas com ela, pelo menos virtualmente.

Falamos um pouco dos encontros e dos desencontros da vida – comuns a todos.

Num certo momento, Fernanda relembrou a poesia de Manoel Bandeira, intitulada: “A vida assim nos afeiçoa”.

Da linda poesia, ela destacou:

E a vida vai tecendo laços,

Quase impossíveis de se romper:

Tudo que amamos são pedaços vivos

De nosso próprio ser.

Há quem duvide que a vida tece laços nas trilhas do nosso destino?

Fernanda comentou: “Essa é a poesia mais linda do universo”.

Movido pela emoção que o momento proporcionou e sob os auspícios das

inspirações de Bandeira, escrevi:

Segue a vida tecendo laços.

Por vezes, juntam pedaços de afetos perdidos.

Outras vezes, apenas faz sutis tessituras,

Nos afetos ainda vividos.

Poetizar a vida é uma forma que encontro para renascer, a cada dia.

Valeu, querida Fernanda, pela provocação carregada de emoções.

## TEMPO, VIDA E MOVIMENTO!

Já venci centenas de atrozes guerras,  
Perdi, também, tantas banais batalhas.  
Tracei estratégias de lutas, nascidas do coração,  
Ousei invadir, sem temor, os alheios campos de concentração.  
Outras vezes, bati em frenética e fugidia retirada,  
Quando sucumbiram as trincheiras da lucidez e da razão.

Já andei errante nos meus próprios desertos,  
Fui viajante desorientado, por veredas claras e abertas.  
Sem temor e sem apegos, desafiei os desconhecidos  
horizontes.

Mergulhei no mar profundo das minhas emoções,  
Revisitando os espaços mais insondáveis da minha alma,  
Se não me afoguei, emergi revigorado, desejando construir  
pontes.

Já fiquei com os pés no solo árido olhando o infinito do céu,  
Onde milhões de estrelas incandescentes brilhavam,  
Lamparinas clareando um mundo incerto, coberto por  
tênue véu.

Cicatrizei feridas abertas, surgidas de dores e de mágoas cronificadas.

Das ilusões e dos sonhos, escrevi páginas de uma história inacabada,

Ou memórias aprisionadas em molduras pelo tempo desgastadas?

Já insisti em controlar os ponteiros deste tempo,

Buscando retardar o seu célere e imprevisível compasso.

Descobri que o tempo é impulso e constante movimento

E que a vida é marcha imperscrutável e irremediável a um futuro incerto.

Vida com dores renhidas, feridas abertas ou felizes momentos,

Vida? É sempre caminhada e caminhada é o tempo, em movimento.

## TEOREMA DE PAIXÃO

Busquei nas páginas da história,  
Afirmações firmemente demonstradas  
Que provassem que era verdadeiro,  
O teorema das contradições,  
Em nossa relação, vivenciadas.

Descobrir nos axiomas,  
Das afirmações já comumente aceitas,  
A razão da complexidade da nossa paixão,  
Marcada por profundas ambiguidades,  
Nas trilhas de existências confusas e imperfeitas.

Nas provas não se sustentou o teorema,  
O amor não se aprisiona nas leis da matemática,  
Seguimos presos às frágeis inquietudes,  
De uma paixão que por vezes acalenta, relaxa e acalma,  
Outras vezes, explode num gozo como labaredas na alma.

## TRILHAS DA VIDA

Silenciosamente, olhava os transeuntes nas múltiplas trilhas da vida.

Uns, caminhavam céleres, lutando contra o ritmo dos ponteiros do relógio.

Outros desaceleravam os passos, na tentativa infrutuosa de anular o tempo.

Alguns se agrupavam em maltas inconsequentes e sem destino,

Para eles, qualquer caminho servia, pois não sabiam onde desejavam chegar.

Solitariamente, outros seguiam à semelhança de andantes peregrinos,

Mesmo sabendo onde queriam chegar, andavam deliberadamente por atalhos.

Alguns andavam acompanhando as marcas dos que os seguiam à frente,

Na estratégica intenção de não se perder na caminhada inglória.

Outros andavam e apagavam os próprios passos,

Escamoteando o presente para não transformá-lo em passado.

Alguns escolhiam vielas escuras ou becos estreitos,  
Onde súcias se aglomeravam nas artimanhas do mal,  
Outros preferiam caminhar por largas avenidas,  
Por onde escórias engravatadas urdiam os semelhantes  
males.

Alguns seguiam nas trilhas bradando gargalhadas de uma  
alegria incontida,

À medida que nos cantos escuros se ouviam os sussurros da  
silente tristeza.

Outros trincavam os dentes num misto de raiva ou de terror,  
Como se enclausurassem no peito os existenciais dramas.

Silenciosamente, olhava os transeuntes nas múltiplas tri-  
lhas da vida.

Cada um e todos com suas peculiares histórias,  
Cada um e todos com suas premeditadas escolhas.

E eu?

Sigo em vielas, becos ou largas avenidas? E você?

## TRILHAS DESCONHECIDAS

Becos de trilhas desconhecidas,  
Por onde vagantes transitamos,  
Movidos pela força da razão  
Ou pelo fogo irascível,  
De pujante paixão.

Becos que conduzem tristezas,  
Trilhas doloridas de solidão.  
Becos que arrastam alegrias,  
Caminhos seguros de sonhos  
Ou de efêmera e sutil ilusão.

Becos que criam passagens,  
Descortinando novos horizontes,  
Desvelando cenários obscuros,  
Nas entranhas da emoção.

## UM DIA PARA SER FELIZ

“Hoje é o dia mais feliz da minha vida”.

Esta frase, eu destaquei do diálogo de uma golpista com o marido, num certo jantar, da novela Império, da festejada Globo.

Repentinamente, me lembrei das várias cenas da minha vida em que esta frase foi dita ou pelo menos, pensada.

Quando casei.

Quando conclui a primeira graduação.

Quando meus filhos nasceram.

Quando passei no concurso da UEPB.

Quando conclui o doutorado.

Quando ingressei no meu primeiro cargo público.

Quando publiquei o meu primeiro livro.

Quando lancei o meu primeiro CD.

Quando meus pais fizeram sessenta anos de casados.

Quando meus filhos concluíram seus cursos de graduação.

Quando vi opositores sendo derrotados.

Quando venci batalhas.

Foram tantos os dias mais felizes da minha vida que não consigo aprisionar as frases no texto.

O que há de traço comum em todos estes fatos que num certo momento caracterizaram um dia mais feliz da minha vida?

O traço comum é que estes fatos fizeram parte de um dado momento, preciso e único.

No entanto, estes momentos passaram, celeremente.

De um momento para outro, deixaram de ser presente para pertencer ao passado.

Portanto, os dias mais felizes das nossas vidas, são múltiplos, efêmeros e fugidios.

Da mesma forma que os fatos que configuram os dias mais felizes das nossas vidas são carregados de enorme significado num dado momento, num instante seguinte, os significados vão se transmudando para significantes.

Os significados dos dias felizes passam a conceber espécies de significantes, guardados no passado, no repositório das memórias.

Nesta linha de raciocínio, tenho que concordar com o pensamento de um dos mais célebres pensadores e intelectuais do Império Romano. O escritor Sêneca, nascido em Córdoba, afirmou: “Toda a felicidade é incerta e instável”.

Talvez por esta razão, muitos afirmem que não existe a felicidade plena.

A vida, portanto, é formada por momentos felizes.

É importante destacar que os momentos infelizes, de infortúnios ou de tristezas, também são efêmeros e passageiros.

Aliás, a frase do romancista Guimarães Rosa sobre este tema é lapidar: “Infelicidade é uma questão de prefixo”.

Portanto, há muito mais coisas em comum entre a felicidade e a infelicidade do que pode imaginar a nossa vã filosofia.

Cada dia mais feliz da nossa vida é para ser vivido intensamente.

A felicidade vivida, única e incomparável, não voltará nunca mais.

Cada momento feliz repousa, inexoravelmente, em alguma página rabiscada do livro da vida.

Finalmente, deixo para reflexão a frase do filósofo chinês e estrategista de guerra, Liang Tzu, que asseverou: “Se queres ser feliz amanhã, tenta hoje mesmo”.

E você, como tem lidado com os múltiplos dias mais felizes de sua vida?

## UM DIA, UMA FERPA!

Ontem à noite, recordei fatos marcantes da minha infância.

Em certos momentos acontecem estas coisas.

Parece que a mente está tão despejada que o consciente invade os espaços mais insondáveis para arrastar as reminiscências que estavam bem guardadas em algum cantinho do inconsciente (ou seria subconsciente?).

Deixo a resposta mais aprofundada à pergunta aos estudiosos da psicanálise Freudiana ou da psicologia analítica de Jung.

Com minhas poucas e superficiais leituras, cheguei à conclusão que apesar da diversificada produção literário-científica sobre o tema, inconsciente e subconsciente são “partes” ou “funções” da nossa psique que não são conscientes ou não estão sob o controle da consciência.

Pois bem, penso que esta explicação é suficiente para contextualizar o meu momento de lembrança infantil.

Ao revisitar na memória os tempos da meninice, me lembrei do Parque Maia que nas Festas de São Francisco enchia o bairro da Conceição em Campina Grande de carrossel, rodagigante, cavalinhos, gangorras e tantos outros brinquedos que povoavam de alegria o universo lúdico da criança.

Além dos brinquedos do parque de diversão, é impossível não lembrar a “maçã-do-amor”, os amendoins cobertos de uma densa casca de açúcar queimado e os “roletes de cana”.

Não sei se este fato aconteceu com algum dos leitores.

Mas, tenho muito presente na memória uma tarde em que ao chupar roletes de cana, uma sutil farpa (ou ferpa) meteu-se, atrevidamente, entre o dente canino e o pré-molar.

Foi um verdadeiro suplício.

Não que a minúscula lasca do bagaço da cana-de-açúcar, mais nobre representante do gênero *Saccharum*, causasse alguma dor lacilante.

O problema era que a língua, deixava de ser o órgão muscular relacionado ao sentido do paladar, à deglutição dos alimentos e à formação dos fonemas da fala, para assumir o prioritário papel de tenaz investigadora da presença indesejável da ferpa de cana-de-açúcar, incrustada entre o dente canino e o pré-molar.

Ou seja, parecia que toda a língua se deslocava para o ponto de contato entre os dois dentes, onde estava alojada a minúscula farpa.

Neste sentido, a impressão que eu tinha era de que a tal farpa era imensa, bem maior do que efetivamente era.

Perdi o resto da tarde.

Não me atraíam os brinquedos do parque.

Nem tampouco o alvoroço promovido por tantas crianças e tantos pais que transformavam o cenário do Parque Maia numa espécie de urbe diferenciada, dedicada ao universo infantil, em que predominavam cores, luzes, movimentos, cheiros, gostos, risadas e choros.

Tudo era para mim indiferente.

Apenas uma coisa aprisionava a minha atenção: a minúscula ferpa de bagaço de cana-de-açúcar, encravada entre o dente canino e o pré-molar.

Um único movimento aprisionava a minha atenção: o vai e vem da língua revisitando, constantemente, o privilegiado lócus da presença indesejada da tal farpa.

Assim passei o resto da tarde e iniciei o começo da noite, num certo dia de visita ao Parque Maia.

Os leitores devem estar pensando: onde o professor Flávio Romero quer chegar com sua minúscula ferpa incrustada entre o dente canino e o pré-molar?

Certamente, contei essa história para fazer uma analogia com os múltiplos problemas e obstáculos que temos na vida.

À semelhança da ferpa de bagaço de cana-de-açúcar que se abrigou entre dois dos meus dentes, fazendo com que eu ficasse indiferente ao mundo externo e concentrasse todas as minhas ações no minúsculo e indesejado fragmento, com os obstáculos e problemas da vida, muitas vezes agimos da mesma forma.

Focamos a vida no problema ou no obstáculo, como se a “língua” do universo estivesse toda voltada para o fato que consideramos intransponível.

No mesmo sentido, sempre pensamos que o problema é infinitamente maior do que de fato é, ou seja, a mesma sensação proporcionada pelo contínuo contato da língua com a ferpa entre o dente canino e o pré-molar ocorre em relação ao problema: potencializamos o tamanho.

De repente, voltamos para a casa, utilizamos um fio dental e retiramos em poucos segundos a farpa alojada entre os dois dentes e constatamos, à primeira mirada, que a lasca era

infinitamente menor que àquela dimensionada pela sensação do contato com a língua.

E os problemas e obstáculos da vida?

Nem são permanentes e nem do tamanho que imaginamos.

De repente, olhamos para trás, relembramos os problemas e obstáculos transpostos e constatamos que o próprio tempo foi responsável por colocá-los em seus devidos lugares ou, ainda, que algumas mudanças de atitudes e de comportamentos, aliadas a determinadas tomadas de decisão, foram suficientes para solucionar o problema, aparentemente intransponível.

Para finalizar, relembro uma frase memorável de Charles Chaplin: “Nada é permanente nesse mundo cruel. Nem mesmo os nossos problemas”.

Parafraseando o genial ator, diretor, produtor, humorista, empresário, escritor, comediante, dançarino, roteirista e músico britânico:

Nada é permanente nesse mundo cruel.

Nem mesmo a ferpa de bagaço de cana-de-açúcar encravada entre o dente canino e o pré-molar.

## UM FILME

Começo de noite.  
De uma noite fria de um domingo.  
Um domingo na Rainha da Borborema.  
Rainha da Borborema que celebra o Dia dos Pais.  
Dia dos Pais e eu tombado na rede, assistindo filmes.  
Assistindo filmes por toda tarde,  
Tarde e começo da noite,  
Começo da noite e começo a chorar,  
Começo a chorar vendo mais um filme,  
Mais um filme me envolve com sentimentos diversos,  
Sentimentos diversos de encontros e desencontros,  
Encontros e desencontros que marcam as nossas vidas,  
Marcam as nossas vidas de maneira especial,  
De maneira especial me sinto neste instante,  
Neste instante pego as lágrimas com as mãos,  
Com as mãos sinto que sigo vivo,  
Sigo vivo e por chorar me sinto feliz,  
Feliz por não ter me tornado gélido,  
Gélido e indiferente às coisas do mundo,

Do mundo que me alegra ou me entristece,  
Entristece ou alegra, como tantas vezes,  
Tantas vezes chorei vendo um filme,  
Um filme: “Simplesmente Acontece”.

## UM JOVEM: ESQUÁLIDO E PÁLIDO

Cruzei a rua do centro de uma cidade de porte médio.

Não interessa citar o nome da cidade.

A cena seria comum em qualquer cidade.

Era quase meio-dia e o calor intenso me fez acelerar o passo, a fim de chegar num lugar à sombra ou, talvez, num espaço fechado com ar condicionado.

Não sabia ao certo o que iria fazer - estava sem destino.

Apenas caminhava pelo centro de uma cidade de porte médio.

Como não sabia ao certo o que iria fazer ou onde deveria ir, qualquer lugar valeria a pena.

Passo numa das poucas faixas de pedestre em que os carros respeitam o Código de Trânsito.

Olho, fixamente, para o aglomerado de jovens estudantes que saem da quinta aula da manhã - tantos sorrisos, tantos estilos e tantos sonhos.

Quantas ilusões juvenis?

Nunca um significado foi tão preciso: O som indefnido de várias pessoas falando ao mesmo tempo caracterizava o burburinho das maltas de jovens, com seus hormônios anabólicos em profícua atuação.

Rostos pintados.

Cabelos cuidadosamente penteados.

Garotas e garotos com sobancelhas feitas.

Roupas coloridas e com muito estilo.

Extravagantes sorrisos.

Gestos confusos, por vezes caricatos.

Tudo formava um cenário diferenciado que me chamou atenção.

Tantos jovens e tantos destinos, ainda indecifráveis.

O tempo em constante ressignificação para cada um, ou para todos?

O murmurinho vai se tornando distante, na medida em que avanço os meus passos, para um lugar ainda incerto.

Olho para o relógio.

Os ponteiros sinalavam doze horas – o dia partido no meio.

Não sei se entro num Banco para justificar a minha presença retirando no caixa eletrônico um extrato que não agrega nenhuma informação que venha mudar a minha vida, ou se me dirijo a um restaurante *self service* daqueles que oferecem bandejas cuidadosamente organizadas de uma comida sempre sem sabor.

Diante deste impasse, sou tomado de surpresa com a frase, dita quase calada: “Pode me dar algo em dinheiro? Estou com fome”.

À minha frente, um jovem aparentando pouco mais de vinte anos, esquelético e pálido.

Não era feio e nem bonito.

Aliás, com algum investimento em uma loja especializada do *Shopping Center*, poderia se parecer com um dos jovens de classe média que integrava a malta de estudantes de certa escola do centro.

Não sei quanto tempo durou entre a pergunta do jovem e a minha resposta.

Só sei que o tempo foi suficiente para que o meu pensamento tentasse invadir os espaços lacunares daquele jovem, a fim de desvendar os escritos das páginas de sua vida.

Quem ele era?

De onde veio?

Por que estava esquelético e pálido?

Quem são seus pais?

Será que ele estuda?

Tem alguma doença grave?

Qual a razão de mendigar no centro de certa cidade de porte médio no pingaço do meio-dia?

À medida que o pensamento dava mil voltas no meu juízo, sem tomar consciência, vou retirando a carteira azul e vermelha da *Carmin* do bolso.

Não era qualquer carteira.

Era a carteira que expressava meu valor diante dos enigmáticos valores do jovem esquelético e pálido.

Lembrei-me das aulas de Fisiologia, do meu curso de Ciências Biológicas, no início da década de oitenta. A professora Maria José falava sobre o arco reflexo, ou seja, a resposta imediata à excitação de um nervo, sem a vontade ou consciência do animal, ou seja, um estímulo que não chega até o encéfalo.

Meti a mão no bolso para tirar a carteira.

Qual nervo foi excitado com esta ação?

O nervo que estimula a solidariedade humana ou a caridade fraterna?

Quando olho o interior da carteira *Carmin* para selecionar uma das cédulas de menos valor, escuto uma frase de outro transeunte apressado e talvez com o mesmo destino incerto: “Cara, não dá dinheiro a esse noiado. Isso é um cheirador de pedra”.

Abruptamente segurei mais fortemente a carteira – símbolo maior do meu poder.

Pela primeira vez na vida, cheguei a imaginar como alguém poderia “cheirar uma pedra”.

Certamente, o desconhecido cidadão estava se referindo ao Crack [crac], também chamado de pedra ou rocha, que é a cocaína solidificada em cristais.

O nome inglês crack deriva do seu barulho peculiar ao ser fumado.

Portanto, o jovem esquelético e pálido jamais poderia cheirar a pedra.

Poderia, talvez, fumar a pedra preparada a partir da extração de uma substância alcaloide da planta *Erythroxylon coca*, encontrada na América Central e na América do Sul.

Assim, estando equivocada a fala do desconhecido, sinto-me novamente seguro e volto a retirar da carteira uma cédula, não mais a de menor valor - nem a de maior, certamente.

Se o crack leva dez segundos para fazer o efeito, gerando euforia e excitação; respiração e batimentos cardíacos acelerados, seguido de depressão, delírio e “fissura” por novas doses,

em pouco mais de dez segundos fui tomado por um efeito delirante de fazer a minha parte, na condição de Cristão confesso.

Ao entregar a cédula e diante de um agradecimento quase silente, meus batimentos cardíacos aceleraram, tive uma súbita depressão, seguida por um delírio de querer fazer um pouco mais pelo jovem esquelético e pálido, de pouco mais de vinte anos.

Era uma repentina “fissura” por novas doses de compaixão.

O que fazer?

Conversar?

Levar para almoçar, dignamente, num dos restaurantes que oferecem comida insípida que apenas encham os olhos?

Tentar convencer o jovem a buscar alguma instituição de apoio terapêutico aos usuários de drogas?

Sem saber ao certo como atender ao efeito delirante do súbito solidário e fraterno que me acometeu, volto-me ao jovem para, enfim, decidir o que fazer.

Ele já não estava presente, esquelético e pálido, diante de mim.

Ao longe, vislumbro um jovem de aparentemente vinte anos, esquelético e pálido, a se misturar na multidão de certa cidade de porte médio.

Um jovem, sem destino.

Silenciosamente, agradei a Deus pelo destino que Ele me reservou nas trilhas da vida, com abundantes motivos para louvar a bênção do Pai Eterno.

Já sei aonde devo ir, no pingo do meio-dia:

Ao encontro de mim mesmo.

## UM NOVO OLHAR

Considero-me um andante peregrino nas trilhas da vida. Depois de múltiplas experiências, sinto que enxergo o mundo com outro olhar.

Um novo olhar ou uma forma envelhecida de ver o novo?

Realizei muitas viagens, algumas inenarráveis. Dos lugares e dos povos, dos cheiros e dos costumes, das cores e dos cenários, fui conquistando pedacinhos simbólicos da felicidade plena que ainda busco.

À semelhança de um conjunto de minúsculos ladrilhos que formam um belo painel, eu deveria ter tido a compreensão da importância singular de cada instante vivido, transformando-o no mais especial da minha vida.

Cada instante é único. Cada momento presente, com um piscar de olhos, vira passado.

Mesmo sendo um bom viajante. Mesmo conhecendo vários caminhos. Mesmo sendo calejado nas trilhas da vida, vez por outra me perco em mim mesmo.

Muitas vezes, ao observar os fragmentos ou as pequenas coisas da vida, deixo de compreender a dimensão do todo.

No mesmo sentido, surpreendo-me com certas atitudes humanas.

Comportamentos humanos pequenos, que muitos denominam de mesquinhos.

No entanto, ao ser tomado por esta sensação, retomo o meu olhar valorativo sobre as pequenas coisas ou sobre as atitudes humanas mesquinhas, dando-lhes a devida medida, a fim de não enxergar o outro a partir de uma atitude pequena, muitas vezes isolada.

Por que agir desta maneira? Por que entendo ser necessário não superestimar certas atitudes, mesquinhas ou pequenas?

Por uma razão muito simples: Devemos acreditar que o ser humano é bem maior do que as suas atitudes pequenas. Precisamos alimentar a expectativa de que mesmo agindo em algum momento com egoísmo, maledicência, inveja ou maldade, o ser humano é capaz de ser muito mais do que expressou num momento de fragilidade de caráter.

Ao pensar desta forma, compreendemos a natureza imperfeita do ser humano. Ao enxergar o outro desta forma, entendemos a incompletude que caracteriza o homem.

Ao ter este olhar compreensivo sobre as fragilidades humanas, damos o devido valor ao perdão.

O pintor holandês *Van Gogh*, conhecido internacionalmente como um dos ícones do pós-impressionismo, afirmou: “Grandes coisas não se fazem por impulso, mas pela junção de uma série de pequenas coisas”.

Portanto, o caráter de uma pessoa não pode ser avaliado por atitudes isoladas, passíveis de explicações, inclusive em face de fragilidades humanas.

No entanto, o caráter de uma pessoa pode ser avaliado pela junção de uma série de atitudes, aparentemente pequenas, mas

que se repetem em múltiplos cenários ou diante de diversos atores.

Assim, quando não encontramos sentido ou explicações para determinadas atitudes humanas, pequenas ou mesquinhas, o mais prudente é esperar a ação do tempo e não tirar conclusões precipitadas que podem levar ao julgamento equivocado da outra pessoa.

É preciso deixar o tempo agir e mostrar a verdade, límpida e cristalina. Ao confiar no tempo, não podemos esperar dele o que projetamos ou desejamos.

De repente, o tempo mostra que as atitudes mesquinhas ou pequenas de certas pessoas não eram tão isoladas assim e estavam alicerçadas num caráter frágil ou numa personalidade ambígua.

Diante desta conclusão, o que fazer?

Permitir que a decepção ocupe espaço privilegiado do seu cotidiano, atormentando a sua vida?

Penso que não é saudável à vida agir assim.

O tempo faz o que deve ser feito, para além, muitas vezes, das nossas expectativas.

Como ressaltou Eurípedes: “O tempo não se ocupa em realizar as nossas esperanças: faz o seu trabalho e voa”.

Por isso, sigo sendo um andante peregrino nas trilhas da vida, buscando renovar o meu olhar sobre o mundo e as pessoas.

Busco um olhar mais solidário e mais fraterno. Mas, ao mesmo tempo, um olhar mais cauteloso e mais prudente.

Não quero ser tomado de surpresa com o voo do tempo, que deixou para trás um alguém cuja máscara caiu, deixando à mostra uma face plenamente desconhecida.

## UMA CASA, UMA SAUDADE E TANTAS AMIZADES

Uma casa chamada saudade.  
Há quase um ano ele nos deixou.  
Sequer teve oportunidade de se despedir,  
Abrupta e violentamente,  
Ele deu as costas e desapareceu,  
Sem deixar nenhuma pista,  
Apenas uma morte presumida,  
E peças não encaixadas de um quebra-cabeça,  
Que indica uma trama sórdida.  
Ainda não explicada,  
Que lhe ceifou a vida.

Na grande casa, sempre bem cuidada,  
Cada recanto tem as marcas da saudade.  
O mobiliário, os quadros, os enfeites,  
As panelas, o jogo de luz, a piscina e a sauna,  
No belo jardim o frondoso flamboyant,  
Sustentáculo de múltiplas vidas,  
Chora em lágrimas vermelhas a sua ausência dolorida.

Já não temos a sua presença física,  
Irreverente, atrevida e docemente chata.  
Um guri de cinquenta e oito anos  
Que alegrava a todos com sua sisuda meninice,  
Hoje, apenas nos acalenta a sua memória,  
E para sempre homenageá-lo,  
Enchemos de vida a casa da saudade.

## VALE TUDO?

Um dos mais famosos generais dos tempos contemporâneos e notável estadista francês, Napoleão Bonaparte, entre tantas frases célebres, afirmou: “Há duas forças que unem os homens: medo e interesse”.

Ouso parafrasear Napoleão para asseverar que há duas forças que unem os homens: o poder e o interesse.

Hoje, quero propor um exercício mental aos amigos que sempre leem os meus textos: Analise os últimos anos da sua vida e tente enumerar as pessoas que estiveram ao seu lado, na qualidade de “amigos”, em face de algum tipo de interesse.

É verdade, ou não, que a maioria sumiu da mesma forma que apareceu – repentina e sorrateiramente?

Amplio o desafio aos meus amigos que ocuparam algum tipo de cargo de destaque na sociedade, inclusive na gestão pública.

É verdade, ou não, que o séquito de admiradores e de “amigos” desapareceu, como num toque de mágica?

Na verdade, o poder atrai alguns “amigos” da mesma forma que a carne podre atrai vermes necrófagos.

Ou melhor, o poder atrai espécies raras de parasitas que não têm preferência por um ou outro tipo especial de detentor do poder.

Estes parasitas dependem do poder.

Se nutrem dos hospedeiros, independentemente de quem sejam.

E, por isso, vale tudo para permanecer no poder.

Como disse Tim Maia: “Vale, vale tudo. Vale o que vier. Vale o que quiser [...]”.

Vale, inclusive, transvestir-se de “amigo” para garantirem que os seus interesses serão contemplados.

Padre Antônio Vieira foi taxativo ao dizer que “quem não tem poder não tem amigos”.

Concordo, parcialmente, com o religioso jesuíta.

Penso que quem tem poder tem poucos amigos, verdadeiros.

Concluo, citando Georges Bourdeau: “Existe poder em todo o fenómeno onde se revela a capacidade de um indivíduo em obter de outro um comportamento que este não teria adoptado espontaneamente”.

Neste pensamento se enquadra as “amizades” por interesse.

Portanto, procure ficar atento para não cair nas artimanhas de “amigos” fiéis do poder efêmero que temporariamente é ocupado por você.

Há, felizmente, amigos de verdade.

Poucos, mas existem!

É por estes amigos especiais e verdadeiros que rezo às noites.

Oro pelos que, mesmo distantes, sabem o que sinto e do que careço.

Rezo pelos que, cotidianamente, me demonstram carinho, afeto e atenção.

Peço a Deus pelos que sempre estiveram ao meu lado, nos momentos alegres ou tristes da minha vida ou nos momentos de derrotas e de vitórias da minha caminhada.

Enfim, oro pelos amigos de verdade, para além dos interesses imediatistas.

Por eles e para eles, minhas especiais expressões de gratidão e de apreço.

## VENTO

Vento.

De onde vens?

Trazendo encerrado em si mesmo,

A brisa praieira das águas do Atlântico?

Ou o sopro quente dos verões de Andaluzia?

Vento.

De onde vens?

Trazendo encerrado em si mesmo,

O cheiro de terra árida e molhada dos Velhos Cariris?

Ou a olência sutil das flores frescas das ruas Cordobesas?

Vento.

De onde vens?

Trazendo encerrado em si mesmo,

Os sons ritmados do arrasta-pé no chão batido do Sertão?

Ou as palmas sincronizadas das noites de encanto flamenco?

Vento.

De onde vens?

Trazendo encerrado em si mesmo,

As memórias adormecidas dos tempos de infância?  
Ou as recordações ressignificadas de adultos momentos?

Vento.

Chega,

Entra,

Sopra

E passa,

Deixando saudade.

## VINHO E ÁGUA

Benjamin Franklin foi destacado jornalista, editor, cientista e diplomata americano, reconhecido como um dos líderes da Revolução Americana e defensor fervoroso das causas abolicionistas, do iluminismo e do calvinismo.

Além das diversas citações relacionadas com as suas experiências com a eletricidade, Benjamin Franklin também deixou-nos frases de forte conteúdo reflexivo.

Das frases deste ilustre enxadrista estadunidense, destaco: “Toma conselhos com o vinho, mas toma decisões com a água”.

Certamente, múltiplas podem ser as reflexões sobre o conteúdo semântico desta frase.

A depender dos contextos vivenciais e dos estados emocionais, a frase pode ter um ou outro sentido.

Ou, inclusive, múltiplos ou nenhum sentido.

A partir dos textos que carregamos das páginas da vida, a frase pode se inserir em intertextualidades diversas.

Com base nestas reflexões introdutórias e à luz da minha leitura de mundo, ousou escrever sobre o que penso desta frase frankiliana.

Por que tomar conselhos com vinho?

Há um ditado popular que diz: “Se conselho fosse bom, não se dava, se vendia”.

De fato, penso que na grande maioria das vezes, um conselho é dado quando o nosso estado de ânimo está completamente propenso a não aceitá-lo.

Talvez por isso, geralmente, o resultado dos conselhos se resume a uma frase peremptória: “Eu não lhe disse! Bem que lhe avisei! Não seguiu o meu conselho, deu nisso!”.

Portanto, se no momento em que alguém nos procura para dar um conselho, o nosso estado de alma já está confuso, nada mais apropriado do que recebê-lo, tomando algumas taças de vinho.

Na pior das hipóteses, relaxa.

O vinho que embriaga é o mesmo que beneficia a saúde.

O vinho que entorpece é o mesmo que relaxa.

O vinho que turva a visão é o mesmo que amplia os sentidos.

O vinho que derruba o corpo é o mesmo que desperta os desejos.

Assim como o vinho provoca múltiplos efeitos no organismo, a depender do copioso consumo ou da salutar moderação, os conselhos invadem as lacunas da alma e, a depender da nossa capacidade reflexiva, podem promover mudanças de atitudes, positivas ou negativas.

Da mesma forma que nem todo vinho é bom, nem todo conselho deve ser “ingerido” e “processado”.

Nem todo conselheiro está bem intencionado.

No entanto, há outra reflexão possível:

Não se trata de ouvir conselho tomando vinho, mas sim, de tomar conselho com o próprio vinho.

Neste caso, penso que o vinho representa o tempo passado.

O tempo passado que se assemelha ao vinho mais encorpado.

O vinho encorpado, mais potente e mais denso.

O tempo passado, denso de experiências existenciais, por vezes ácidas.

O vinho encorpado, não o mais fácil de ser ingerido.

O tempo passado, nem sempre tão suave e palatável.

O vinho encorpado, fortemente marcado pela história de sua própria identidade.

O tempo passado, que não embriaga facilmente, quanto as aparentes suavidades do tempo presente.

Nesta perspectiva, o vinho é o tempo passado que nos aconselha em relação às trilhas a serem seguidas no tempo presente, visando o futuro.

Múltiplas trilhas ou diversos caminhos?

Certamente, a parte final da frase de Benjamin Franklin conclui esta reflexão: “[...] mas toma decisões com a água”.

Se o vinho (tempo passado) é capaz de mostrar múltiplas trilhas ou diversos caminhos, posto que assim também são variados os conselhos que nos são dados, a água (tempo presente) nos oportuniza o cenário translúcido à decisão, ainda que complexa.

Portanto, a água límpida, translúcida e calma pode favorecer a decisão mais adequada em face dos contextos existenciais presentes.

É oportuno destacar que a tradição cultural de tomar vinho acompanhado de água, remete-nos a uma derradeira consideração: O vinho (tempo passado) e a água (tempo presente) estão intimamente vinculados à realidade vivencial.

O vinho (tempo passado), ainda que demasiadamente encorpado, oferece os insumos à reflexão sobre as múltiplas trilhas ou aos diversos caminhos a serem seguidos.

O vinho (tempo passado) é o conselheiro que remete o nosso olhar ao futuro com os pés fincados no presente.

A água (tempo presente) apresenta os insumos à decisão em face das múltiplas trilhas ou dos diversos caminhos que nos são apresentados.

A nossa capacidade de reflexão, alicerçada em olhares que transcendam aos cenários visíveis ou aos horizontes aparentes, nos dá a convicção quanto à decisão a ser tomada.

O acerto ou o equivoco desta decisão se projeta no tempo futuro – intangível e absolutamente imprevisível.

Ao futuro se reserva a atribuição de aferir os acertos ou os equívocos nas nossas decisões.

Finalizando, cito uma das mais expressivas frases de Napoleão Bonaparte: “Nada é mais difícil e, portanto, tão precioso, do que ser capaz de decidir”.

Ser capaz de decidir é olhar o passado, ver o presente e enxergar o futuro, sem embriagar-se com o vinho e nem engasgar-se com a “liquidez” da água.

## VOAR?

Voar com agoniada mansidão no espaço infinito.

Carregar na alma a solidão e a tristeza.

Asas presas à saudade.

De que vale esta sutil liberdade?

Toda a imensidão do céu subordinada às doloridas fragilidades emocionais.

O tempo se confunde com as lacunas destas inquietudes.

Assim, valeria a pena voar?

Onde está o ninho acolhedor para pousar?

De que vale a segurança de um ninho vazio?

Este é o dilema:

Um ninho vazio ou a liberdade para voar, sem saber o itinerário a seguir?

## VOLTAR AO PASSADO

Há quem afirme que a felicidade não está no fim da caminhada, mas sim, no próprio caminhar.

Nas trilhas da minha caminhada, buscando a almejada felicidade, por vezes, decidi fazer um caminho de volta ao passado.

Tentei percorrer os mesmos caminhos, as mesmas trilhas ou as mesmas encruzilhadas do passado, a fim de ressignificar os desafios não superados.

Nestas tentativas, também busquei reconstruir as mesmas pontes que me aproximaram, de alguma forma, das outras pessoas que fizeram parte dos meus cenários existenciais pretéritos.

Talvez a explicação desta tentativa de reconstrução das trilhas do passado esteja na dimensão psicológica.

Seria esta volta ao passado uma forma de *fechar* as gestalts abertas?

Não sei ao certo a explicação – e isso pouco importa.

Nem busco as respostas – nem mesmo as mais racionais.

Apenas registro: Não valeu a pena retornar aos caminhos do passado.

Consegui, apenas, reabrir feridas que já estavam cicatrizadas na pele intangível da alma.

Assim, penso que a caminhada é sempre uma marcha à frente - ao futuro.

Uma caminhada ao futuro, ainda que incerto e imprevisível, acalenta a alma com uma esperança vivificante.

Esta esperança alimenta os nossos sonhos e as nossas ilusões.

Voltar ao passado é forçar a inversão da marcha inexorável da vida, rumo ao futuro.

Para certas páginas escritas no livro da vida que reavivam sofrimentos, perdas, tristezas, mágoas, decepções ou outros sentimentos negativos, é melhor buscar o estratégico esquecimento.

Neste sentido, invoco uma das frases mais célebres do cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta carioca Machado de Assis, quando assevera:

“Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito”.

Definitivamente, esquecer, vale a pena.

Voltar ao passado, não vale a pena.

Afinal, como diz a canção popular: “[...] quem vive de passado é museu”.

## ZÉ, FELIZ, DA ROÇA!

Um homem da roça.

Mais um Zé como milhares de outros espalhados no Brasil.

Uma casa singela.

Um fusca 1978 azul na garagem.

Uma esposa que cuida, sozinha, da produção do queijo.

Não de um queijo qualquer:

Do melhor queijo curado das Minas Gerais,

Duplamente premiado.

Um homem da roça.

Este Zé fala com simplicidade da vida.

De uma lida que não tem folga de finais de semana,

Nem feriados,

Nem férias.

É trabalho contínuo:

De sol a sol.

Quando está cansado ou lhe faltam as “ideias”,

Este Zé olha as montanhas,

Alimenta os seus animais,

Escuta o cantar dos canários da terra,

Ou do João-de-barro.

É um Zé da roça.  
Que vive com muito pouco.  
Mas que tem muito daquilo que nos falta.  
Nunca teve uma dor de cabeça.  
Jamais tomou um comprimido.  
Injeção? Tá louco!  
Um Zé brasileiro,  
Que se faz alegre por viver na roça,  
Com muito pouco,  
Não quer ter mais dinheiro,  
No supermercado apenas compra  
Sal e pouco açúcar.  
Da terra colhe o que come.  
Pouca carne.  
Prefere um ovo frito.  
E não dispensa uma “lapadinha” de cachaça,  
No final da tarde,  
Tirada o gosto com um pedaço de queijo,  
Nada de excesso.  
Para este mineiro,  
Todo excesso faz mal.  
É um Zé cheio de paz, de tranquilidade  
E de serenidade,  
Estados da alma que na cidade,  
Corremos tanto,  
Mas nunca encontramos.

Seu Zé, o senhor é feliz com tão pouco?

E para que ter mais?

Como eu queria ser mais um Zé,

Cheio de felicidade,

Morando na roça.

**Sobre o livro**

|                                     |                         |
|-------------------------------------|-------------------------|
| <b>Projeto Gráfico e Editoração</b> | Leonardo Araujo         |
| <b>Design da Capa</b>               | Erick Ferreira Cabral   |
| <b>Revisão Linguística</b>          | Antonio de Brito Freire |
| <b>Normalização Técnica</b>         | Jane Pompilo dos Santos |

|                              |                               |
|------------------------------|-------------------------------|
| <b>Impressão</b>             | Gráfica Universitária da UEPB |
| <b>Formato</b>               | 15 x 21 cm                    |
| <b>Mancha Gráfica</b>        | 10,5 x 16,5 cm                |
| <b>Tipologias utilizadas</b> | Adobe Caslon Pro 12 pt        |

